

Introdução

Parece haver em todas as religiões que se autodenominam cristãs o emblema da fraternidade, usualmente associado à doação de esmolas, de alimentos, distribuição de sopas e agasalhos, auxílio a órfão e viúvas, visitas a hospitais e asilos, realização de mutirões etc. A importância do amor ao próximo na vivência das religiões é um assunto que esteve bem presente nos discursos de filósofos, pregadores e seguidores das mensagens do Evangelho, e continua em voga, desdobrando-se em diversas ações e iniciativas que visam aproximar os carentes das manifestações do amor de Deus. O voluntariado religioso se caracteriza por atuações de grande e pequena proporção, realizadas em domínios locais e transnacionais. Essas benesses se encontram mescladas com uma filantropia leiga, localizada já majoritariamente em âmbito institucionalizado, que ajuda a formar uma rede complexa de categorias beneficentes, que, ao menos no Brasil faz confundir o limite da caridade religiosa e das ações profissionais em benefício social¹. O cenário das diversas ações em combate à pobreza é bem analisado no discurso acadêmico, contudo, apresenta poucos trabalhos dedicados especificamente à análise de entidades e organizações criadas por denominações evangélicas e à compreensão das parcerias que são propiciadas a partir delas. O percurso trilhado nessa dissertação, assim, está orientado pelo esforço de desvendar as peculiaridades do conjunto de práticas sociais de uma das igrejas de maior destaque nos dias de hoje – a Igreja Universal do Reino de Deus.

A Universal do Reino de Deus, IURD, é chamada de neopentecostal² do Brasil, juntamente com as igrejas *Internacional da Graça de Deus*, *Sara Nossa Terra* e *Renascer em Cristo*. Surgiu como uma espécie de dissidência da igreja *Nova Vida*, essa última fundada por um missionário canadense no Rio de Janeiro, no final da década de 60. Um dos fiéis – o hoje conhecido Edir Macedo – juntamente com alguns outros membros, criou em 1975 a cruzada do *Caminho Eterno*, que por sua vez gerou nova dissidência em 09 de julho de 1977, já conhecida desde tal momento como a Igreja Universal do Reino de Deus, organizada na época

¹ De fato, um nítido limite entre essas duas esferas se configura apenas como um recurso analítico.

² O neopentecostalismo é conhecido como a terceira onda do movimento pentecostal datada de meados da década de 70 (segundo as classificações de Paul Freston). Apesar de até então não ser possível encontrar aqueles que se autodenominam neopentecostais, contrariamente aos pentecostais das primeiras ondas que reconhecem e assumem para si essa nomenclatura, entende-se esse movimento como a contemporaneidade do pentecostalismo. Suas principais características podem ser assim resumidas: esses fiéis promovem grande liberdade quanto às representações em torno do corpo, usam meios de comunicação de massa para fins proselitistas, exacerbam a guerra contra o diabo, dão grande ênfase ao processo de libertação para alcance da cura divina por meio da fé, aderem e acentuam a pregação da Teologia da Prosperidade (ver entre os muitos textos produzidos sobre o assunto as discussões de: Mariano, 2005; Giumbelli, 2000; Mendonça, 2008; Montero 1999; Montero e Almeida 2000; Pierucci, 1996, 2004, 2006 e Siepierski, 2001).

por Macedo, pelos irmãos Coutinho, por Romildo Soares e por Roberto Lopes. Entre uma e outra cisão, Macedo sozinho assumiu a liderança da Igreja. A Igreja Universal cresceu e se multiplicou amplamente por todo o território brasileiro, mesmo com as acusações que Macedo recebeu de charlatanismo, estelionato, curandeirismo; bem como sua conseqüente prisão, o assédio da imprensa, o envolvimento da liderança da igreja na política, e os casos exóticos como o tão conhecido “chute na santa”, realizado pelo bispo Sérgio Von Helde, também da Igreja Universal. Tanta especulação em torno dessa organização religiosa, ao invés de despertar suspeita, parecia incitar ainda mais a procura dos fiéis pelos milagres extraordinários tão prometidos. Em 1990, a Igreja Universal chegou a agregar 269 mil pessoas, cifra que atualmente, após cerca de 20 anos, parece chegar a 8 milhões (Mariano, 2004; Lima, 2010).

Pregadora ferrenha das concepções da Teologia da Prosperidade³ – ênfase que sugere que as bênçãos de Deus e as promessas feitas no Velho Testamento se estendem ainda hoje aos fiéis que se valem da fé e a confirmem por meio de doações – a Universal é conhecida por seu proselitismo forte e pelos intensos rituais de libertação que realiza. Agregando público feminino significativo, e em geral pessoas com baixa renda e pouca escolaridade, sua apresentação quase dispensável se faz necessária quando o assunto são as obras de caridade que ela desenvolve. A maioria dos dedicados fiéis da Igreja desconhece a filantropia praticada pela IURD e alguns pesquisadores da religião muitas vezes não chegam a mencionar outras atividades filantrópicas exercidas para além da *Associação Beneficente Cristã* (que era até então a maior entidade da Igreja responsável por organizar distribuições de donativos). Frente a isso, e a partir da inquietação sobre como se interpõem obras sociais mediante um discurso atraente de prosperidade individual obtida através do desafio a Deus, uma pergunta é posta desde o início desse trabalho: quais são as benesses praticadas pela Igreja Universal e o que elas significavam para os fiéis e para sua liderança?

Buscando compreender a prática caritativa desses evangélicos, abro essa dissertação então, apresentando logo no primeiro capítulo, as condições de produção do que seguirá exposto, optando por antecipar a explanação das contingências enfrentadas e das conseqüentes opções metodológicas que se fizeram necessárias a partir de certas limitações. Além da realização do trabalho de campo de quase um ano que me permitiu obter

³ Sumariamente pode ser sintetizada na crença de que por meio de orações, fé e doações é possível usufruir das bênçãos e felicidades propiciadas por Deus ainda na terra. Uma síntese sobre a Teologia da Prosperidade pode ser encontrada em Mariano, 2005, p. 147-186.

informações através dos muitos contatos com assistidos diversos, voluntários e pastores, foram pesquisados também jornais impressos da Universal, reportagens publicadas em seu portal de notícias (que possui volume considerável de postagens diárias), além de *sites* e *blogs* que retratavam as ações sociais da IURD, todos referentes aos anos de 2009 e 2010.

Após expor as opções metodológicas apresento, no segundo capítulo desse trabalho, um panorama introdutório sobre as mudanças mais significativas da ação social praticada por católicos e evangélicos no Brasil, fazendo um recorte transversal centrado em algumas das ações mais expressivas do século XX. Essa breve pontuação visa recuperar as principais transformações da assistência social retomando os quadros de análise sugeridos por Max Weber para a compreensão da caridade e os quadros dados por alguns cientistas sociais brasileiros, que fornecem formas distintas de pensar a filantropia religiosa. Essa exposição vai acentuar, quando recuperada ao longo do texto, o modo como a caridade da Igreja Universal do Reino de Deus apresenta-se relativamente diferenciada quando comparada aos caminhos já trilhados por católicos e evangélicos brasileiros.

Recentemente, alguns sociólogos e antropólogos⁴ da religião dedicaram-se, mesmo não tomando a prática fraterna como objeto específico de suas produções, a explicar a assistência da IURD. Eles enxergaram-na, de modo geral, ora como proselitista, ora como uma forma de rebater as muitas críticas que essa Igreja vinha sofrendo por parte de grandes mídias, e ainda, ressaltando a relevância dessas ações como estratégias interessantes de reprodução da organização e reforço da identidade da denominação religiosa. A exposição dessas abordagens encontra-se situada no terceiro capítulo do texto⁵.

Já o quarto capítulo é voltado à descrição de algumas das principais obras realizadas pela IURD nos demais países do mundo. A caridade observada fora do Brasil se mostrou

⁴ Parte da literatura antropológica a respeito da Igreja Universal do Reino de Deus e de suas devoções pode ser encontrada em Apgaua, 1999; Oliveira, 1996; Perez, 2000; Perez e Oliveira, 2000 e Séman, 2001, sugerindo compreender as doações como sacrifícios conforme sugere a perspectiva da dádiva maussiana (Mauss, 2001). Além de Mauss, são utilizadas como referências dessas abordagens Bourdieu, 1996; Caillé, 1998; Giumbelli, 2002; Godbout, 1999; Sanchis 2001, 2007, Sigaud, 2004; Velho, 1995, 1998; Tremblay, 2001 e, ainda, em certo sentido, Rorty, 2004 e Vatimo, 1998, 2004.

⁵ Um trabalho recente e específico sobre a caridade da Igreja Universal é a tese de doutorado de Eva Scheliga, depositada em dezembro de 2010 na Universidade de São Paulo. Essa tese, todavia, não menciona as mudanças da caridade Iurdiana a partir dos três eixos que serão apresentados como defendidos pela IURD sendo aparentemente os mais importantes (*Projeto Jovem Nota 10, Fundação Pestalozzi e Fazenda Nova Canaã*, posteriormente descritos). Através da comparação entre as ações sociais dos Universais e de outros protestantes, a autora oferece uma análise minuciosa da trajetória da beneficência da IURD que veio substituindo o assistencialismo emergencial por empreendimentos pautados nas concepções de responsabilidade social e cidadania, e fomentados por ideais de evangelização que mobilizam um “saber fazer”. Os principais pontos abordados pela autora serão tratados nesse terceiro capítulo.

inicial e substancialmente emergencial⁶, sendo substituída aos poucos por uma filantropia voltada aos membros da própria Igreja, demonstrando a relevâncias das ações assistencialistas para o engajamento dos fiéis e inserção da IURD na localidade, culminando na retroalimentação do trabalho proselitista. A filantropia transnacional enfatiza aspectos distintos da Teologia da Prosperidade, deslocando o apelo ao dinheiro do centro dessa perspectiva e ressaltando ganhos emocionais e sociais como formas de sucesso. Esse movimento me fez pensar em duas hipóteses que seguiram no capítulo seguinte a fim de suscitar as chaves de interpretação para compreender o significado da caridade da Universal no Brasil. De um lado, a primeira hipótese era a de que a frequência aos cultos e contato dos membros carentes com os líderes religiosos poderia criar, a partir do desenvolvimento de novas modalidades de contato, demandas específicas de ajuda, como as educacionais, por exemplo, voltadas para membros da Igreja; e de outro, uma segunda hipótese seria a de que a concepção que Deus pode prover prosperidade monetária, quando não alcançada, poderia ser suprida pela caridade sanadora do mau uso da fé por parte dos fiéis.

A partir dessas inquietações, o capítulo seguinte foi direcionado ao detalhamento das obras sociais da IURD no Brasil, retratando as ajudas já conhecidas e que aparecem nas mídias da Igreja como de maior relevância, dando destaque, além disso, ao que denomino no decorrer da argumentação de “paradigma carioca” – um modelo (talvez temporário) de ação social que atualmente predomina em muitos estados brasileiros. Mas as observações da caridade da Igreja Universal no Brasil acabaram por fazer com que as suposições postas como hipóteses não resistissem por muito tempo. Tornando essa perspectiva ainda mais interessante, algumas mudanças de extrema relevância ocorreram nos três últimos anos, deixando o mosaico dessa filantropia um pouco mais complexo. Após o penúltimo trabalho encontrado sobre a caridade da IURD (datado de 2007⁷) ocorreu o fechamento de muitas das entidades locais que atendiam sobre a rubrica da *Associação Beneficente Cristã (ABC)*. O programa educacional *Jovem Nota 10* saiu de cena devido à evidência das ações de figuras

⁶ Ao longo do texto, as expressões “emergencial” e “tradicional” devem ser compreendidas como as práticas sociais, cunhadas em grande medida pela filantropia católica, que compreendem a assistência imediata aos necessitados, como distribuição de agasalhos, sopas, itens de higiene e/ou realização de mutirões sociais para doação desses e de outros itens.

⁷ O penúltimo texto acadêmico em que aparece a análise de um dos três eixos mencionados é o de Raimunda Célia Torres, que aborda de maneira sistemática a ABC. Seu trabalho intitulado de “A trajetória da assistência na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD): configurações e significados – um olhar sobre a Associação Beneficente Cristã (ABC) do Rio de Janeiro” é uma tese de doutorado defendida em agosto de 2007 e vinculada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião (PPCIR) da Universidade Federal de Juiz de Fora. Infelizmente esse trabalho se encontra indisponível para consulta.

públicas, principalmente no Rio de Janeiro. Além disso, a *Fundação Pestalozzi* (orientada para assistir deficientes), que mantinha parceria aberta com a Igreja e era um de seus grandes trunfos de promoção social, passou a atender pelo nome de ABADS (Associação Brasileira de Assistência e Desenvolvimento Social) e a estar vinculada não mais diretamente à IURD, mas ao *Instituto Ressoar* (braço assistencial da Rede Record), deslocando o eixo de ligação que era mantido especificamente entre a *Pestalozzi* e a Universal. Por último, a Fazenda *Nova Canãa* (responsável pela subsistência de pessoas antes vitimadas pelas secas da região baiana), que encabeçava o *Projeto Nordeste* (destinado a socorrer carentes do semiárido), foi saindo paulatinamente do foco das mídias Iurdianas e perdendo, igualmente, o potencial de repercussão positiva que desempenhava no papel de assistir a pessoas atingidas por fenômenos naturais.

O movimento de alternância das práticas de assistência se comprovou como comum / típico da Igreja Universal quando observei a filantropia Iurdiana mineira, cuja assistência não corresponde ao observado dos demais estados. A descrever o assistencialismo realizado a partir da coordenadas dos líderes de Belo Horizonte reservou-se o sexto capítulo desse trabalho. Sem praticar ações sociais direcionadas a não crentes, e deixando de lado a prática emergencial, os mineiros também não desenvolvem uma filantropia centrada em figuras públicas ou parcerias políticas evidentes. Predominam cursos de caráter educacional, destinados, entretanto, a um volume bem pequeno de membros, se levado em conta o grande percentual de pessoas que frequentam os cultos todos os dias. Frente a esse cenário, faltava-me vislumbrar, então, quais eram os alicerces dessa outra modalidade de ajuda fraterna; conclusões que quando postuladas significam que a Igreja Universal dá um salto no sentido de diversificar as formas atuais de ajudar os necessitados, amparadas por outras motivações e funcionalidades.

O capítulo sete, enfim, fecha essa dissertação apresentando as considerações que tentam explicar os “tubulões” sustentadores da caridade da IURD de Minas Gerais, evidenciando o requerimento de um “jeito de ser” específico para que haja recebimento das benesses. O modo como os Iurdianos desenvolvem as ações sociais em Minas ressalta que são acionados distintos “modelos” de assistência social nos diversos lugares em que a Igreja está inserida, rubricas sob as quais se desenvolvem distintas formas de fazer ação social. Os dizeres que se encontram no excerto retirado do *site* da IURD declaram, nas palavras deles, os intuitos dessas ações:

“O amor tem o poder de transformar e erguer o caído. (...) O amor é um dom de Deus. E somente aquele que está perto dEle consegue sentir. Um exemplo de amor ao próximo são os voluntários da Igreja Universal do Reino de Deus

(IURD) espalhados por todo o Brasil e ao redor do mundo. Eles dedicam suas vidas, visitando diariamente comunidades, hospitais, além de abrigos, asilos, presídios e casas de recuperação de drogados. O objetivo é levar uma palavra de fé aos que ainda não experimentaram a misericórdia do Senhor Jesus” (Fonte: <http://www.arcauniversal.com/iurd>).

As elucidações que seguirão nesse trabalho visam por em palavras as consequências “não premeditadas” dessas misericórdias, mostrando outra face da dinâmica central da “guerra espiritual” vivenciada pelos Universais: a da disputa entre eles mesmos. Os argumentos que serão apresentados procuram evidenciar como esses membros ocupam posições distintas e bem marcadas a partir da participação nas diversas atividades desenvolvidas sob a alcunha da assistência, e ainda, acabam por reforçar a fé em Deus e as concepções de prosperidade arraigadas em suas crenças. Desse modo, fazer o bem ao outro se torna um dos possíveis e aspirados meios de ascender na rígida hierarquia da Igreja. Abre-se a discussão.

1. Condições de produção do texto e definições metodológicas

Para pensar qual o significado da filantropia Iurdiana era preciso observar como se desenvolviam essas práticas, em quais espaços elas eram realizadas, quem eram os ajudadores e os necessitados, se havia algum tipo de remuneração dada aos colaboradores, se o assistencialismo contava com um corpo profissionalizado para desenvolver as ajudas providenciadas pela Igreja e, ainda, se temas da filantropia leiga, tais como o de responsabilidade social, promoção da cidadania e direitos dos pobres apareciam nos discursos que acompanhavam essas práticas. Esses eram objetivos organizados em pontos/perguntas iniciais a serem respondidos durante a pesquisa. Desde já ressalto que os vocábulos utilizados nessa dissertação, como “fraternidade”, “assistencialismo”, “caridade” e “ação social”, são empregados no decorrer do texto em um mesmo sentido, a fim de apontar para a descrição das obras sociais da IURD. Contudo, esse viés não significa o entendimento de que tais práticas são um conjunto homogêneo de ações e significados. Porém, uma superposição terminológica foi observada na própria prática Iurdiana e, em razão disso, ela foi estendida ao texto, marcando o fato de que uma distinção minuciosa teria pouco a acrescentar para a abordagem e os sentidos percebidos.

Buscando alguém que pudesse me ajudar a acessar a Igreja Universal para dar início às observações, eu me reaproximei de uma conhecida que já frequentava a Universal há 08 anos e tinha um relacionamento próximo com algumas pessoas da liderança. Assim, solicitei a ela que pudesse me apresentar a algum pastor ou voluntário envolvido nas obras sociais para uma conversa informal sobre o trabalho com os pobres. Foi nessa ocasião que descobri que as obras Iurdianas de Minas Gerais tinham uma “sede” na qual eram realizadas as atividades sociais e as reuniões que orientavam voluntários das IURDs regionais para o exercício fraterno que acontecia fora da Catedral de Belo Horizonte (essa sede será posteriormente denominada de “Casa Rosa”). Se tratando de práticas sociais, que geralmente são regulares ou se organizam em função de determinada periodicidade, se comprovava a impressão inicial de que uma observação participante seria de fato o melhor método para a análise do tema proposto. Bastava saber se era possível colocá-la em prática.

Antes do primeiro contato com o pastor da Igreja Universal, tive uma inserção frustrada na Igreja *Sara Nossa Terra*, quando solicitei o acompanhamento das atividades de assistência desenvolvidas por eles, uma vez que o projeto inicial dessa dissertação consistia em realizar uma comparação entre o assistencialismo de duas denominações neopentecostais. Apesar de eu ter apresentado todas as credenciais requeridas e de certo modo impostas como

necessárias, como o comprovante de vínculo com um programa de pós-graduação e ter experiência evangélica (até os 18 anos eu frequentei uma igreja presbiteriana em Belo Horizonte de grande destaque), e alegando a idoneidade do trabalho acadêmico, ainda assim, eles solicitaram um prazo para analisar o pedido. Felizmente não aguardei mais de dois meses, pois a resposta de tal análise, apesar de meus e-mails e visitas insistentes, nunca chegou. Em função disso, quando procurei pela melhor forma de iniciar o trabalho de campo na Universal, com um pouco menos de ingenuidade do que a que expus sobre as tentativas na igreja anterior, eu procurei alguém que pudesse “garantir” minhas credenciais ou ao menos proporcionar-me uma rotina de entrevistas, se fosse o caso. Esforcei-me para que esse contato desse certo, em função do tempo curto de um trabalho dissertativo. Jamais imaginava a relevância desse caminho de “indicação”. Posteriormente pude perceber como ele se aplicava de maneira ainda mais importante para restringir/selecionar os próprios membros que recebiam a assistência Iurdiana.

O presente trabalho, portanto, foi realizado em Belo Horizonte, durante o ano de 2009 e 2010 com um “campo” que teve duração de quase um ano, interrompido apenas por um mês de férias coletivas dos voluntários da Igreja Universal, férias referentes ao período das festas de dezembro a meados de janeiro. O programa observado foi o que organiza as atividades sociais de Minas Gerais, a saber, o *A Gente da Comunidade*, que me permitiu, uma vez ali inserida, o contato periódico com voluntários diversos, beneficiados e pastores. Por meio dessa observação pude adentrar quase diariamente um espaço restrito a poucos e selecionados membros, ocasiões em que conheci a rotina e o funcionamento da maior parte das atividades de assistência realizadas, incluindo a participação em reuniões administrativas e deliberativas. Talvez por não perceber de imediato a importância de ter sido indicada por minha conhecida, achei fácil acessar os pastores e voluntários da Universal, e os tive na conta de mais receptivos que os da igreja anterior. Mas com o passar dos meses, as exigências de que eu me vinculasse à IURD aliada ao meu inegável “jeito de **não** ser Universal” foram tornando a convivência particularmente delicada, e antes mesmo que eles pudessem me convidar a deixar de observá-los, interrompi o período de observação. Como o trabalho de campo tinha sido razoavelmente satisfatório para alcançar os quesitos “variância” e “saturação”⁸ tentei garantir ao menos que as inevitáveis consequências da “invasão” de um pesquisador não pudessem causar danos significativos aos pesquisados ou comprometer os dados recolhidos, inviabilizando assim a divulgação posterior dos resultados desse contato.

⁸ Conferir as discussões sobre confiabilidade e validade de pesquisa de Babbie, 2004 e Dykema e Schaeffer, 2000.

Infelizmente meu conhecimento sobre a positividade de submeter essa forma de inserção no campo e metodologia de coleta de dados ao *Comitê de Ética de Pesquisa* foi alcançado com o trabalho já relativamente desenvolvido, fato que considero uma das principais limitações que o presente texto carrega em sua constituição enquanto trabalho científico⁹. O que de alguma forma minimiza o impacto dessa ausência é que muitas das informações por mim utilizadas encontram-se publicamente disponíveis em *sites* e *blogs*, bem como em páginas pessoais dos envolvidos. Ademais, grande parte das contribuições dos Iurdianos à minha pesquisa foi “negociada” em troca de minha prontidão em ajudá-los na realização de algumas das iniciativas sociais, e de meu explícito interesse em ouvir alguns “desabafos” sem apresentar juízos religiosos. Essa espécie de *trade off* se colocou como condição *sine qua non* para a realização da pesquisa de campo, atenuada, acredito, pelo compromisso de boa fé da pesquisa acadêmica e pela preocupação sociológica – para os atores envolvidos pouco interessante e até mesmo confusa – que levei comigo tentando alcançar certa neutralidade. Apesar disso, minha posição de pesquisadora foi declarada explicitamente desde o início, condicionando minha disponibilidade frente à autorização de permanência. Embora essa posição pudesse levar a “riscos” consideráveis, acho que ela pôde me fornecer mais substratos que problemas. Como a abordagem teórica proposta não era de interesse dos evangélicos Iurdianos, e meu acesso a esses bastidores não produzia diretamente resultados nem de “desejabilidade” social nem de denúncia difamatória, não sofri qualquer constrangimento por parte dos Universais, embora tenha descartado qualquer possibilidade de *feedback* dos agentes ou de pesquisa de “ação participatória” (PAP), pois eles já o tinham feito bem antes. Acredito que, embora a conclusão sociológica aqui levantada possa incomodar em alguma medida os envolvidos (pois as perspectivas sociológicas sobre os fenômenos religiosos trazem sempre certo desconforto aos fiéis), dificilmente é possível encontrar um compêndio das principais obras sociais desenvolvidas pela IURD tal qual será feito, obras que afinal são muitas de fato, podendo surpreender alguns leitores.

Eis algumas escolhas metodológicas decorrentes então. Como eu não tive acesso irrestrito a todos os participantes da casa onde aconteciam as ações sociais, “optei” pela amostragem de “bola de neve”, ou seja, uma pessoa indicando outra, pois a via da indicação era a única forma de conversar com muitos deles, visto que todos sempre estavam demasiadamente ocupados com as muitas funções, o que aos poucos foi descortinando aos meus olhos as precariedades da caridade mineira. Não chamo de entrevistas as conversas que

⁹ As reflexões sobre ética na pesquisa utilizadas para pensar a metodologia desse trabalho podem ser encontradas em Babbie, 2004; Scarce, 1999; Whyte, 1993; Rouanet, 1990; Oliveira, R., 2006 e Nunes, 1978.

mantive com os vários envolvidos na ação social da IURD, pois não recebi autorização de gravá-las, não as pude fazer mediante um roteiro de perguntas previamente estruturado e, alguns desses diálogos, não passaram de 20 minutos. Em contrapartida, outras vezes, quando tinha a permissão de registrar as conversas, escolhi não fazer nem por meio de tópicos em um papel, para não perder a pequena abertura dos que me prestavam informações que ao ver deles eram tidas como privilegiadas. Como a Igreja Universal já foi alvo da crítica de muitos pesquisadores, de leigos, de jornalistas e até mesmo de ex-líderes da IURD (obreiros, pastores, bispos) adentrar o espaço da filantropia da Catedral de Belo Horizonte já era, para eles, um grande favor que me concediam. Portanto, esses *accounts* (Orbuch, 1997) foram sendo anotados como relatos, numa espécie não propriamente de caderno de campo, mas de rascunhos que paulatinamente eram relidos, repensados e transportados – da devida maneira – ao corpo desse trabalho.

Com o passar do tempo e aumento de minha interação no espaço, pude ir checando alguns termos que ouvi desde o início, e que cujo conteúdo carecia de ser preenchido pelos próprios pesquisados, ressaltando-se, evidentemente, que tais expressões muitas vezes não se apresentavam como “totalidades” claras e suficientes. Posso citar como exemplo os significados (tratados ao longo dos demais capítulos) das expressões “fé arrojada”, “ganhar almas”, “guerrear”, “tomar posse”, entre outras formas de pensamento que viriam a amadurecer e ampliar meu entendimento a respeito, inclusive, dos artigos e livros acadêmicos que eu estava lendo sobre a Igreja Universal na época. Algumas das coisas que aprendi durante o período que passei com eles configuraram palavras das quais lancei mão para que, de algum modo, sintetizassem determinadas circunstâncias, valores e crenças desses membros; complexidade difícil de descrever, mas da qual raramente nos esquecemos ao convivermos com um deles. Eis as principais expressões: “jeito de ser Universal”, “paradigma carioca”, “*ethos* empreendedor disciplinado”. Esse último, fruto do diálogo com o pesquisador Marcelo Camurça, no momento de defesa da dissertação.

Na Universal convivi com três pastores, sendo que dois deles pouco acrescentaram à pesquisa, pois eram auxiliares e cuidavam de outras áreas (apesar de frequentemente se envolverem com a assistência social no intuito de abençoar os voluntários participantes). O outro, responsável por gerenciar todas as atividades caritativas do estado de Minas Gerais, conversou comigo muitas vezes e me concedeu informações fundamentais sobre o que os Iurdianos realizavam, quais eram as periodicidades de cada benesse, quem eram os parceiros da IURD e como eram alcançadas ajudas decorrentes dessas parcerias. Como nossa faixa etária era bem próxima e ele era recém-chegado na tarefa de sozinho coordenar as obras

sociais de Minas Gerais, parece que a simpatia que manteve em relação a mim o fez inclusive se informar de detalhes que até ele desconhecia para que pudesse me explicar minúcias que com as quais tive dificuldade. Além disso, esse pastor me apresentou a maior parte dos coordenadores dos cursos, com os quais pude conversar sobre as especificidades de cada tarefa. Obviamente, toda essa cordialidade não durou muito tempo, pois ele nutria expectativas de que eu tivesse uma “conversão efetiva” (digo isso porque mencionei para ele que uma vez que já tinha ido ao culto da IURD) e que, sendo universitária pós-graduanda, pudesse me juntar ao grupo de membros da Igreja. Não posso deixar escapar que o fato de eu me apresentar como uma pessoa “relativamente evangélica” me possibilitou acessar códigos, experiências e pessoas que provavelmente me seriam vedados caso eu me declarasse de outra religião. Assim como esse viés corroborou para validar algumas observações pretendidas, por outro lado, reconheço que pode ter obscurecido significativamente outras, visto que determinadas percepções necessitariam uma posição de pesquisa que minha própria “confissão religiosa” me impossibilitou alcançar. Fui considerada para alguns conhecidos acadêmicos como sendo muito religiosa, e para alguns dos religiosos, como alguém que fazia críticas contundentes demais; posição essa compartilhada por muitos estudiosos que professam alguma fé.

Além dos pastores que conheci, coletei relatos (histórias e explicações) de seis dos oito coordenadores dos projetos sociais desenvolvidos. Porém não consegui conversar com as responsáveis pelo curso de cabeleireiro, de inglês e de artesanato. Essas três mulheres só frequentavam o espaço de assistência no dia e horário em que ministravam as aulas, e quase não compareciam às reuniões quinzenais em que o pastor orientava todos os voluntários dos projetos. Além desses contatos, por sugestão do pastor coordenador das obras sociais, participei como voluntária do programa de alfabetização que era oferecido duas vezes por semana, com aulas de 02 horas. Eu chegava bem mais cedo e isso me permitia muitas vezes sentar na sala anterior à recepção, onde era feita a “triagem” dos assistidos (no caso de virem encontrar com os assistentes sociais ou com as advogadas). Assim como numa sala de espera de atendimento médico, eu conversava com eles (que vez ou outra voltavam para uma segunda e terceira visita), fato que ampliou ainda mais meu horizonte de compreensão do assistencialismo Iurdiano. Além do contato com essas pessoas, me tornei bem conhecida dos alunos do curso de alfabetização que compunham a maior turma de todas as atividades oferecidas, eram 25 pessoas, apesar de nem todas irem às aulas regularmente. Com esses assistidos também pude esclarecer dúvidas e aumentar o campo de observação. Um adendo: o acesso ao trabalho com os presidiários me foi proibido por restrição de gênero, pois, segundo

os demais voluntários, o trabalho com presidiários era realizado apenas por homens (o que parece oposto a alguns relatos de que há mulheres assistindo às carcerárias em Belo Horizonte).

Fora da Igreja Universal, recorri ao jornal de circulação nacional e periodicidade semanal produzido pela IURD, a *Folha Universal*. Tive acesso a muitos jornais impressos, pois são distribuídos na própria Igreja, e também aos jornais que eram anteriores à minha inserção no campo, pois estavam disponíveis em versão digitalizada *online*, dispositivo que eu utilizei para compor num mesmo arquivo as reportagens mais importantes que encontrava no jornal impresso. O critério de leitura que utilizei foi o de selecionar as reportagens por ordem cronológica, exportando-as para um documento que me possibilitava aumentar a letra das notícias, formar um arquivo com todas elas, lê-las com tempo, e ainda, buscar todos os relatos sobre um mesmo programa social, independente de data e estado em que era realizado, permitindo assim comparar se tal programa ocorria segundo um “padrão” ou guardando similaridades. A arbitragem da seleção das notícias seguiu o próprio modo de organização dessas reportagens por parte dos Universais, que as dividem em 21 seções distintas dispostas no *site* da *Folha*. As matérias que foram compiladas eram principalmente referentes às seções: *Matéria da capa, Internacional, Nacional e Política e Fé*, que frequentemente traziam notícias específicas sobre a assistência social da Igreja. As demais seções eram visualizadas a fim de que não se perdessem demais relatos sobre as ajudas – descrições que porventura estivessem espalhadas em outras partes. Li também atentamente os testemunhos de superação, os relatos sobre os momentos semestrais da campanha *Fogueira Santa de Israel*, e a seção *Especial* desse mesmo folhetim, que traz periodicamente palavras do bispo Macedo, relatos de casamentos felizes, testemunhos diversos de cura e prosperidade, entre outros que possibilitaram meu entendimento sobre o modo como esses crentes pensam e organizam a vida a partir da fé que possuem. As demais seções traziam notícias gerais sobre saúde, trabalho, entre outros; assuntos que poderiam ser encontradas em qualquer jornal comum.

Outra estratégia que possibilitou cotejar a observação participante através de análise secundária foi a leitura do portal de notícias *Arca Universal* e do *site* oficial da IURD, além de recorrer a muitos *sites* e *blogs* dos programas da Igreja e dos líderes religiosos de maior destaque. O portal *Arca Universal* traz, entre muitas reportagens diversas, menções sobre as atividades sociais realizadas em vários estados do Brasil e em muitos outros países. Também o li em ordem cronológica começando pelas mais atuais, pois as notícias estão dispostas em formato próximo ao de um *blog*; destaca-se o fato de que muitas das ações sociais descritas ali não são encontradas na *Folha*. Os países que mais apareceram nos relatos do assistencialismo

Iurdiano e que conseqüentemente serão mencionados nesse trabalho são: África do Sul, Angola, Portugal, Moçambique, Namíbia e Brasil. No *site* principal da Igreja pude achar ainda reportagens de grande destaque sobre a *Associação Beneficente Cristã* e sobre as outras três aparentemente mais importantes frentes de ação social da Igreja. Na segunda metade do ano de 2010, o *site* foi retirado do ar e as informações contidas nele foram substituídas por pequenos textos dentro do portal *Arca Universal* e nessa transferência, a menção sobre a parceria com a *Fundação Pestalozzi* foi totalmente omitida. O destaque foi dado ao *Projeto Nordeste* e ao *Projeto Jovem Nota 10* (que serão mais descritos com detalhe no quinto capítulo). Mas esses projetos apareceram dividindo espaço com outras iniciativas sociais como o trabalho das mulheres, o auxílio aos presidiários e menores infratores, além do projeto de alfabetização de adultos, juntamente com o *A Gente da Comunidade* (atual organização das ações de assistência a nível estadual, mas que se diferencia razoavelmente dependendo da localidade). Esses vários trabalhos passaram a se destacar na Igreja, além da atividade desenvolvida com as crianças e os movimentos de evangelização, que também passaram a figurar como destaques de obras sociais. Até a finalização do presente trabalho, a reorganização do *site* da Igreja Universal não produziu nenhum texto explicativo mais específico sobre como a IURD organiza sua filantropia. Esses projetos estão expostos no *site* apenas como figuras com *hiperlinks* que direcionam o leitor a uma pequena explicação sobre a atividade, dizeses esses acompanhados por outro endereço de *site*, referente a cada projeto (fonte para consulta: <http://www.arcauniversal.com/iurd/obrassociais>).

Ao todo, foram pesquisados um pouco mais de 60 jornais compreendendo o ano de 2009 e 2010¹⁰, além de todas as notícias da *Arca Universal* correspondentes a esse período (cerca de 1.080 pequenas notícias, algumas incluindo relatos de obras sociais). Apesar de encontrarmos em todo esse material apenas uma única citação de “fracasso” das obras sociais (o problema de embargo do *Projeto Cimento Social* do senador e bispo Marcelo Bezerra Crivella, que será também descrito posteriormente), as demais notícias narram acontecimentos como mutirões, parcerias, campanhas, vigílias, evangelismos, aconselhamentos, eventos, dicas e reflexões diversas. Alguns relatos que interessavam para esse trabalho, intuindo triangular a coleta de dados, puderam ser conferidos também em textos acadêmicos¹¹ e em outros jornais e revistas (que estarão mencionados ao longo da

¹⁰ Haverá ao longo do trabalho poucos relatos referentes ao período de 2011, todos referentes ao mês de janeiro.

¹¹ Dois textos importantes que poderiam conectar a abordagem aqui proposta com análises já consolidadas sobre a Igreja Universal do Reino de Deus não foram citados pela dificuldade de acesso em função de estarem esgotados em suas editoras e de não serem encontrados em sebos ou bibliotecas locais. São eles: ORO, P. e CORTEN, A. *A Igreja Universal do Reino de Deus: novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003 e

argumentação proposta) de modo a comprovar a veracidade dos mesmos e muitas vezes tentar controlar os números superestimados e repetidos que essas descrições apresentavam.

Ressalta-se para o leitor que as aspas duplas estão sendo utilizadas em sentidos diversos. Algumas vezes chamando atenção para expressões muito conhecidas no âmbito da sociologia e que já suscitaram diálogos diversos para além da possibilidade de exemplificação dessa dissertação. Em certos pontos, as palavras aspidas devem ser lidas com cuidado, uma vez que não encontrei melhor nome para descrever ou qualificar aquilo a que se referem. Podem mencionar também termos próprios utilizados por autores em suas publicações e, ainda, conter os excertos de citação. Os termos postos em itálico são referentes a expressões em outras línguas ou a nomes de projetos, campanhas e grupos conhecidos por determinada rubrica, como igrejas, jornais, cruzadas e projetos. Também podem ser referir a títulos de textos e livros ou a determinados excertos de falas dos pesquisados.

Por último, com vistas a preservar a identidade dos envolvidos na pesquisa de campo realizada em Belo Horizonte opto por omitir todos os nomes que os possam identificar, bem como algumas informações que facilitem em demasia o acesso a eles. Nos relatos da filantropia da IURD transnacional, entretanto, muitos dos dados utilizados nessa dissertação são de produção e registro dos próprios líderes religiosos, disponíveis publicamente em *blogs* pessoais ou nos *sites* dos vários movimentos da Igreja; como a menção de alguns programas tem a participação ou criação diretamente relacionada a um nome conhecido, a referência a eles foi eminentemente necessária.

CAMPOS, L. *Teatro, tempo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. São Paulo: Ed. Vozes, 1997. Como parte significativa de seu conteúdo já foi amplamente divulgada e se encontra absorvida em outros textos que versam sobre a temática da IURD, algumas dessas considerações estão citadas via outras referências.

2. Algumas considerações sobre a caridade desenvolvida por católicos e evangélicos no Brasil

A prática da caridade sofreu alterações importantes durante os séculos de existência do cristianismo e das muitas alternativas religiosas que dele se desdobraram. De modo geral, a fraternidade não teve um desenvolvimento linear, o que torna árdua a tarefa de remontar até mesmo algumas das principais transformações da prática beneficente. Para compreender determinadas mudanças das ações sociais religiosas, o primeiro ponto de referência utilizado nesse trabalho é a sociologia weberiana. Max Weber não deixou escapar de suas análises que a natureza da caridade foi se modificando, desde a origem do amor ao próximo como postulado ideal que passou a ser o norteador das relações sociais cristãs até as práticas diversas de assistencialismo, que, aos olhos do autor, só surgiram após certa racionalização da religião.

Em *Rejeições religiosas do mundo e suas direções*¹², Weber aborda o tema da fraternidade procurando mostrar como na religiosidade própria dos vizinhos¹³, os princípios de conduta social e ética existentes foram universalizados em direção a um amor acósmico, sem objeto, tornando-se uma ética religiosa de irmandade, ou seja, dando origem à noção ideal de fraternidade. A ética de “associação dos vizinhos” tinha como preceito elementar a distinção – “nosso grupo” e “grupo exterior” (princípio do dualismo), além da máxima da reciprocidade: “o que fizeres, eu te farei” (Weber, 2002, p. 230). Segundo o autor, esses princípios significaram para a vida econômica a obrigação de prestar ajuda fraternal em caso de necessidade. Os ricos e nobres deviam emprestar sem cobrar juros para os que não eram proprietários, conceder créditos, proporcionar hospitalidade e ajuda. Os homens não proprietários eram obrigados a prestar serviço a pedido de seus vizinhos e na propriedade do senhor sem remuneração a não ser a de subsistência. Com os de dentro, preponderava uma caridade afetuosa. Já com os do “grupo exterior”, valia o regateio nas diversas relações comerciais e a escravização resultante de dívidas.

A religiosidade de congregação foi a responsável por transferir a ética econômica de associação dos vizinhos para as relações entre os irmãos de fé, fazendo do modo de tratar os de dentro um modelo de fraternidade, próprio de religiões universais de salvação, um ideal direcionado não mais só aos de dentro, como também aos de fora, uma postura de caráter

¹² Uma versão desse texto pode ser encontrada na coletânea organizada por H.H Gerth e C. Wright Mills, intitulada *Ensaio de Sociologia*, publicado pela editora LTC em 2002.

¹³ Segundo o autor, a ética de associação dos vizinhos era própria de comunidades aldeãs, clãs e guildas.

universalista. Mas, quanto mais a religião da fraternidade se aproximasse desse ideal, maior seria o choque com as ordens e valores deste mundo. Nas palavras do autor:

“Quanto mais imperativos surgiam da ética de reciprocidade entre os vizinhos mais racional se tornava a concepção da salvação, e mais era sublimada numa ética de finalidades absolutas. Externamente, tais mandamentos chegaram ao comunismo de uma fraternidade afetuosa; internamente, chegaram à atitude de *caritas*, ao amor ao sofredor *per se*, pelo próximo, pelo homem, e finalmente pelo inimigo. (...) A religião da fraternidade sempre se chocou com as ordens e valores desse mundo, e quanto mais coerentemente suas exigências foram levadas à prática, tanto mais agudo foi o choque” (*idem*, p. 230-231).

Mostrando a tensão permanente entre religiões proféticas e redentoras com o mundo e suas ordens (suas diversas esferas) a caridade é mostrada por Weber como uma exigência cristã que não poderia ser levada às últimas consequências enquanto prática. O exercício da caridade afetuosa, prescrito pelo ideal de fraternidade e universalizado a partir da ética de associação dos vizinhos, entrava em conflito com a esfera familiar, econômica, política, erótica, tornando seu exercício uma custosa impossibilidade para o fiel. Para fugir dessas tensões, Weber analisou dois caminhos possíveis de resolução desse impasse: de um lado, o misticismo¹⁴, que exacerbava ainda mais a caridade tornando-a uma atitude desmedida de renegação e, de outro, a ética puritana da vocação. Interessa, para os fins dessa discussão, o caminho desbravado pelo protestantismo ascético, pois seu advento restringiu o afeto caritativo deslocando-o apenas para o serviço aos deficientes e excluídos sociais. Esse caminho trilhado pela ética puritana significou uma verdadeira reviravolta no próprio ideal de caridade. E esse sentido novo de fraternidade foi o caminho tomado pela Igreja Católica, da qual se tratará nas próximas páginas.

A ética puritana postulava que todo o trabalho era rotinizado neste mundo como sendo um serviço à vontade de Deus, limitando assim a prática da fraternidade ideal e dotando de coerência a restrição das ações caritativas. Explicando: A guerra dos protestantes não era contra a aquisição de riquezas, mas sim quanto ao modo de uso dos bens adquiridos, dos quais os homens se viam apenas como fiduciários do que lhes fora entregue por Deus. A posse de bens era condenável apenas no sentido de oferecer o risco do gozo da riqueza e consequente ócio, levando ao relaxamento quanto à “carne” e ao desvio da vida de retidão. Como o trabalho e a prosperidade passaram, pelo ascetismo puritano, a serem formas de confirmação da predestinação à graça de Deus, só poderiam ser ajudados aqueles que fossem inaptos para

¹⁴ Weber mostra que o misticismo representava uma forma peculiar de fuga do mundo, uma “santa prostituição da alma”, que vê o próximo como aquele que cruza ocasionalmente o caminho do indivíduo e se nivelando em valor com ele apenas por seu pedido e necessidade leva a uma entrega altruísta, de amor sem objeto, daquele que “dá a capa quando se pede a túnica”. (Ver Weber, 1991 e 2002).

dedicarem-se à vida de diligência. Ou seja, o ideal de fraternidade, que aparecia como prática aos de dentro e aos de fora no sentido de uma afetuosidade caritativa, se projetava, através da racionalização do trabalho, numa caridade assistencialista voltada apenas para os incapacitados ao exercício de atividades laborais – deficientes, órfãos, injustiçados.

A disciplina do fiel capacitado através da rotinização racional do trabalho traduziu a prosperidade como manifestação da graça de Deus, limitando as ações fraternais a serem realizadas apenas a alguns e de modo racionalmente organizado. O desemprego dos demais era visto como culpa deles mesmos, e a esmola, caso destinada a eles, seria uma violação do amor ao próximo. Assim, o sentido tradicional e anterior de *caritas* foi dotado de outro significado e foi posto como que entre parênteses. Aparece desse modo em Weber:

“As tentativas místicas e intelectuais específicas de salvação frente a essas tensões (com o mundo) sucumbiram por fim ao domínio mundial da não fraternidade (...). Em meio a uma cultura que é racionalmente organizada para uma vida vocacional de trabalho cotidiano, dificilmente haverá lugar para o cultivo da fraternidade acósmica (...)” (*idem*, p. 248).

O rumo da fraternidade na Igreja Católica, ao menos na prática do catolicismo romano, parece mesmo ter seguido esse caminho de restrição da caridade, aliado a uma concepção teológica distinta de sistematizar a ética das boas obras. Esse primeiro quadro a respeito da caridade católica foi dado por Weber em *Economia e Sociedade* (1991), texto em que é possível vê-lo argumentar que a fraternidade católica estava baseava no “princípio de conta corrente”. Cada ato de bondade ou de pecado era avaliado de modo separado, recebendo uma imputação positiva ou negativa. As ações de cada um seriam calculadas em sua proporção de acordo com as intenções individuais, que não eram consideradas qualidades definitivas da personalidade, mas uma questão momentânea de “opinião”. Ou seja, a doação de esmolas pura e simples já significava um aumento nas chances de salvação do indivíduo desde que não pesasse sobre ele um fardo maior de ações negativas. A Igreja Católica, restringindo a prática da caridade aos necessitados e deficientes, tal qual propunha a ética puritana, e embasada no “princípio de conta corrente”, teria dado origem a um assistencialismo sistemático e regular, contudo, preocupado apenas com as necessidades imediatas e emergenciais dos indivíduos. Esse quadro oferecido por Weber aparece profundamente alterado se tomado como referência o decorrer do século XX. Se comparados às transformações do assistencialismo católico brasileiro, tais esboços soariam como tipos meramente ideias. Apesar de a caridade católica ser interpretada por muitos como aquela que cultivava a mendicância por ser exclusivamente assistencialista, no sentido de cooperar para a apatia dos pobres, ela já se caracteriza por facetas distintas que minam as bases do modelo

weberiano, invalidando a possibilidade de utilizá-lo como arcabouço interpretativo dessas práticas beneficentes.

Talvez uma das características mais importantes e certamente a maior particularidade da caridade católica frente a outras formas de ação social religiosa no Brasil é que a Igreja Católica sempre assumiu parcerias diversas com o Estado (Lowy, 2000; Simões, 2004), se tornando assim uma grande promotora de benesses aos menos favorecidos. As ações sociais dos católicos e a institucionalização dessas práticas foi bem dizer um processo em que por meio de diversos e paulatinos “acordos”, o Estado relegava funções sociais e de assistência à Igreja Católica. Na busca pela captação de recursos e motivados pela ação de um espírito nobre, cuja ação moral visava também reduzir conflitos e revoltas, a Igreja Católica, em sua posição anticapitalista, firmava seus serviços caritativos montando estatutos filantrópicos, adotando normas para atendimentos e cunhando critérios a fim de ampliar as ajudas oferecidas (Silva, 2006, p. 329). Os religiosos centravam suas práticas nos auxílios em hospitais, asilos e dispensários e, assim, acabavam por contribuir para a formação de enfermeiros e médicos vinculados a essa religiosidade.

Foi, sobretudo após a Proclamação da República e do processo de romanização da Igreja Católica que, a partir do início do século XX, a caridade passou a ser uma “máquina de guerra” no intuito de garantir a hegemonia do catolicismo enquanto religião predominante no território brasileiro (Camurça, 2001, 2005). Isso não significa que a Igreja Católica desenvolveu suas práticas de ação social apenas a partir de disputa no campo religioso, mas, necessariamente, implica a afirmação de que a legitimidade crescente do espiritismo como alternativa religiosa via caridade, significou, do lado católico, um desenvolvimento muito mais expressivo e contínuo de boas obras que visavam garantir a manutenção do monopólio da Igreja. Um dos modos de ampliar o exercício da caridade aconteceu quando a Igreja, a fim de estimular trabalhos sociais de grande porte, fomentou a fundação de instituições sociais e assistenciais. Alguns exemplos podem ser citados, tais como: a Associação das Senhoras Brasileiras, de 1920 e a Liga das Senhoras Católicas, de 1923 (Silva, 2005, 2006, 2009).

A relação de proximidade entre Estado e Igreja Católica nos meados da década de 30 era bem evidente, ressaltando senão o absoluto controle católico da vida civil, ao menos a colaboração/favorecimento da Igreja por parte da Constituição de 1934, que passou a garantir: o ensino religioso nas escolas, a assistência religiosa às Forças Armadas e a representação diplomática junto à Santa Sé, fazendo da Igreja Católica uma espécie de “sucedânea do Estado” nas questões relativas à educação, saúde e pobreza (Montero e Almeida, 2000, p. 327). O desgaste das relações da Igreja com o Estado se deu apenas a partir de 1950,

engrenado pela desestabilidade social decorrente da Guerra Fria, da descolonização da África e do esforço ecumênico advindo da tolerância com outros credos e práticas religiosas. Assim, com objetivos além dos de amenizar a pobreza e adentrar nos caminhos da salvação, a Igreja Católica passou a desenvolver, além dos movimentos mais antigos que estimulavam a caridade emergencial (Congregado Mariano, Filhas de Maria, Apostolado de Oração), outras iniciativas de caráter social, como os “Movimentos Operários” e “Movimentos de Educação de Base e da Juventude” (Silva, *idem*).

Uma entidade católica de grande relevância que já existia em vários países do mundo sob a rubrica de *Caritas Internationalis*, surgiu no Brasil em 1956 com o nome de *Cáritas Brasileira* e passou a funcionar como entidade de utilidade pública federal capaz de realizar várias parcerias com o Estado. A transformação da ação social católica, contudo, teve seu marco mais relevante a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965), através das “Diretrizes gerais sobre a ação pastoral da Igreja” e da Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano na Colômbia (1968), em que a caridade passou a ser novamente endossada e valorizada como uma prática que não distinguia pessoas, como uma forma de dádiva gratuita que não esperava recompensas, como uma virtude a ser alcançada complementando o encontro com Deus. Essa perspectiva aparentemente próxima do que se entende de modo geral como caridade, acrescida dos movimentos que se organizaram após o Concílio, mudou, de certo modo, o foco da rotina e das concepções fraternas no seio católico. Nesse sentido, o Movimento Trabalhista Socialista Francês, que criticava o catolicismo liberal sem diretamente desafiar a ordem econômica vigente, acabou por influenciar em muito a Igreja Católica latino-americana, ajudando a fortalecer a diretriz da Teologia da Libertação (também chamada de Cristianismo da Libertação) – movimento católico originado na América Latina que centrava o papel da Igreja na tarefa de libertação dos pobres e na promoção de uma sociedade mais justa em moldes igualitários.

A Teologia da Libertação desenvolveu-se principalmente no espaço de pastorais e CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), que passaram a enxergar no pobre uma possibilidade de encontro com Deus e, assim, trabalhar no sentido de conscientizá-lo e prepará-lo para que, através da redescoberta do espírito comunitário, reivindicasse direitos sociais, e pudesse superar o medo e enfrentar a violência e a injustiça institucionalizada. A esmola, assim, passa a ser considerada pelos adeptos dessa teologia uma atitude humilhante e desnecessária, uma vez que motivada por uma “emoção carismática”, gerava uma ação apenas momentânea e de baixa efetividade. As doações de bens e de trabalho deveriam ser feitas por meio do compromisso e envolvimento com os pobres. A Teologia da Libertação produziria, assim, a

categoria “pobre” como ator político na cena pública (Montero, 2006). Apesar de não ter suplantado completamente a forma assistencialista tradicional de caridade do catolicismo – que acaba por predominar até os dias de hoje – essa concepção nova trouxe uma alternativa de ação social voltada à discussão e à militância, com vistas a engajar os fiéis na vida pública, no sentido de obter políticas governamentais para favorecer os excluídos, delimitando claramente o espaço da ação pastoral da Igreja e as dimensões da responsabilidade do Estado. Enfim, a Igreja Católica passou a conservar e a manter em seu interior diferentes concepções de caridade por vezes antagônicas, mas que quase nunca se confrontam no âmbito de sua instituição (Landim, 1998, p. 91).

Com o aparecimento e fortalecimento das CEBs e das pastorais (como as da criança, do menor, da saúde, da terra, carcerária, da juventude), a liderança leiga passou a discutir efetivamente questões sociais diversas e incentivar os pobres a exigirem respostas do poder público – responsável pela desigualdade e ator a quem a Igreja passava a relegar o compromisso com a justa distribuição de bens e serviços. Isso não diminuiu o ensejo dos fiéis de assistir aos necessitados com agasalhos, sopas e produtos de higiene pessoal, mas ampliou o modo de exercício da caridade uma vez que a solidariedade também podia levar à ação política. Muitas das demandas das pastorais, por exemplo, depois de institucionalizadas pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) passaram a ser atendidas de maneira bem mais evidente, como visto nos temas atuais das *Campanhas de Fraternidade*. Em decorrência da campanha de 1999, por exemplo, os católicos organizaram a prática da “economia popular solidária”, que visava articular desempregados e trabalhadores mal remunerados ou subutilizados a fim de que pudessem constituir suas próprias empresas (Souza, 2007). Já nas décadas de 80 e 90 do século XX, a assistência, que era predominantemente legada à responsabilidade do Estado, passa a ser novamente privatizada e a estar significativamente restrita ao campo de instituições de solidariedade, como, por exemplo, as pastorais.

De modo geral, a forma de praticar a caridade na Igreja Católica ainda é significativamente emergencial, fato talvez devido à consolidação e reconhecimento que esse modo de ajuda obteve ao longo dos anos, sendo viável e fácil de organizar¹⁵. Seguindo o raciocínio das alterações do campo caritativo católico e das múltiplas possibilidades de

¹⁵ Exclui-se desse breve panorama a respeito da caridade católica uma menção mais detalhada a respeito do movimento de Renovação Carismática. Entendido como movimento de origem norte americana com ênfase pastoral e teológica no pietismo e na intimidade da experiência religiosa, difere dos pentecostais protestantes pelas figuras da Eucaristia, do Papa e de Nossa Senhora (Valle, 2004); esses católicos aparecem como pouco comprometidos com a ação social, tendentes ao proselitismo acentuado não ecumênico, e não contribuindo com mudanças significativas no cenário da caridade católica. Eles geraram no interior da Igreja, quando muito, uma tendência de rejeição à Teologia da Libertação (Souza, 2007).

convivência (eclesiástica e leiga) da ação social dentro do catolicismo, outro quadro de interpretação de tais ajudas pode ser sintetizado com os seguintes dizeres:

“No conjunto do campo da assistência social, das instituições e dos trabalhos desenvolvidos pela Igreja há tanto projetos que podem ser classificados “assistencialistas”, como outros que são considerados exemplares em termos de “educação para cidadania”. Por meio de vários espaços institucionais, de movimentos leigos, da territorialidade paroquial, a Igreja acaba absorvendo novas linguagens e novas parcerias no campo assistencial, sem excluir circuitos mais tradicionais” (Novaes, 2007, p. 29-30).

Apesar deste quadro bem como as demais ponderações sobre a ação social católica serem apresentados apenas em caráter introdutório e, em certo sentido, serem apenas um mapeamento superficial, e não poderem inferir especificamente quanto às motivações da caridade (se salvíficas¹⁶ ou não), as múltiplas modalidades de amor ao próximo, cunhadas pela Teologia da Libertação e pelos movimentos das Comunidades Eclesiais e da ação Pastoral nos dias de hoje, colocam definitivamente em xeque os princípios de restrição da caridade e de “conta corrente” como explicador das ações sociais católicas¹⁷.

Quadro semelhante foi oferecido por Weber a fim de compreender as atividades sociais do protestantismo. Para o autor, sobre os protestantes, pairava a “ética da convicção”. As obras sociais não podiam ser classificadas por meio de ações isoladas e desconexas como no catolicismo. Elas eram sintoma da manifestação da personalidade ética e realizadas pelos indivíduos como valores do “*habitus* global pessoal”. As obras de cada pessoa, dessa forma, passavam a ser um meio de autoaperfeiçoamento, apresentavam um sentido global de condução da vida e podiam inclusive variar de acordo com as diferentes máximas espirituais de comportamento que poderiam alterar conforme as circunstâncias. O “*habitus* global” era fruto da doação da graça divina ou poderia ser adquirido através de treinamento racional e metódico. A “ética da convicção”, portanto, desconhecia esteriotipações rituais e ordens divinas sagradas em função de uma orientação significativa da vida, caracterizada por comportamentos adaptáveis e flexíveis.

¹⁶ A preocupação com a garantia da salvação se refere à motivação das ações sociais enraizadas no princípio de contabilidade que segundo Weber era próprio da concepção popular do judaísmo, do catolicismo romano e de religiões orientais.

¹⁷ A caridade espírita, no que se refere à discussão aqui levantada, pode ser considerada uma variação pouco diferenciada da católica emergencial. Visando contribuir para o aperfeiçoamento da humanidade e a fim de evoluir o “espírito” nas trajetórias encarnacionais que atravessam, os espíritas, crentes na beneficência da caridade, destinam dinheiro, tempo e serviço para instituições específicas, e para a construção de bibliotecas, escolas e centros. Motivados por uma doutrina de desinteresse e gratuidade da doação, esse grupo acabou por conseguir que suas crenças fossem reconhecidas e pudessem se consolidar como uma alternativa religiosa longe das acusações de serem eles curandeiros e charlatões (Novaes, 2007). A fraternidade espírita foi a via de transformação da magia e do sortilégio dessa religiosidade em caridade moral e cooperou para regularizar tal prática religiosa como promotora de obras sociais positivas (Camurça, 2001).

Enquanto a caridade católica, seguindo os rumos da ética puritana, restringiu a prática caridosa a um grupo de pessoas inaptas ao trabalho, fragilizadas e deficientes, o protestantismo, como mostraram as seitas¹⁸ da América do Norte no início do século XX, cunhou uma prática fraterna também restrita, mas não aos excluídos ou marginalizados, mas sim, direcionada apenas aos membros da própria seita. O pertencimento a uma seita garantia a seus fiéis qualidades morais, além de crédito e ajuda de todos os modos no sentido de Lucas 6:35 (emprestar e não esperar receber de volta o emprestado). Quando, por motivos alheios à vontade, o indivíduo se encontrava em apuros financeiros, as seitas batistas, metodistas ou semelhantes não permitiam que os credores fossem prejudicados, ajudando a reorganizar o negócio do fiel, pois consideravam seu direito o auxílio fraternal e a assistência sem ou com baixíssimos juros. Diferentemente da Igreja, vista nessa comparação como uma corporação que organizava e administrava a graça e os dons religiosos, e cuja filiação era em princípio obrigatória, e que nada provava quanto às qualificações de seus membros, as seitas eram associações voluntárias daqueles indivíduos que eram religiosa e moralmente qualificados.

Era admitido na seita aquele que, por votação, depois de exame e comprovação ética se mostrasse dotado de virtudes. Essa associação estava longe de aceitar qualquer pessoa de braços abertos como aceitava um dos seus, e longe também de oferecer aos de fora qualquer ajuda que se aproximasse da que era oferecida aos de dentro. A seita, além de regulamentar a participação na Ceia do Senhor, coagia seus membros à prática de uma disciplina afetuosa muito rigorosa, diferentemente da incentivada pela Igreja Católica. Várias eram as vezes em que se evitava relacionar com os não irmãos. Entre os membros da seita predominava o princípio da fraternidade cristã original, mas de modo diferente das guildas da Idade Média, pois essas últimas conservavam uma política de subsistência e tradicionalismo, unindo membros de uma mesma ocupação e controlando seus padrões éticos. As seitas vinculavam os homens através da seleção e formação de companheiros eticamente qualificados, que controlavam a conduta no sentido exclusivamente da probidade formal e do ascetismo metódico e criavam um espaço de auxílio mútuo em casos de dificuldades (Weber, 2002).

Novamente o quadro oferecido por Weber não é satisfatório para explicar as variações da caridade protestante ao longo do tempo, principalmente, no que tange à prática desses crentes no Brasil. Os missionários norte-americanos e europeus que adentraram as terras brasileiras praticaram as benesses de modo razoavelmente diferente da fraternidade das seitas

¹⁸ A discussão e os decorrentes significados que se atribui ao termo “seita” após os escritos de Troeltsch e Niebuhr não são considerados no uso desse termo ao longo do texto. Nesse trabalho, o vocábulo é utilizado conforme as concepções weberianas condizentes com a tradução mencionada na nota nove.

e da católica, priorizando o trabalho educacional e proselitista em detrimento do de auxílio exclusivo aos membros ou do de distribuição de sopas, visitas hospitalares e ajuda aos pobres e órfãos. E esse comportamento parece se estender até os dias de hoje, como apontou, por exemplo, a pesquisa *Novo Nascimento*, realizada em 1996 pelo ISER e publicada em 1998 (Fernandes, 1998), que, observando e fazendo uma análise estatística refinada quanto aos costumes dos evangélicos, mostrou que a prática assistencial deles era desenvolvida predominantemente por agentes religiosos mais ativos nas atividades de evangelização. As igrejas protestantes, de modo geral, nunca abandonaram totalmente o exercício das boas obras de caráter assistencial, no sentido de levar aos pobres os alimentos, roupas e cobertores, mas dotaram tais práticas de um forte apelo às mensagens do evangelho.

Os protestantes do início do século XX enfatizavam a distribuição de bíblias, a formação de salas de aula de escolas dominicais e o trabalho de alfabetização. Com vistas a fazer frente ao catolicismo e aumentar o alcance de suas missões, os evangélicos¹⁹, acusando o atraso educacional, econômico e a política autoritária do Brasil – circunstâncias segundo eles resultantes da “frouxidão da moral católica” – se apresentavam como a opção que levaria ao progresso e à educação. Um quadro recente a respeito da caridade evangélica foi oferecido pelo trabalho pioneiro²⁰ de Flávio Conrado (2006). Segundo ele, as obras sociais dos protestantes sempre apresentaram a peculiaridade de estarem associadas ao processo de evangelização e formação do indivíduo, cujo *ethos* é comumente conhecido pelo estereótipo de pureza, honestidade, virtude, bondade e ausência de vícios. Através da estruturação de colégios e universidades, os protestantes visavam atingir pessoas economicamente mais favorecidas, reforçar os trabalhos de evangelização, propagar o modelo anglo-saxão do liberalismo, pragmatismo e individualismo. Segundo Conrado:

“O protestantismo missionário que aqui chegava se associou à aliança antimonárquica que reunia maçons, positivistas, liberais e republicanos na defesa das liberdades individuais, dentre elas a religiosa, e procurou fortalecer a identificação entre progresso/civilização/modernização e religião protestante a partir do modelo americano” (Conrado, 2006, p. 56).

Em torno da década de 1930, a maior parte das igrejas protestantes tinha adquirido certa independência em relação às missões de origem, e começou um processo de aproximação interdenominacional apoiado pelo Comitê de Cooperação da América Latina

¹⁹ Por evangélicos, a classificação do IBGE agrega protestantes de tipo histórico e pentecostais diversos, mas no sentido acima, se refere ao grande grupo dos protestantes no Brasil do início do século XX.

²⁰ O primeiro trabalho sociológico de maior fôlego encontrado e realizado no Brasil sobre as obras sociais dos evangélicos tomou como principais objetos de investigação a ONG *Visão Mundial*, a *Rede Nacional Evangélica de Ação Social* e a Campanha *Rio Desarme-se*. É de autoria de Flávio Conrado, e trata-se de sua tese de doutorado defendida em julho de 2006, no Programa de Pós Graduação de Sociologia e Antropologia da UFRJ.

(CCAL) que defendia as missões protestantes, o que excluía os pentecostais. Entre as muitas organizações e comitês que foram criados nesse período, podem ser citados como exemplos relevantes a União das Escolas Dominicais do Brasil (UEDB), que visava unificar o material das escolas dominicais protestantes a nível nacional, e a Comissão Brasileira de Cooperação (CBC), que orientava os trabalhos missionários em geral, comissão essa que, posteriormente, com a união de outras instituições, veio a se tornar a Confederação Evangélica do Brasil (CEB) em 1934. Como fruto da Segunda reunião do Conselho Mundial de Igrejas (CMI)²¹, em 1954, e da discussão veemente que se desdobrou em torno da responsabilidade social da Igreja (protestante), foi criando o setor de responsabilidade social na CEB, ressaltando ainda mais a tarefa caritativa dos protestantes (*idem*, p. 61-64). Até meados da década de 70, como consequência, desenvolveram-se várias iniciativas sociais de serviço ecumênico protestante²².

O marco mais importante das transformações da caridade protestante, entretanto, foi o *Pacto de Lausanne*, fruto do Congresso de Evangelização Mundial de Lausanne, realizado na Suíça, em 1974. Por meio desse pacto, os protestantes embasaram seu compromisso em intervir em questões sociais como a erradicação da fome, por meio da responsabilidade social e política. A igreja protestante, fomentando diversos debates teológicos entre seus líderes e denominações, passou a se compreender como responsável não apenas pela propagação do evangelho, mas pelo envolvimento das instituições religiosas com agentes “seculares” transformadores da sociedade. Iniciativas profissionalizantes, de promoção de bem-estar, que intuía retirar os pobres da situação miserável à qual estavam submetidos deveriam ser realizadas na expectativa de salvar “todos os homens” e o “homem como um todo”, enfatizando não apenas o relacionamento vertical do fiel para com Deus, mas também a horizontalidade do amor ao próximo. Enquanto os católicos pautavam sua ação social na posição esquerdista da Teologia da Libertação, que muitas vezes significava ação política direta, os protestantes exerciam sua caridade baseados na Teologia da Missão Integral da Igreja, que buscava situar-se nos limites entre católicos liberais e evangélicos “fundamentalistas”. A ênfase dos evangélicos que seguiam essa perspectiva não excluía ações propriamente políticas e sociais, entretanto, optava por exercer “sensibilidade” relativa às diversas questões que cercam os indivíduos, como ecologia, direitos humanos, e, a marca dos evangélicos – o compromisso proselitista com a conversão do indivíduo e com suas preocupações teológicas.

²¹ O Conselho Mundial de Igrejas é um comitê ecumênico internacional que foi fundado em 1948 e agrega várias igrejas e denominações em seu rol.

²² Para a descrição detalhada das principais transformações da caridade protestante, ver Conrado, 2006.

Para Conrado, isso representava uma nova forma de ser evangélico, articulando ações sociais mais atentas às questões modernas, com identidade religiosa evangelizadora (*idem*, p 71). Por algum tempo, a ausência dos evangélicos no engajamento social pôde ser parcialmente explicada em função da crença na salvação pela graça ou como um modo de diferenciarem-se das práticas “comunistas” de católicos e espíritas que criam na salvação pelas obras e na melhoria encarnacional via ações de caridade, respectivamente. Entretanto, o número de evangélicos protestantes cresceu significativamente no Brasil e assim eles não poderiam permanecer tão alheios às demais manifestações de assistência e preocupações sociais. A rede de contatos que os protestantes estabeleciam entre si, como por exemplo, para obtenção de empregos e indicação de agências que referenciavam exclusivamente pessoas evangélicas²³ a fim de garantir certa conduta ética e moral aprovada, fazia os crentes sentirem orgulho de pertencer a comunidades afetivas como as deles. Entre as décadas de 1950 e 70, as religiões de conversão eram eficientes em criar relações comunitárias de grupos pequenos que, além de auxílio mútuo, conferiam aos membros participantes identidades e sentimentos de pertença frente aos processos de urbanização e industrialização que tendiam a aumentar os contatos pessoais (Prandi, 2004, 2008).

Os protestantes, em suma, vêm mantendo ações sociais emergenciais com caráter fortemente evangelizador, mas associadas a práticas mais recentes, como a da aproximação entre igrejas evangélicas e organizações paraeclesiásticas (como a *Visão Mundial*²⁴). Além disso, algumas das grandes campanhas que surgiram no Brasil a partir da década de 80, tais como a criação da *Fábrica da Esperança* e da Campanha *Rio Desarme-se*²⁵ podem ser citadas como exemplos dessa aproximação. Ainda nesse sentido, Conrado analisou outra cena do assistencialismo protestante, fazendo referência à filantropia empresarial que, ao contrário de trazer de volta práticas tradicionais de caridade, significou a presença de novos agentes e redes associadas à lógica do mercado e significou também compromisso com a responsabilidade social e com valores cívicos. A caridade dos protestantes, portanto, assim

²³ Havia agências de empregos cuja seleção e consequente contratação se dava pela vinculação religiosa mais que por atributos para a específica função.

²⁴ A *Visão Mundial* (World Vision International) chegou ao Brasil em 1970 e é conhecida como “uma organização não governamental cristã, brasileira, de desenvolvimento, promoção de justiça e assistência, que, combatendo as causas da pobreza, trabalha com crianças, famílias e comunidades a fim de que alcancem seu potencial pleno. Dedicar-se a trabalhar lado a lado com as populações mais vulneráveis e a servir a todas as pessoas, sem distinção de religião, raça, etnia ou gênero” (fonte: www.visaomundial.org.br).

²⁵ A *Fábrica da Esperança* foi coordenada pelo líder evangélico Cáio Fábio, entre 1994 e 1999, no Rio de Janeiro, tendo desenvolvido cerca de 50 projetos sociais que atendiam quase 15 mil jovens por mês. A *Campanha Rio Desarme-se* foi coordenada por Rubem César Fernandes em 1996, como forma de combate a violência e promover a paz. Ambas foram realizadas no estado do Rio (Referências retiradas da Revista *Época* e da Folha Online).

como a católica, é complexa, multiforme, e faz coincidir desde ajudas em hospitais, asilos e cadeias a concepções de ações sociais como expressão de justiça, solidariedade e promoção dos direitos de todos.

Ainda quanto ao protestantismo, em uma de suas facetas é possível ainda encontrar uma variação das práticas sociais, a saber, as obras desenvolvidas pelos pentecostais. Os pentecostais, principalmente o grupo das denominações surgidas a partir da década de 1970, são considerados menos caridosos que protestantes históricos, católicos e kardecistas. Creditando os malefícios da vida e os infortúnios que por vezes solapam os crentes aos demônios e hostes malignas pertencentes ao panteão afro-brasileiro umbandista e candomblecista, e ainda, embebidos de uma religiosidade emotiva centrada no poder de intervenção, cura e refrigério unicamente trazido pelo Espírito Santo, esses evangélicos são menos ativos na prática assistencial. Afinal, a melhor ajuda que se pode dar ao outro é trazê-lo ao encontro de Deus e da Igreja, únicos capazes de libertar os “cansados e sobrecarregados” de suas angústias e fardos. A possibilidade de integração e (re)socialização (Mariano, 1999), a esperança de abandonar o álcool e determinados comportamentos violentos, também faz parte da ajuda que os crentes pentecostais prometem e se empenham em oferecer.

Todavia, nos estatutos das religiões pentecostais não há prescrições específicas quanto a obras sociais. Consequentemente, os pentecostais desenvolvem poucas obras e as esparsas doações de alimentos, roupas e trabalhos voluntários que ocorrem entre eles dificilmente estão embasadas por instituições filantrópicas profissionais, como no caso dos evangélicos protestantes (Silva, 2009). A teologia dos pentecostais enfatiza a ação do Espírito Santo como catalisador das curas do corpo e da alma, garantindo a salvação por meio da fé e da devoção pessoal e íntima. Crentes na Teologia da Prosperidade, esses evangélicos atribuem os problemas sociais a ações demoníacas que precisam ser expelidas por meio do reforço da fé e de rituais de libertação. Através desse “exercício”, e na crença de que Deus não polpa esforços para garantir benefícios materiais a seus filhos, os pentecostais combatem a pobreza meio que às avessas.

Especificamente nesse cenário evangélico pentecostal surge uma religiosidade – a da Igreja Universal do Reino de Deus – que mostra que as ações sociais ainda podem ser postas em prática de maneira diferente das concepções apresentadas, ressaltando outras relações a partir da motivação do “amor ao próximo”, e, em certo sentido, se valendo de estratégias já validadas pelos percursos caritativos destacados. A IURD vem praticando um assistencialismo que engloba ações corriqueiras, mas que vai além das já conhecidas ajudas emergenciais ou dos trabalhos de cunho educativo eminentemente proselitistas. Atraindo cada

dia mais membros para sua instituição a partir do discurso de uma teologia centrada na obtenção da prosperidade pessoal, o sentido das obras sociais praticadas pela Igreja Universal se situa como algo a ser investigado. Vejamos como a literatura sócioantropológica vem tratando do assunto.

3. A Igreja Universal do Reino de Deus e sua obra social em perspectiva

De forma ampla, é possível dizer que a prática assistencial pentecostal é fraca e prioriza algum tipo de ajuda aos irmãos da própria fé. Mas, as obras da Igreja Universal do Reino de Deus, nesse sentido, na visão de pesquisadores da religião, deslocam-se desse eixo, chamando atenção para as particularidades e especificidades da IURD, principalmente a de ter criado em maio de 1997 a *Associação Beneficente Cristã*²⁶ – uma das maiores entidades de utilidade pública do meio evangélico – por meio da qual recolhiam e administravam doações de alimentos, materiais escolares, roupas e itens de higiene. A ABC foi compreendida como uma organização filantrópica que a Igreja havia criado para competir com as ações desenvolvidas por outras associações religiosas. Além disso, enquanto órgão que institucionalizou as obras sociais da Universal, a ABC mediava contratos com organizações públicas e privadas diversas, servindo como referencial de organização jurídica (Mariano, 2005; Scheliga, 2010). Assim, a IURD se projetou de forma intensa no cenário das ajudas fraternas.

Um breve panorama das considerações sociológicas sobre o lado assistencialista da IURD será apresentado adiante com vistas a mapear as reflexões principais que foram feitas até a presente data sobre a caridade dessa Igreja. A maior parte dos relatos são anteriores ao ano de 2008, que sugere ter sido o marco efetivo do fechamento das unidades da ABC no Brasil. Após essa data, rearticulações significativas em torno da prática da ação social deram espaço a transformações no amplo escopo de possibilidades de extensão do amor ao próximo praticado pela IURD. Apenas um dos trabalhos encontrados foi produzido no ano de 2010.

Ricardo Marino, por exemplo, argumentou em seu livro *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, com segunda edição publicada em 2005, que a pregação da Teologia da Prosperidade e a relevância central da perspectiva do encontro com Deus faziam com que a IURD não desenvolvesse atividades de caráter social para os próprios

²⁶ No início dessa pesquisa, em março de 2009, a Igreja Universal tinha acabado de retirar de seu *site* todas as informações sobre a *Associação Beneficente Cristã*. Quando conversei (em setembro de 2009) com o pastor coordenador das obras sociais em Minas Gerais, responsável pela assistência social em Belo Horizonte e nas demais regionais do estado, a primeira informação que ele enfaticamente considerou frisar quando solicitado a falar sobre as obras sociais da Igreja foi que a ABC já não existia mais em Minas. Mas na reportagem especial de 32 anos da IURD, postada *online* em novembro desse mesmo ano, a ABC apareceu em destaque no espaço destinado à caridade, ressaltando sua presença internacional, como na Argentina e nos países africanos, além de sua capacidade de organizar grandes campanhas de solidariedade em situações emergenciais, como de desabamentos, incêndios e enchentes. A ABC, segundo consideram os responsáveis pela mídia da Igreja, recolhe alimentos, agasalhos, roupas e brinquedos, em toneladas, para assistir, sem discriminação, a pessoas carentes. Já por volta de junho de 2010, o *site* da IURD foi completamente reformulado e todas as informações referentes à ABC e à *Fundação Pestalozzi* foram excluídas (no quinto capítulo serão mais detalhes sobre essas duas frentes).

membros. Promotora de poucos benefícios sociais, ela realizaria – quando assim o fizesse – um assistencialismo para “não libertos”, na maior das vezes proselitista, como eram as ajudas desenvolvidas pela *Associação Beneficente Cristã*. Segundo o autor, além de criada para responder à concorrência das campanhas e projetos de demais igrejas protestantes e movimentos paraeclesiais, a ABC ainda visava combater as críticas que a IURD vinha sofrendo por parte da imprensa e da mídia (Mariano, 2005, p. 60). A associação engrenou quando participou de maneira efetiva da *Campanha contra a Fome*, ocasião em que distribuiu agasalhos e mantimentos em favelas e a vítimas de desastres naturais. O autor caracterizou as obras da IURD em cinco frentes principais, a saber: 1) o Projeto de alfabetização *Ler e Escrever*; 2) as visitas a dois orfanatos e dois asilos no Rio de Janeiro; 3) a gerência da *Fundação Pestalozzi* em São Paulo; 4) a criação da *Associação Beneficente Cristã*. Além dessas quatro frentes de ação social, a IURD realizaria também visitas e doações de livros e revistas a presidiários. Segundo Mariano, todas essas atividades configurariam o que foi chamado de “assistencialismo proselitista”, e teriam como central objetivo competir com as ações de católicos e kardecistas, além de intuírem desbancar as iniciativas da VINDE²⁷, presidida pelo pastor Caio Fábio, com quem o bispo Macedo mantinha grandes e antigas desavenças.

Regina Novaes, por outro lado, ao analisar as peculiaridades do assistencialismo Iurdiano desenvolvido a partir da organização da *Associação Beneficente Cristã*, propôs compreender que a ênfase na prática caritativa era devida ora à valoração da beneficência e predisposição de doar (características herdadas da cultura do catolicismo brasileiro), ora, no mesmo sentido apresentado por Mariano, a fim de fortalecer a identidade da IURD devido às perseguições que a igreja vinha sofrendo por seu suspeito envolvimento com grandes montões de dinheiro e sua consequente exposição na mídia. Para a autora, ainda seria possível entender a prática de caridade da Universal como uma combinação de dois fatores: as justificativas dos agentes de ganhar almas através de obras sociais e as categorias leigas e contemporâneas do campo do voluntariado e da assistência (Novaes, 2006).

Já a antropóloga Paula Montero, em artigo intitulado *Religião, Pluralismo e Esfera Pública no Brasil*, publicado pela Revista *Novos Estudos*, em 2006, explicou as obras sociais da IURD como fruto da posição desse grupo religioso em relação à sociedade civil e ao Estado, lendo tal cenário por meio da combinação do código “feitiçaria/caridade”. Na medida

²⁷ A VINDE (Visão Nacional de Evangelização) foi criada em 1978, mas só veio a ser reconhecida como instituição filantrópica em 1984. Foi a responsável pela criação da *Casa da Paz*, em Vigário Geral, da *Fábrica da Esperança* na Favela Acari, e ainda, encabeçou a *Campanha Rio Desarme-se*.

em que determinadas práticas religiosas tinham uma abrangência pública maior, lançava-se mão da chave “caridade/religião”. Em âmbito mais local, a ênfase estaria no binômio “magia/feitiçaria”. Desse modo, segundo nos propõe a autora, a IURD conseguiria realizar uma dupla inversão. Primeiro por tornar a feitiçaria pública, desinteressada e ritualizada através de sua publicização, utilizando os meios de comunicação de massa para propagar a fé; segundo, por “fazer coincidir caridade com prosperidade econômica” (Montero, 2006, p.59). O argumento da autora é baseado na comparação com as religiões de matriz afro brasileiras. Enquanto nessas últimas o dinheiro funcionaria como um mediador invisível dos “trabalhos” a fim de garantir os presentes doados aos deuses, na IURD, o dinheiro perderia seu fetiche porque as ofertas e os dízimos se tornariam uma aliança na qual Deus retribuiria por meio dos bens que os filhos dele teriam de direito. Essa forma de interpretação, todavia, é mais útil para analisar a ausência de práticas caritativas no espaço de exorcismo, libertação e intensa circulação de dinheiro da IURD, do que para servir como uma explicação que justifique o ministério da Igreja em aparar os fracos e necessitados, como acontecia pela ocasião da criação da ABC. Segundo as concepções de Montero, o exercício da caridade não se encontraria no centro das preocupações Iurquinas, mas sim a garantia do direito universal e individual de cada fiel de se relacionar com Deus e alcançar suas bênçãos.

Já analisando o caráter restritivo da fraternidade evangélica, o pesquisador Ronaldo Almeida (2000; 2004) apontou para a solidariedade de regiões pobres e carentes como uma espécie de solidariedade em que as trocas de comida, dinheiro e informações atuavam como um filtro de seleção na distribuição dos benefícios, diferente de programas filantrópicos exercidos por católicos e kardecistas, que tenderiam nesse sentido, a serem mais “universais”. Sua argumentação ressaltava que na Igreja Universal predominava outro padrão de solidariedade, uma vez que ela seria uma Igreja de “bens e serviços”, de massa, e em que o vínculo maior não se concentraria nas relações dos fiéis entre si, mas entre eles e a figura carismática do pastor. As relações horizontais entre os membros seriam, desse modo, fracas. A ênfase estaria nos rituais e dinâmicas desenvolvidas dentro dos templos, enfocando assim o fato de que é a Igreja, em seus cultos e ritos, enquanto fornecedora de “bens e serviços”, o “pronto-socorro espiritual dos crentes” (Almeida, 2004, p. 21).

Os autores acima, apesar de nenhum deles ter se debruçado especificamente sobre o tema das obras sociais, acabaram tocando no ponto da caridade, mesmo sem fazer dela um objeto específico de análise. Segundo as asserções por eles propostas é possível dizer que a prática social da IURD foi tratada em dois sentidos gerais. Um desses sentidos se refere a perceber as atividades fraternas como uma resposta aos conflitos e competições decorrentes

dos projetos filantrópicos de outras organizações religiosas, e ainda como um aparato às acusações e denúncias que a Igreja Universal sofria por parte de mídias locais e nacionais. O outro modo de compreensão é pensar que a caridade seria residual ou ausente, postura resultante do caráter doutrinário, das crenças e valores²⁸ propagados por líderes e membros, reproduzindo e reforçando, desse modo, a identidade da Igreja. De acordo com essas perspectivas, a IURD ou não faria caridade, ou se a fizesse, seria a título de aumentar a adesão religiosa, reproduzir sua organização e fé ou, fazer visível a ocupação de um papel social relevante.

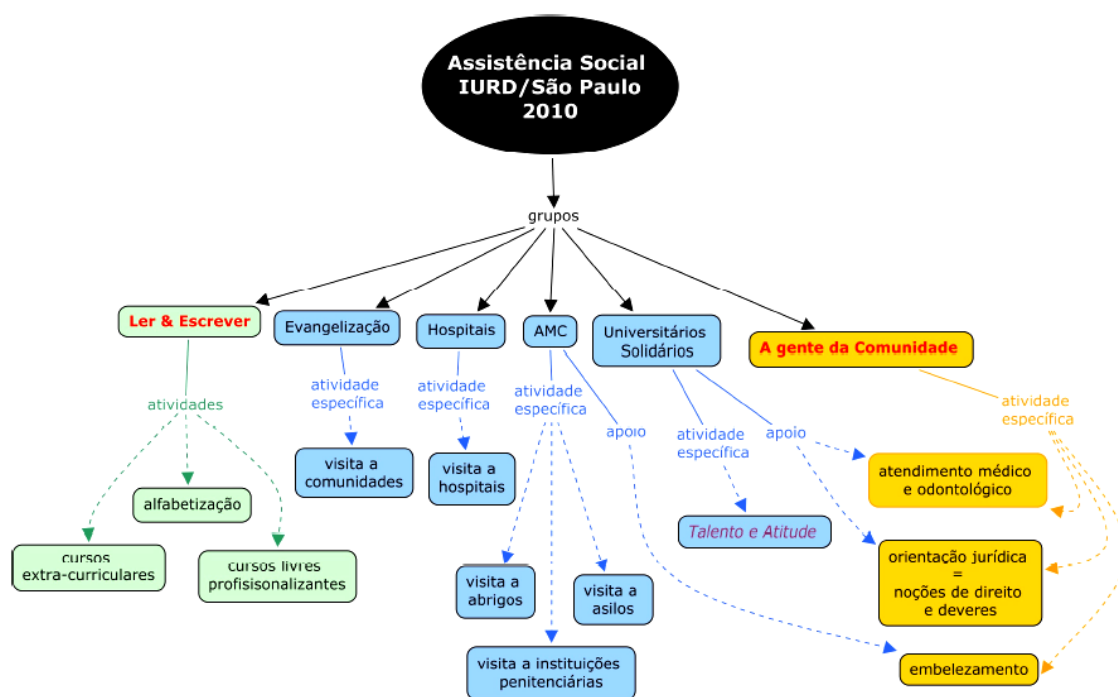
A pesquisadora Eva Lenita Scheliga, todavia, diferente dos autores já mencionados, dedicou-se especificamente à análise das obras sociais da IURD em comparação com a Rede Evangélica Nacional de Ação Social (RENAS) e reservou parte expressiva de sua tese de doutorado a descrever e ampliar a significação da caridade Iurdiana. Pensando em distinções terminológicas em torno da temática da caridade e ação social, Scheliga atualiza a compreensão da rotina das obras fraternas da IURD; seu trabalho remete justamente ao período posterior ao fechamento da ABC e ao último texto encontrado sobre a assistência dessa Igreja. Segundo a autora, a *Associação Beneficente Cristã*, especificamente a sede do Rio de Janeiro é, juntamente com o *Projeto Nordeste* (que será descrito na primeira seção do quinto capítulo) uma iniciativa de caráter modelar; ou seja, esses projetos podem ser considerados um padrão para outras experiências humanitárias desenvolvidas pela própria IURD (Scheliga, 2010, p. 128). As várias unidades da ABC, apesar de assumirem características regionais, são consideradas pela autora lançadas a partir de: cursos (extracurriculares e profissionalizantes), projetos (de educação, suporte psicológico, atividades culturais, entre outros) e eventos (como mutirões sociais). Já, o *Projeto Nordeste*, em prol de combater as secas da região árida e auxiliar vítimas de desastres naturais, estaria sendo sustentado por três pilares replicáveis: a arrecadação de alimentos e água, a gravação e comercialização de um CD evangélico e a elaboração de um projeto local.

Essa ideia de replicação de um modelo aparece novamente na perspectiva de Scheliga ao tratar sobre o modo como o *Ler e Escrever* seria reproduzido nas diversas IURDs até 1994, assim como práticas de arrecadação e distribuição de alimentos (como os sopões). Scheliga afirma que após o fechamento da ABC, o movimento observado foi de conferir maior projeção ao *A Gente da Comunidade*, que em São Paulo passou a coordenar as atividades de

²⁸ Crenças como a da Teologia da Prosperidade, o direito individual do fiel de fazer aliança com Deus e o apelo evangelístico e passível de dialogar com a cultura moderna não religiosa (como percebido pelo contato com modelos leigos de voluntariado).

orientação jurídica, atendimento médico e embelezamento; destaque foi conferido ainda ao projeto *Ler e Escrever* que passou a ser uma espécie de “departamento social da IURD”, substituindo algumas ações da ABC e organizando os cursos de espanhol, inglês, libras, informática, cabelereiro e marketing. Datam da mesma época dessas mudanças o surgimento dos grupos *Universitários Solidários*, e *Mulheres em Ação*, que passaram a apoiar atividades do *Instituto Ressoar* – braço social da Rede Record de televisão. A cargo desses grupos, além dos grupos de evangelização, ficaram as visitas a asilos, abrigos, presídios e comunidades. Abaixo, o organograma elaborado pela autora atualizando o quadro das obras sociais de São Paulo vigentes no ano de 2010:

Ilustração 1



Fonte: Scheliga, 2010, p. 136.

Apesar do destaque dado ao *Ler e Escrever* e ao *Instituto Ressoar*, a autora afirma que esses núcleos de ajuda não seriam capazes de produzir por eles mesmos um discurso sustentável sobre a assistência social Iurdiana. O outro modelo que evocaria certa “tradição de obras sociais” seria o *A Gente da Comunidade* que, enquanto parceiro do *Instituto Ressoar*, estaria solidificado pelos sustentáculos do evangelismo e de ações nos bairros carentes. O evangelismo unira os demais grupos da IURD sob um mesmo ideal de ganhar almas,

compartilhando, assim, “códigos de eficiência e cooperação” e contribuindo para a “objetivação de disposições” que “orienta um saber fazer” assistência (*idem*, p. 236). Ainda, o ideal da prosperidade é enfatizado pelo reforço de que os que são prósperos são bem sucedidos porque se dispõem a doar. Segundo Scheliga, as ações sociais da IURD endossam a confiança pessoal e em Deus, localizam nas comunidades os demônios que atuam contra o sucesso e acabam por evocar os códigos de gratuidade, universalidade, prosperidade e justiça – percepções que em parte compartilho, apesar das peculiaridades do caso de Minas Gerais. Contudo, o ponto de vista da autora a fazem chegar à conclusão de que a caridade da IURD e da RENAS são “variações sistemáticas de um mesmo conjunto de percepção e ação que informa a prática da caridade entre católicos e espíritas e os modos específicos como articulam relações”; opinião a que me oponho em função das asserções que seguirão sobre a IURD.

A partir desse breve panorama sobre como a caridade foi pensada e retratada no campo sócioantropológico, o capítulo seguinte trará uma descrição dos trabalhos fraternos da IURD nos países estrangeiros em que ela realiza sua inserção, evangelização e destina parte de seu arsenal de práticas religiosas a favorecer de pobres e necessitados.

4. Caridade Universal ao redor do mundo

A Igreja Universal do Reino de Deus tem inúmeras frentes de obras sociais espalhadas pelo mundo. De maneira geral, o que se percebe é que cada localidade tem sua própria organização e desenvolve as atividades que parecem mais adequadas ou as que melhor se aplicam a cada região. Nessa seção serão descritos os principais trabalhos realizados em alguns países da África, da Europa e da América Latina²⁹. A Igreja Universal do Reino de Deus está presente em diversos países, chegando a alegar que possui templos em mais de 80 nações. A atuação num país começa com o envio de um ou mais pastores que ficam responsáveis pelo evangelismo e pelas iniciativas de implantação de um templo local, que inclui a locação de um espaço público geralmente desativado e de grande visibilidade. Como na maior parte das vezes os pastores se mudam com suas esposas e filhos, as obras sociais aparecem frequentemente encabeçadas pelas mulheres desses líderes religiosos. Apesar de as práticas sociais não causarem o mesmo impacto dos testemunhos de superação, bênçãos financeiras e curas, a relação da evangelização e da assistência social é muito estreita no que tange à presença da IURD fora do Brasil, tornando o sucesso proselitista razoavelmente dependente da caridade que é posta em prática. Isso mostra a preocupação da Universal com as necessidades dos possíveis membros de cada região, ou seja, sua leitura inteligente das contingências locais, chamada por Ari Pedro Oro de “capacidade de adaptação no exterior”, sendo o processo de como a Igreja se “localiza e se autoctoniza” (Oro, 2004, p. 140, 151). Por esse motivo, as formas de caridade aqui retratadas trarão, amiúde, alguns relatos sobre os trabalhos de expansão da Universal nos países mencionados.

O assistencialismo internacional da IURD dificilmente pode ser dissociado da tarefa de inserção da igreja nesses países, das grandes investidas monetárias para construção de templos e realização de campanhas, do evangelismo proselitista de massas e da arrecadação de dinheiro dos fiéis locais. As atividades de caridade desenvolvidas podem ser consideradas extensões da já conhecida dinâmica de evangelização, como a dos católicos e evangélicos, e nesse caso, soam como fundamentais para o processo de implantação da IURD em países

²⁹ A omissão do assistencialismo de algumas localidades se justifica por dois motivos principais: primeiro, por não haver nas fontes pesquisadas menções que pudessem levar a recolha de dados relativos a outras filantropias desenvolvidas pelos Iurdianos para além das aqui descritas; segundo, porque alguns exemplos não foram mencionados por serem considerados, em função da similaridade, já contemplados. Foram encontradas ainda citações sobre trabalhos sociais nas Filipinas, Zimbabué, Jamaica e Nova Zelândia, obedecendo à mesma regularidade das que serão descritas, como auxílio à terceira idade, presos e crianças, além de cursos de alfabetização e campanhas de distribuição de alimentos. Apesar de os exemplos mencionados nessa dissertação não esgotarem as diversas extensões assistenciais da Igreja, a descrição apresentada perfaz um conjunto – que se crê suficiente – do significado da caridade exercida no “campo missionário”.

estrangeiros, com vistas a gerar uma boa imagem da Igreja como instituição engajada na promoção de benefícios sociais. São tarefas típicas do pequeno tempo de inserção da Universal nessas localidades – mesmo sendo a IURD uma organização religiosa recente até mesmo em seu país de origem. Conforme se verá adiante, com o passar do tempo, a tendência dessa forma de caridade é de se tornar residual e paulatinamente ser substituída por atividades oferecidas a membros selecionados e realizadas dentro do espaço da igreja. Quanto maior o tempo de atuação da IURD em um país, mais próxima a fraternidade parece chegar de atividades voltadas para os frequentadores dos cultos e potenciais membros, como os cursos de alfabetização, profissionalizantes e palestras.

Na África, entre as 27 regiões que os Iurdianos estão inseridos nesse continente, um dos destaques é a Namíbia. A capital Windhoek possui três igrejas e há mais 14 espalhadas por outras cidades do país. De modo geral, por haver muitas pessoas soropositivas e em situações de miséria na região, a assistência social é voltada fortemente para dois grupos principais – crianças pobres e em geral não participantes dos cultos da Igreja, e mulheres comprometidas com a Igreja Universal. Os responsáveis pelos trabalhos no local são Celso Macedo Bezerra Júnior, irmão de Edir Macedo, e a esposa dele, Fernanda Bezerra, que atua ativamente no *Centro de Ajuda Espiritual*, CdAE (nome que se costuma ver com frequência representando a IURD nos templos internacionais). O casal que morou em Londres antes de ser enviado à África, contando com o apoio do governo local da Namíbia e com a Embaixada da Espanha, vêm prestando auxílio a crianças e adolescentes órfãos, doentes, moradores de rua e idosos carentes. Uma das contribuições feitas pela Igreja no ano de 2009, por exemplo, foi destinada a um orfanato, que recebeu uma cesta básica mensal por criança, correspondente ao período de 2010.

Os voluntários da Igreja Universal levam atrações diversas à população: brincam e dançam com as crianças e adolescentes assistidos em mutirões (geralmente realizados nas escolas das áreas pobres da cidade), distribuindo balas, doces, cachorros-quentes, sanduíches, brinquedos e cestas básicas para as famílias. Apesar de estarem somente há dois anos no país, o casal Celso Macedo e Fernanda Bezerra realiza mutirões sociais com frequência considerável, em torno de uma vez ao mês, priorizando as ações com as crianças e as visitas aos hospitais das cidades. Há registros fotográficos de eventos feitos em todos os meses entre o período de março de 2009 e dezembro de 2010. Além desses, no último dezembro, os

voluntários da IURD montaram uma espécie de tenda de circo, com a marca do *Help Centre* (rubrica que também aparece como referência da IURD internacional), para distribuir muitas sacolas com itens básicos de alimentação.

O trabalho social de maior prestígio da região, contudo, é feito para as mulheres que começam a frequentar e desejam se comprometer com a Igreja Universal. Fernanda Bezerra e algumas voluntárias da IURD organizam na Namíbia um dos centos do *Sisterhood*³⁰, uma espécie de “irmandade de mulheres”, que em sua expressão regional oferece apoio às nativas, ensina sobre depilação, maquiagem e cuidados pessoais, além de possuir um armário de roupas doadas que só podem ser utilizadas pelas participantes do grupo. Frequentemente é organizado o *Sisterhood Pledge Night*, um culto para recepcionar as novas participantes que se candidatam; momento que envolve um “compromisso com o código”, testemunhos, danças e prêmios para as mais bem vestidas. O código da *Sisterhood* diz respeito à valorização do feminino, do corpo, da beleza e das vestimentas (valorização segundo os “padrões de Deus”), implicando o compromisso em manter a autoestima alta, sem fazer críticas contra si ou “alimentar” pensamentos negativos. Ressalta-se a importância de conservar a humildade para aceitar mudanças e correções, tendo como ponto alto que se “construa uma fé sólida em Deus”. O foco desse trabalho direcionado às mulheres é que elas alcancem a transformação de vida. Nos relatos das participantes, essa mudança se apresenta com facetas distintas que vão desde a aquisição do cuidado pessoal até a experimentação de milagres no caráter, na vida amorosa, nas condições sociais. As voluntárias da IURD oferecem para as participantes atividades interativas diversas, como realização de piquenique e aulas de corte e costura.

Essas ajudadas também participam dos trabalhos de evangelismo, conhecidos por lá pelo nome de *Ask! You shall receive*, que concentram as grandes expressões de testemunhos, curas e transformações. O evangelismo é feito através da pregação das mensagens de fé, realização de orações e distribuição de jornais em regiões pobres e hospitais, por exemplo. O proselitismo, muitas vezes vinculado ao assistencialismo emergencial (de distribuição de alimentos, visita a hospitais e asilos) vai sendo gradativamente acompanhando também por

³⁰ O *Sisterhood* é um trabalho criado pela filha de Edir Macedo, Cristiane Cardoso e por sua colega Evelyn Higginbotham, que é filha de missionários e esposa de pastor; ambas residem no Texas. A “irmandade” foi criada em dezembro de 2009 e reunia inicialmente 17 mulheres, solteiras e casadas, que buscavam compartilhar os valores da “essência feminina” colocada por Deus nas mulheres desde a criação, mas que foi corrompida pelos ideais do mundo, atualmente representados pelo modelo hollywoodiano de exposição exacerbada da sexualidade do corpo, que apregoa valores consumistas e tendências de moda (ditas ruins). A entrada a esse grupo é restrita a membros da IURD e a permanência das *pledges* (como são chamadas as iniciantes) é garantida pela realização de obras sociais (visita a asilos, orfanatos, presídios) e atividades em casa (entre as muitas requisições se destacam as tarefas de cozinhar para a família, maquiagem, arrumar o cabelo). A atestação do cumprimento de tais rotinas é garantida pela *Big Sister* (coordenadora da região). Essa confirmação é acompanhada de um evento de gala, com homenagem às moças, o que concretiza a mudança das iniciadas.

ações voltadas a pessoas que ingressam na Igreja, como é o caso das mulheres do *Sisterhood* e dos trabalhos com os meninos de rua – que, uma vez evangelizados, são assistidos pela Igreja com corte de cabelo, participação em cursos, atividades de lazer e outras tarefas, incluindo a de eles mesmos participarem da evangelização de outros jovens. Completando a rotina dos adolescentes da Igreja, acontece também na Namíbia o *Festival de Jovens*, que em julho de 2010 foi realizado em um estádio de futebol e contou com jogos, apresentações e sorteios. Na medida em que as ações sociais de emergência vão atraindo pessoas que passam a se vincular à Igreja, o processo de assistência – e também o de evangelismo – parece ser retroalimentado através da participação desses novos ingressos. A filantropia, com o passar do tempo, vai se tornando um meio primordial para reforçar os laços de amizade e pertencimento dos convertidos, uns para com os outros e deles para com os líderes estrangeiros. O envolvimento regular dos nativos também coopera para aumentar a capacidade da IURD de atrair novos adeptos que falam apenas dialetos da região.

Apesar da beneficência desenvolvida como rotina, aparecem escândalos envolvendo o líder local Bezerra Júnior. Ele foi envolvido na acusação feita à Igreja Universal de envio de quase 18 milhões de reais ilegais ao exterior, fato visto em reportagem da revista *Época* de 25 de outubro de 2009. O bispo teria em seu nome a empresa *CEC Trading Corporation*, que seria ligada à empresa *Beacon Hill Service Corporation*, fechada pelo governo norte-americano em 2003, por transmissão ilegal de fundos. O registro no Banco Central das grandes transferências feitas pela empresa foi associado à importação de equipamentos a serem utilizados no “exercício da atividade do bispo” em seu local de atuação. Mas se tal montante monetário contribuiu ou não para as obras sociais da localidade anterior, fato é que a IURD missionária está bem inserida atualmente na Namíbia, através da multiplicação das atividades de caráter social e evangelístico de Bezerra, adaptando-se às necessidades e demandas de muitos africanos e, gradativamente, vindo ajustando seu discurso e estratégia de integração às necessidades daquele mercado, deixando que tais acusações se assentassem como “poeira de asfalto”.

Por falar em sucesso via ações de caridade, a África do Sul é um país em que a Igreja Universal possui certo êxito há muito tempo. A IURD se inseriu por lá por volta de 1993, na época do fim da política *apartheid*, sendo bem recebida como uma Igreja que trazia um “imaginário de mobilidade social e integração racial”, muito desejado pelos africanos e considerado por André Corten como uma proposta de “renascimento” para a África (Corten *apud* Oro, 2004). Os trabalhos de evangelismo na região atualmente são realizados pelo bispo

Marcelo Nascimento Pires³¹, juntamente com sua esposa Márcia Pires. Ela é fundadora e responsável pelo *Woman in Action (WiA)* em Joanesburgo, programa que tem como correspondente o Mulheres em Ação (MEA), que acontece em vários estados do Brasil e tem importância considerável aos olhos da IURD. O *Woman in Action* é um trabalho de cunho caritativo voluntário, feito por mulheres e caracterizado geralmente pela ação de obreiras lideradas pelas esposas de pastores e bispos, que se engajam nos trabalhos de visitas a hospitais, realização de palestras e cursos, entre outras atividades; algo razoavelmente semelhante ao que ocorre com as mulheres da Igreja na Namíbia, mas desenvolvido na África do Sul sobre a rubrica *WiA*. Na África do Sul há também relatos dos trabalhos da *Sisterhood*, mas as ações das *WiA* parecem sobrepor-se às da outra “irmandade”. Um projeto importante realizado pelas *WiA* de dimensão nacional foi feito em 2010 e teve grande destaque na cobertura televisiva da Igreja. Foi a Campanha *Saving a Tamar*, fazendo referência a um relato bíblico sobre Tamar, uma das filhas de Davi, que sofreu abusos sexuais. A campanha trazia testemunhos comoventes de mulheres que haviam sido violentadas na infância e que encontraram cura para seus males através da Igreja Universal.

Essas várias iniciativas com as mulheres na África demonstram algo que merece ser destacado: indicam um sentido distinto do proselitismo Iurdiano, não apenas centrado no discurso de prosperidade, vitória financeira e apelos fortes de doação monetária, mas no encontro com Deus, na reestruturação social, nas promessas de libertação de traumas psicológicos e na obtenção de sucesso emocional. Na verdade, esses outros pontos aparecem sobrepondo significativamente o da obtenção de riquezas, que é algo certamente distante de grande parte dos convertidos carentes. A Igreja Universal, defensora incondicional da Teologia da Prosperidade em seu discurso bíblico, interpreta essa teologia a seu favor, acionado um conjunto de possibilidades de mudanças que signifiquem a comprovação da

³¹ O histórico de vários bispos e pastores na IURD transnacional é controverso. Pires é um dos exemplos. Segundo a Folha de São Paulo (25/10/2009), em 1998 ele teria feito um empréstimo de 350 mil reais a uma empresa ligada a religiosos da IURD para realizar a compra para a Igreja de duas emissoras de TV do Paraná. Desentendendo com Macedo, deixou a Universal em 2000. Em 2003, a assinatura de Marcelo Pires foi autenticada em uma procuração para transferir as emissoras para o nome de outro bispo através de fraude. Pires denunciou a IURD, mas se recusou a dar informações sobre o porquê de ter assinado documentos em branco. Mesmo assim, o bispo parece ter feito as pazes com a Universal e retornado com fortes intenções missionárias. Já apareceu também por parte do denunciamento de alguns sul-africanos que se converteram e paulatinamente tornaram-se pastores, que a IURD ensinava a “tirar dinheiro de fiéis”, aumentando assim o patrimônio da Igreja, acessível apenas a bispos brasileiros que estavam na região. Esses ex-líderes alegaram que toda a arrecadação monetária – justificada pelos advogados da Igreja como destinada à construção de novos templos – era enviada ao Brasil, enquanto as reuniões de muitas localidades da África do Sul permaneciam sendo feitas em situações precárias (Jornal O Globo, 22 de agosto de 2009). Contudo, o Ministério Público da África do Sul não tem registro contra a Igreja Universal. E ao contrário das denúncias, a IURD alega ser preocupada com a construção de templos luxuosos que permitiriam aos africanos acessarem espaços que pessoas carentes não costumam ter oportunidade de frequentar.

vitória, estendendo assim a noção de prosperidade a qualquer pequena alteração na vida dos evangelizados que possa ser considerada uma espécie de sucesso.

Há ainda outra porta de entrada que permite que a Universal desenvolva uma ação considerada de grande importância pelos sul-africanos (cidadãos e autoridades). É a ajuda humanitária emergente, aos moldes da filantropia católica e espírita brasileiras, que permite que os Universais da região alcancem notoriedade e legitimem a fé Iurdiana por meio da “luta por uma causa nobre”. O centro de referência desse trabalho na África do Sul é o SSHC – *Stop Suffering Help Centre*, uma organização registrada e sem fins lucrativos:

“(…) with the objective of rehabilitating the destitute in the area by providing basic needs such as free meals, clothes, primary health id that include balance meals for people who live with HIV/AIDS. Also it offers free spiritual and emotional counseling to give them moral support enabling them to reconcile with their family and relatives. The SSHC currently works with all categories of disadvantaged people from a variety of different backgrounds in areas across South Africa” (Fonte: <http://www.helpcentre.co.za/>).

Esse trabalho está estruturado a partir de três iniciativas principais que organizam a maior parte da assistência social destinada aos sul-africanos: as investidas contra o HIV/AIDS (*Stop Aids Campaign*); o programa contra a Fome (*Hunger Relief Project*), que distribui artigos de primeira necessidade em escolas carentes e em uma região popular conhecida por servir de abrigo a pessoas desempregadas e em situação abaixo da linha da pobreza, e o trailer de distribuição de sopas (*The Shoprite Soup Trailer*), que a cada dia está em um determinado lugar doando alimentos.

Os trabalhos do SSHC contam com a ajuda das *WiA*. As mulheres voluntárias, por exemplo, em 2009 e 2010 realizaram algumas palestras e marchas para abordar os vários tipos de câncer e AIDS, fazendo demonstrações por meio de fotos sobre as possibilidades de desenvolvimento das doenças. Essa conscientização coletiva que oferecia orientações sobre os tratamentos, prevenções e exames, além de distribuir protetores solares, ansiava contribuir “com suporte emocional e espiritual”. A caridade assistencialista africana, desse modo, está associada também à conscientização popular, profissionalização dos carentes desempregados, prevenção contra as doenças comuns da região; formas de ação que estão sustentadas pelas parcerias que a IURD desenvolve com instâncias do governo e figuras populares. Essa combinação peculiar de associações entre a Igreja, o setor público e as mulheres missionárias ajuda a Universal a encontrar brechas na cultura africana, legitimando assim sua inserção e corroborando para gerar uma imagem de organização religiosa preocupada com a promoção do bem estar social.

Outro exemplo de ação social fruto dessa combinação ocorreu na virada do ano, momento em que a IURD da África do Sul organizou uma celebração na cidade de Soweto, num dos estádios desportivos da região. Esse festejo visava chamar atenção da mídia para a importância dos trabalhos sociais desenvolvidos pela Igreja; na ocasião, a Universal doou recursos monetários em prol do combate à AIDS e para auxiliar a construção de moradias para pessoas necessitadas. Essa ação, em parceria com cantores populares da África parece ter conseguido reverter, ao menos circunstancialmente, a opinião da mídia local que havia criticado a Universal em 2009. O jornal *Sowetan Life*, que já havia feito severas críticas contra a Igreja, fez a cobertura do evento e o colocou em destaque na primeira semana do ano. Durante os votos da virada, o bispo Pires enfatizou o compromisso dos membros para que contribuíssem com mais ajudas aos carentes em 2011³².

Evento semelhante de comemoração aconteceu em Luanda, na Angola, na reunião de vigília pela passagem do ano, que agregou mais de 100 mil pessoas também em um estádio. Contando com a presença de várias autoridades do governo e com um dos ícones da televisão angolana, os membros da IURD com seus parentes e convidados ouviram o histórico da Igreja e o modo como ela se inseriu no país através da *Associação Beneficente Cristã*, chamada na Angola de *Órgão Social da IURD*. As mensagens daquela noite enfatizavam o segredo da vitória (representado pela disponibilidade de doar) e a motivação de a Universal fazer daquele país uma referência para o continente africano. Em Angola são cerca de 200 igrejas e 700 pastores, que, provavelmente pela similaridade do idioma, fazem com que a Igreja Universal consiga desenvolver um trabalho intenso desde 1990, com várias formas de expressar a caridade. A ABC parece funcionar ativamente, pois conta com aproximadamente 38 mil voluntários e diz beneficiar mais de 85 mil pessoas por ano.

A ABC organiza na região os projetos *Comunidade Vida Feliz* (destinado a distribuir alimentos a pessoas necessitadas), o *S.O.S Cunane* (responsável por socorrer pessoas vítimas de desastres naturais e catástrofes), e o *Ler e Escrever* (atividade de alfabetização). Os voluntários da *Associação* distribuem, de modo recorrente, informativos de prevenção contra AIDS, cólera e malária. A IURD, na saga de manter as muitas parcerias com o governo, encontra em Angola a possibilidade de estar mais próxima das mulheres africanas através do contato com o Ministério da Família e Promoção da Mulher e promovendo vigílias e

³² Parece uma constante que nos dias de hoje os membros sejam constantemente motivados a fazer grandes doações de ofertas voltadas para o bem estar dos pobres. Um exemplo disso foi uma ação que teve o apoio direto do Brasil: a *Campanha Nacional para a Criança*, que levantou pedidos de doações divulgados pelo *site* da Igreja e pela *Folha Universal* durante todo o mês de setembro de 2009, com o intuito de arrecadar donativos para orfanatos e organizações não governamentais apoiadas pela IURD na África do Sul.

alertando contra a violência doméstica. Além disso, à ABC é atribuída a criação do *Centro Profissional Acadêmico*, onde funciona o programa *Ler e Escrever* e outras atividades profissionalizantes. Segundo relatos, nesse local foram formadas 1.500 pessoas nos três primeiros meses da atuação do programa em 2009. Outros 500 alunos se formaram nos cursos de corte/costura, informática, cabeleireiro, pastelaria, panificação e decoração. Como propostas novas, a ABC desejava implantar novas cadeiras profissionais como gestão de empreendedorismo e de emprego para os próximos anos. A IURD mantém ainda, sob a organização da ABC, o *Centro de crianças e jovens desfavorecidos EL-BETEL*, que atende adolescentes instruindo-os para que mudem de vida³³. Esses jovens são assistidos com brincadeiras, cortes de cabelo, músicas e recebem almoço dentro do *Centro*. O *EL-BETEL* funciona com ajuda dos membros da Igreja, através das doações deles e da parceria estabelecida com o governo de Angola. Os Iurdianos também assistem trimestralmente aos carentes com doações de roupas e calçados e realização de palestras sobre o combate a doenças comuns entre eles.

Nas províncias de Angola, como a Uíje, a IURD chegou a promover o projeto *Cidade Limpa*, que sistematicamente recolhia o lixo sólido da cidade. Em Cabinda, durante o mês de novembro de 2009, a Universal engajou um trabalho de arrecadação de roupas e alimentos para os angolanos do Congo – doações tais que seriam encaminhadas aos carentes pelo Ministério de Assistência e Reinserção Social da região (MINARS). Articulada com o *Instituto Nacional de Luta Contra a AIDS* e com a Administração Municipal da região de Sambizanga, a Universal também participou, através da presença de vários voluntários, da campanha de vacinação contra a poliomielite, orientando pessoas também sobre doenças sexualmente transmissíveis. Na cidade de Huambo, após os cultos da IURD de domingo, de três em três meses, os membros são incentivados a realizar doações de sangue, feitas juntamente com os técnicos da hemoterapia do hospital local. O número de doadores não é determinado nas narrações, mas esse tipo de doação é uma das atividades de assistência observada frequentemente em diversas regiões de expansão da Igreja. Assim como na África do Sul, a Universal em Angola pode ter seu sucesso atribuído em grande parte à realização de parcerias com instâncias do governo, participação em projetos promovidos por entidades públicas e associação com organizações comunitárias que lutam pela diminuição das doenças e tentam garantir condições melhores para a população. A Universal participa nessas parcerias principalmente através das ações de médicos e palestrantes, voluntários da Igreja.

³³ A IURD auxilia também o *Centro Alnur*, destinado a acolher crianças órfãs e jovens que enfrentam o vício das drogas.

Assim como em Angola, Moçambique é um país de grande presença da *Associação Beneficente Cristã*. Na região, a IURD também realiza palestras de conscientização sobre o HIV, incentiva doações de sangue, distribui preservativos e durante marchas evangelizadoras promove teatro, música, dança e faz cortes de cabelo em jovens e pessoas carentes – tudo muito similar ao que ocorre nos países africanos já citados, afinal, algumas regiões do continente são bem propícias para que a Igreja desenvolva ações destinadas a pessoas menos favorecidas. As Universais de Moçambique realizam todos os domingos um trabalho de visita para evangelizar em hospitais, além de distribuírem a *Folha Universal*, fazerem orações e, eventualmente, doarem alimentos de consumo imediato (sucos, iogurtes, frutas e biscoitos). Na cidade de Maputo, capital do país, as *Mulheres em Ação* fazem visita aos orfanatos e, através da venda de tecidos africanos e bijuterias feitas por elas mesmas, arrecadam dinheiro para converter em doações destinadas a instituições filantrópicas. Em janeiro de 2010, as MEA doaram 12 e 10 mil meticais (moeda local) para instituições da cidade, o que seria correspondente em reais a aproximadamente R\$ 960,00 e R\$ 800,00, respectivamente, oriundos do artesanato que elas mesmas confeccionaram. Em agosto de 2009, foi implementado o projeto de alfabetização *Ler e Escrever*. Apesar de esse ser um projeto comum na prática da caridade da Igreja Universal, e de a IURD estar atuante em Moçambique desde 1992, em período anterior não havia nenhum relato sobre trabalhos de cunho educacional.

Também de língua portuguesa, Portugal³⁴ foi a entrada da IURD desde 1989 no continente europeu. Em Azambuja, a Igreja mantém o Centro de Hospedagem de Idosos, que oferece cursos de técnicas manuais, pinturas e bordados. Mas é o evento *Eu Sou da Paz* que é o mais representativo das ações sociais portuguesas, ocorrendo em várias cidades do país. Os líderes da Universal de cada região realizam esse encontro que funciona como uma espécie de culto que reúne cerca de mil pessoas e oferece orações, mensagens e palestras, vez por outra se configurando como um típico mutirão social. Voluntários da área da saúde, assistentes sociais e pastores contribuem com informações úteis para a população, com auxílio social e com ajudas de cunho espiritual. Nesses encontros, o braço social dos CdAE de Portugal – o *Coração de Ouro* – distribui sacolas de alimentos, roupas e artigos de higiene a pessoas necessitadas, que mediante um cadastro no local, parecem continuar recebendo as doações emergenciais periodicamente, até conseguirem prover seu próprio sustento.

³⁴ A descrição do assistencialismo Iurdiano em Portugal é referente às atividades ocorridas entre junho de 2009 (anotação do relato mais antigo encontrado) a janeiro de 2011.

Os pastores missionários no país utilizavam muito (na época de inserção da IURD em Portugal) a retórica de que os políticos portugueses não se importavam efetivamente com os idosos, presos, desempregados e indivíduos sem estudo, ressaltando, desse modo, que Portugal era a “calda da Europa” (Mafra apud Oro, 2004). Essa poderia ser uma possibilidade de explicação do aumento da prática social na região, ressaltando a adesão e o engajamento dos membros já conquistados nas diversas frentes de trabalho oferecidos nos CdAE lusitanos (evangelismo, juventude, ensino bíblico infantil, entre outros possíveis). Esse movimento do assistencialismo Iurdiano português está bem alinhado com as asserções defendidas por Swatowski, que, apoiada na concepção de Mafra de que a Universal aciona teorias persecutórias e se vale delas para reverter as críticas enfrentadas, argumenta que os CdAE de Portugal são um exemplo de “remodelação da apresentação da Igreja” naquele espaço público. Atualmente, a IURD em Portugal possui unidades do CdAE em várias regiões, muitas delas eventualmente segregadas por sua localização geográfica propositalmente escolhida; apresenta menos elementos próprios à identidade da IURD e adere a novas tendências arquitetônicas, sugerindo horários de reuniões que lembram atendimentos médicos, afrontando bem menos o catolicismo hegemônico local, e tornando sua inserção mais discreta – o que para a autora é sinônimo de maior competitividade e busca por legitimação na sociedade portuguesa (Swatowski, 2010, p. 181-187). Em suma, a caridade praticada em Portugal está associada a eventos de grande porte, a um discurso atualizado (propositivo e benevolente) de pastores que oferecem seus serviços espirituais e ao “estigma” que a Universal sofre desde sua entrada no país. Tal observação endossa o exposto a respeito do assistencialismo africano – mostram a perspicácia da IURD em incorporar atributos autóctones, traduzir-se de acordo com as demandas e expectativas locais, tornar-se fortemente competitiva no cenário religioso global e desenvolver uma forma de aproximação dos fiéis vinculando-os uns aos outros e aos líderes que estão à frente da fé oferecida.

É interessante notar que na IURD transnacional são frequentes os momentos em que os diversos grupos formados pelas clivagens de gênero, faixa etária, atribuições, entre outros, se reúnem para promover um evento grande, seja um encontro de jovens de maior porte ou um dia de batismo nas águas. Em tais instantes, as muitas funções se conectam de modo a configurar um todo coeso, unido e “fortemente” desejoso de impactar positivamente as nações com mensagens da paz de Deus, com promessas de libertação e milagres, diferente do discurso pouco produtivo e agressivo comum nos primeiros anos de inserção da IURD nos países estrangeiros; abordagem que antes tendia a criticar severamente as crenças locais e a cultura regional, imputada como demoníaca. Assim, eles parecem cooperar para formar uma

“onda” Universal, em que os diversos grupos atuam conjuntamente, levando palavras de fé e testemunhos de superação. A “simbólica da demonização” parece ficar mais atenuada à luz das obras de caridade, e somada às investidas rotineiras das mídias da IURD, visa atrair novos adeptos numa representação da Universal como instituição pró-cidadania.

Passando para a América Latina, as formas de assistencialismo são organizadas tanto em mutirões, marchas e expedições, quanto através de cursos oferecidos em salas de aula. Em Tegucigalpa, Honduras, por exemplo, o *Grupo Especial da Ajuda Humanitária* promove doações de sangue, distribuição de alimentos e cafés, além de suporte de abastecimento de água via carro pipa. Na Venezuela, um dos trabalhos da IURD é o conhecido *Centro de Ayuda Espiritual*, que mantém o funcionamento da ABC. O grupo de evangelismo da região – *Ganhadores de Alma* – distribui alimentos a famílias carentes juntamente com pastores e obreiros que oferecem orações e aconselhamentos. Na Colômbia, a presença da ABC também é muito forte, tendo organizado no ano de 2009 a recolha de cerca de seis toneladas de alimentos que beneficiaram 1.600 famílias. Os voluntários colombianos promoveram eventos sociais com corte de cabelo, manicure, pedicure, distribuição de café da manhã, almoço, e sopão para pessoas de rua, além de terem evangelizado nas penitenciárias e distribuído kits de higiene pessoal. Eles contribuíram também para organizar doações de sangue e visitar hospitais e orfanatos, disponibilizando bolsas de estudo para crianças carentes. Essas foram algumas das ações sociais mais relevantes e relatadas como uma espécie de “balanço” do ano de 2009.

Um dos países de grande expansão da Universal na América Latina é a Argentina, que conta também com a *Associação Benéfica Cristã* como promotora da maior parte de suas ações sociais. Os argentinos declaram ter cerca de duas mil pessoas envolvidas nas atividades propiciadas pela ABC, principalmente as de suporte de advogados e assistentes sociais, além da atuação de educadores e enfermeiros. Segundo as informações encontradas, a ABC aparece representada principalmente por outra organização filantrópica, fundada desde 1997 na província de Córdoba, mas que só foi reconhecida como instituição civil sem fins lucrativos em 2005, entidade denominada *T- Ayudo*. O objetivo dos voluntários é levar aos carentes alimentos, roupas, entretenimento e ajuda espiritual – tudo muito similar ao que é desenvolvido sobre a rubrica ABC ou por outras entidades ou programas já apresentados. Como parte dessa associação, os argentinos também organizaram o grupo *Angeles de la calle* (voluntários que assistem aos moradores de rua) e o *Angeles de la vida* (responsável pela mobilização de doações de sangue). O foco desses grupos é alcançar pessoas desabrigadas, crianças órfãs, doentes e idosos, não diferindo do público-alvo do assistencialismo de outra

religião. De modo geral, a filantropia da América Latina não chama atenção para atividades além das descritas, que são majoritariamente emergenciais.

Apesar de essa caridade ser capaz de tornar alguns necessitados e seus familiares sensíveis à conversão, ela não funciona como um chamariz tão eficiente capaz de aumentar de modo significativo o número de membros da Igreja, pois está longe de ser promovida em dimensões relativas à estrutura e à membresia desejadas nessas localidades. Entretanto, apesar de enfaticamente a caridade nos países estrangeiros não poder ser considerada um assistencialismo proselitista de grandes proporções, o sucesso do evangelismo e da legitimação da IURD transnacional não podem ser considerados sem levar em conta a prática da ação social. O desempenho da filantropia da IURD em outros países mostra que esses trabalhos são acessórios importantíssimos ao evangelismo de massa; são relevantes, e por vezes essenciais, mesmo sendo ínfimos se comparados à força das pregações através de distribuição de jornais, apelos emocionais e convites a campanhas financeiras que postulam justamente que é o necessitado quem deve doar, a fim de alcançar o favorecimento e o recebimento das graças de Deus. Mas como visto, se o discurso da prosperidade econômica não “encaixar”, a IURD acaba acionando com eficácia outra chave: a da ênfase sobre as bênçãos sociais e emocionais que Deus pode prover por meio da Igreja; mostrando-se uma leitora atenta às contingências de cada região, a Universal adapta seu discurso com facilidade de modo a provar o poder de seu Deus e garantir que não se reproduzam erros do passado que a leve a perder fiéis em derrocada.

Portanto, a assistência no início da implantação de uma Universal se assemelha e se confunde por vezes com o modelo de filantropia tradicional que faz parte da rotina da fé cristã e não visa interferir nas circunstâncias de vida dos indivíduos assistidos, senão, suprir algumas necessidades urgentes de pobres e marginalizados. Funciona ainda para mostrar que a instituição religiosa é engajada em trabalhos sociais e preocupada com as necessidades que a possam tornar relevante naquele país. Mas é possível ler um movimento de alternância no padrão de caridade transnacional: à medida que as pessoas vão sendo evangelizadas, aumenta a preocupação com os novos crentes e isso vai se convertendo no surgimento e ampliação de atividades de cunho educacional, nas reuniões destinadas a mulheres e em rotinas de lazer e cursos profissionalizantes, cujo destino é atender jovens e crianças carentes. O surgimento de uma caridade para os de dentro não implica no desaparecimento da caridade assistencialista mais tradicional, porém, sugere diminuir sua frequência, absorvê-la e em alguns casos, quase sobrepujá-la.

Tal alteração pode ser oriunda do fato de o período de implantação de uma IURD em um país estrangeiro ser marcado predominantemente pelo proselitismo acompanhado de assistência social esporádica, visando o socorro das necessidades imediatas dos possíveis membros. Gradativamente, como a maioria desses indivíduos é de fato necessitada dos suprimentos materiais e de educação formal, a frequência nos cultos e contato direto com os líderes religiosos poderia aumentar a demanda por ajudas mais específicas, criando assim, conseqüentemente, projetos que estendem a adesão dos participantes a atividades filantrópicas e a rotinas evangelísticas, retroalimentando o processo de enraizamento da IURD na região. Ou ainda, a alteração no modo do assistencialismo poderia ser explicada pela tentativa da Igreja de suprir as falhas advindas do mau uso da fé por parte dos membros, afinal, muitos dos crentes Iurdianos não recebem a tão sonhada prosperidade prometida, por vezes em nenhum dos sentidos já mencionados. E é do sucesso dos membros – mesmo que raro – que depende a “eficácia” da argumentação Iurdiana. Obviamente, para além dessas asserções postas como possibilidades de interpretação, não é possível ignorar que o movimento de mudança nesse “padrão” de caridade possa ser ainda decorrente de estratégias de mercado bem elaboradas pela liderança da Igreja (dimensão possível em qualquer das duas hipóteses), que afinal, tem mantido a Universal em evidência para além dos escândalos que já ocorreram. Essas hipóteses, interpostas a partir da variação da filantropia internacional, seguirão como inquietações a serem pensadas e relacionadas com os achados sobre a caridade da Igreja Universal no Brasil.

5. Obras sociais em terras brasileiras

5.1 As frentes que estão mais atrás

Os uniformes, as liturgias, as campanhas e os cultos, além dos muitos outros caracteres que fazem com que a IURD seja “igual em qualquer lugar do mundo” criam a expectativa de que a mesma regularidade e formatação possam ser encontradas no que diz respeito à prática social. Mas a maneira com que se faz caridade difere consideravelmente em cada região. O *site* nacional da Igreja Universal do Reino de Deus apresentava até outubro de 2009 as três frentes de maior importância que caracterizavam as ações sociais promovidas pela Igreja no Brasil. Eram, a saber: **a coordenação da Fundação Pestalozzi, a manutenção da Fazenda Nova Canaã, como parte fundamental do Projeto Nordeste e o Projeto Jovem Nota 10.** Porém, essas iniciativas que se desenvolveram no Rio de Janeiro, em São Paulo, e no interior da Bahia não se configuraram como um padrão de caridade que fosse reproduzido nos demais estados de expansão da IURD. Nesse sentido, cabe antecipar ao leitor que não compartilho da perspectiva de que esses projetos, ou mesmo a *Associação Beneficente Cristã* sejam iniciativas “de caráter modelar” no sentido de serem métodos de desenvolvimento da assistência social reproduzidos nos demais estados e na IURD transnacional.

A modificação significativa dessas frentes de ação me leva a sugerir o contrário – que a IURD possui um vasto repertório de projetos, modelos apenas temporários de entidades e eventos para realizar o bem ao próximo, e que mesmo possuindo o mesmo nome, podem diferir de modo substancial. Além disso, essas modalidades de assistência não apresentam necessariamente uma vinculação específica, não sugerem ser decorrentes de um direcionamento ou uma crença própria a respeito da caridade, e ainda, não resultam de um conhecimento comum compartilhado por membros e líderes. Essas atribuições fazem as características que inicialmente são consideradas modelares serem formas tão flexíveis e maleáveis que apenas uma construção *a posteriori* permitira alinhar a multiplicidade dessas iniciativas como um “padrão” a ser considerado replicável. Opto por enxergá-las como um repertório cada vez mais multiplicado de ações sociais que projetam a Igreja Universal na medida em que alguma das possibilidades de exercício da caridade é acionada pela liderança ou por membros voluntários; haja vista as relações de parceria entre as IURDs e o *Instituto Ressoar*, a remodelação da caridade em Portugal e a atuação relevante das mulheres nos países africanos.

A principal mudança ocorrida nas frentes que apareciam em destaque no *site* da IURD foi a desativação da ABC na maior parte dos estados brasileiros. A título de registrar o

envolvimento da Igreja nessas ações sociais (visto que parte delas é pouco conhecida por pesquisadores da religião), elas serão brevemente apresentadas e posteriormente relacionadas com o que de fato predomina e sai à frente quando se fala em assistencialismo Iurdiano nos dias de hoje.

Em torno da *Fundação Pestalozzi* de São Paulo – uma entidade filantrópica que era conhecida por atender crianças portadoras de Síndrome de Down – a IURD fez grandes campanhas financeiras e publicitárias. Algumas das diversas benesses relatadas como provenientes da parceria com essa fundação estiveram presentes nas matérias especiais de comemoração dos 32 anos da Igreja. A *Pestalozzi* foi fundada em 1952 e desde esse período diz ter realizado em seus 57 anos de existência um milhão de atendimentos diversos a crianças e adolescentes com necessidades especiais. Após alguns anos desde a fundação, a *Pestalozzi* chegou a enfrentar dificuldades financeiras, instalações deterioradas, prédios com tetos comprometidos, falta de pisos nas salas das oficinas, poucos professores, voluntários e profissionais de limpeza, além da unidade pré-profissionalizante fechada por ordem judicial. Após a parceria com a Universal, a *Pestalozzi* parecia ter mudado em todos os sentidos. A Igreja assumiu a organização como parceira na década de 1990, ora provendo a partir daí recursos financeiros, ora como motivadora de voluntários que pudessem se integrar nas atividades da entidade. A partir da associação com a IURD foram criadas instalações de escolas, consultórios médicos e odontológicos, oficinas pedagógicas e refeitório, além de um corpo administrativo profissionalizado, contando com muitos voluntários; parte deles pessoas que já haviam sido atendidas pela entidade, além de pais de crianças integradas às atividades locais (informações obtidas no *site* da IURD em abril de 2009).

Após estar sob a coordenação da Igreja Universal, a *Pestalozzi* passou a realizar vários diagnósticos e atendimentos médicos, além de consultas psicológicas e fonoaudiológicas, e atividades com assistentes sociais, psicopedagogos e musicoterapeutas. Esses atendimentos eram destinados a crianças e adolescentes de 0 a 22 anos que se integravam por meio de atividades de psicoballet, hidroterapia, artesanato, lazer e culinária. Tais tratamentos e atividades estão hoje organizados sob o projeto AFESI – ações entre família, escola e saúde – e visam atender uma faixa etária mais reduzida, mas que inclui além dos deficientes intelectuais diversos, os autistas e as famílias desses jovens, ressaltando assim, o apoio “sócio-clínico-educativo” pautado nas concepções de inclusão e “ações intersetoriais”. A entidade sempre contou com doações para garantir seu funcionamento. No final do ano de 2009, foi iniciada pela IURD a Campanha *Pestalozzi de São Paulo – o sorriso da vida*, que previa arrecadar 03 milhões de reais, uma vez que a campanha de 2008 já havia conseguido

atingir a cifra de 724 mil. As arrecadações foram realizadas através de doações telefônicas de 0500, que segundo alguns relatos, não faziam parte de uma estratégia comum usada há alguns anos atrás.

Mas essa parceria de aparente sucesso e de certa relevância para a imagem dos trabalhos sociais da Universal tomou um rumo diferenciado no final de 2009, quando a Igreja retirou todas as informações de seu *site* sobre a *Fundação*. A vinculação da parceria que antes era claramente entre Igreja Universal e *Pestalozzi* passou a ser entre a ABADS (Associação Brasileira de Assistência e Desenvolvimento Social) e o *Instituto Ressoar*. A *Pestalozzi* mudou seu nome para ABADS devido à ampliação de seus atendimentos a crianças e jovens autistas, deixando em evidência seus balanços financeiros e sua submissão a auditorias periódicas. A ABADS, diferente da antiga *Fundação Pestalozzi*, utiliza fluentemente os termos próprios ao campo da filantropia leiga, como “terceiro setor”, “responsabilidade social” e “inclusão”, além de enfatizar seus três títulos de reconhecimento de associação de utilidade pública e o prêmio *Top Qualidade Brasil 2009*, que foi obtido em evento promovido pelo CICESP (Centro de Integração Cultural e Empresarial de São Paulo). A ABADS destaca que os voluntários da entidade, incluindo a presidente administrativo-financeira, não recebem remuneração pelo trabalho e doam seu tempo de forma espontânea, mas comprometida. Como instituição do terceiro setor, a ABADS atualmente investe em projetos para angariar fundos através de parcerias com empresas diversas, defendendo a perspectiva do “desenvolvimento social sustentável”. Um dos vínculos mais importantes estabelecidos desde então foi com o *Instituto Ressoar* da Rede Record, que promove campanhas de doações de dinheiro, realiza várias publicidades em torno da instituição e patrocina reformas em seu espaço físico.

O *Instituto Ressoar* (de propriedade da Igreja Universal) está organizado em sete projetos principais que se propõem a cooperar para uma sociedade “inclusa e justa”, através das noções de responsabilidade social. A forma de atuação de maior destaque é o programa *Ressoar* que vai ao ar na Rede Record duas vezes por semana (domingo às 19:00 horas, sendo reprisado ao sábado às 14:00 horas) e discute temas gerais sobre o terceiro setor. Os demais projetos sociais *Ressoar Solidário*, *Casa do Fazer*, *Ressoar nos Bairros*, *S2B Online*, *Conectado com o Mundo*, *Curso Ressoar Multimeios* e *Zooparque Itatibaia* configuram uma série de programas que culminam majoritariamente em ações culturais de promoção de lazer e inclusão social, além de cursos de capacitação e profissionalização. O programa *Ressoar Solidário*, por exemplo, além de promover eventos esporádicos realiza também um dia dedicado ao desenvolvimento de ações solidárias em todo o país. O dia escolhido em 2010 foi 17 de outubro, que se caracterizou por realizar em muitas das capitais do Brasil um mutirão

abarcando atividades comuns às práticas de voluntariado: apresentações musicais, lazer, tarefas educativas para crianças, tratamentos de beleza, arrecadação e distribuição de alimentos, atendimento médico, emissão de documentos e doações de sangue. As ações desenvolvidas pelo *Instituto Ressoar* alinham-se às rotinas das associações filantrópicas leigas hodiernas, destacando noções antes ausentes no discurso e nas atividades promovidas pela Igreja Universal, como o reforço dos valores de cidadania, solidariedade, sustentabilidade, voluntariado, cultura e consumo consciente.

Uma explicação possível para a mudança da aliança direta entre *Fundação Pestalozzi* e IURD para a ligação de ABADS e *Instituto Ressoar* pode ser parcialmente encontrada na necessidade que se postula, de modo geral crescente, de que as empresas passem a afirmar seu compromisso com a responsabilidade social e com o meio ambiente – exigência essa facilmente visualizada na maior parte dos discursos recentes sobre mercado e empreendedorismo. As parcerias que a Igreja Universal mantinha como promotora de obras sociais, nos dias de hoje beneficiam muito mais a IURD enquanto instituição de entretenimento (leia-se Rede Record), do que a Universal quando considerada apenas em sua dimensão de organização religiosa. O *Instituto Ressoar* em parceria com a ABADS se configura como um recurso capaz de conferir à Igreja Universal – via Rede Record – a dimensão de agente de ações distintas das práticas assistencialistas “tradicionais”, em sintonia com a promoção dos direitos humanos através do envolvimento de famílias, empresas e universidades. Essa parceria deixa a impressão de que a qualquer momento a IURD pode acionar sua relação com o *Instituto Ressoar* a partir de uma conjuntura que torne necessária a evocação de uma dimensão solidária mais aquilatada, que se encontra prontamente atualizada com a evolução do pensamento leigo e das concepções recentes sobre assistência. Em 17 de fevereiro de 2010, por exemplo, foi publicada na *Folha Universal* uma reportagem sobre a formatura de 27 alunos especiais no ensino fundamental da ABADS, ressaltando a associação apoiada pela Igreja e dando uma pista de que há possibilidade de se intensificar a publicidade dessa parceria.

A segunda frente de ação social que era considerada de maior importância pela Universal é o *Projeto Nordeste*. Os vários projetos que fazem parte dele são reunidos sob a mesma nomenclatura e são conhecidos em suas localidades por S.O.S (como o *S.O.S Santa Catarina*, de 2008; o *S.O.S Piauí*, de 2009, o *S.O.S Região Serrana*, de 2011) e consistem principalmente na arrecadação e distribuição de alimentos, água, roupas, materiais de limpeza e itens de higiene pessoal para pessoas vítimas de desastres naturais. O *Projeto Nordeste* se destaca ainda e principalmente pela fazenda criada no interior do estado da Bahia – a *Fazenda*

Nova Canaã – que seria uma das primeiras fazendas das muitas outras que viriam a ser construídas³⁵. A fazenda foi construída em 1999 em Irecê, interior da BA, patrocinada pelas doações do senador e bispo Marcelo Crivella. Segundo a assessoria da Igreja, Crivella, após trabalhar dez anos na África, foi convidado pelo bispo Edir Macedo para retornar ao Brasil para novas atividades. Macedo dizia estar sensibilizado pela reportagem apresentada na TV Record que mostrava como inúmeras famílias nordestinas, que haviam migrado para a região com o intuito de plantar feijão, tinham perdido tudo e estavam em situação de miséria em função da seca.

Marcelo Crivella, engenheiro que gravava CDs e sempre fazia doações dos valores que lucrava com a venda dos exemplares para obras de caridade da IURD, ao voltar ao Brasil, assinou um contrato com a Sony Music no valor de R\$ 850 mil reais, valor que diz ter sido destinado a engrenar as obras de irrigação que seriam feitas nos moldes dos gotejamentos *kibutzes* israelenses, em Irecê. Tendo o senador vendido mais de seis milhões de CDs, os relatos trazem que ele concentrou sua última doação de R\$ 525 mil reais para ampliar as obras da fazenda, melhorar o acabamento e instigar a construção de um hotel na região. Segundo a assessoria da IURD, a *Fazenda Nova Canaã* tem mais de 500 hectares de extensão e produz várias frutas e legumes, além de agregar um rebanho leiteiro, um criadouro de porcos e um de galinhas. Possui açudes de tilápias e carpas e sustenta mais de 180 empregos diretos, garantindo a subsistência de todas as famílias envolvidas no projeto. Como parte da *Fazenda*, foi criado o *Centro Educacional Betel*, responsável por fornecer educação, alimentação, transporte, materiais didáticos e de higiene a crianças carentes da região. Os Universais declaram já ter investido na Fazenda mais de 10 milhões de reais oriundos de diversas doações e dos valores arrecadados com a venda dos CDs. Apesar de considerado um reduto de bonança e fartura para a região, a fazenda, desde a época de sua fundação, não deu origem a outras iniciativas além das já descritas³⁶.

Marcelo Crivella, sobrinho de Edir Macedo, foi em 2004 acusado de conhecer todas as irregularidades e precariedades da *Fazenda Nova Canaã* e tentar barganhar com os ex-funcionários insatisfeitos. Alguns relatos consideraram que a *Fazenda* fora visitada por inspetores sanitários e multada em mais de R\$ 15 mil reais, uma vez que alimentos eram guardados juntamente com materiais de limpeza, não havia instalações adequadas para os

³⁵ Até o término dessa pesquisa nenhuma outra fazenda havia sido construída.

³⁶ Segundo Scheliga (op.cit.) o projeto da *Fazenda Nova Canaã* promoveu ainda a COPECIBA (Cooperativa dos Produtos de Confecções em Irecê), mas não se encontram mais notícias sobre sua continuidade. Os últimos relatos que pude encontrar datam de 2005 e dizem que a cooperativa tinha o objetivo de profissionalizar pessoas carentes para que pudessem obter sua própria renda.

funcionários dormirem ou fazerem suas necessidades, de modo que excrementos ficavam expostos próximos a alimentos doados. Segundo reportagem³⁷, muitos trabalhadores não tinham carteira assinada, faltava água potável e mesas para realização de refeições. Mas essas denúncias não parecem ter tido sua veracidade comprovada, não conseguindo impedir a realização de novas parcerias. A última notícia encontrada sobre *Nova Canaã* segue a tendência do observado quanto à antiga *Fundação Pestalozzi*, da formação de parcerias que ligam as iniciativas da IURD àquela “filantropia empresarial”. Segue um excerto da notícia:

“A parceria foi acertada durante visita à fazenda feita por empresários e representantes de conceituados grupos, acompanhados do presidente do Sistema Universal de Comunicação e diretor da Folha Universal, Jeronimo Alves. (...) Entre os presentes estavam José Carlos Semenzato, presidente da FranHolding (Microlins Formação Profissional, Instituto Embelleze, Profsat Tecnologia e Educação e Instituto Ricardo Almeida), Magdiel Unglaub, vice-presidente da SAGE/Brasil; e Daniela Busoli, diretora da ActioMedia do Brasil (empresa do grupo Endemol). Na ocasião da visita, os empresários puderam constatar os setores nos quais poderão colaborar para o crescimento do trabalho da Fazenda Nova Canaã. Lídia Pereira, oficial das Alianças Cooperativas da UNICEF no Brasil, afirmou que, junto com o Instituto Ressoar e a Rede Record, estuda um programa de parceria para contribuir com o sucesso ainda maior do projeto”. (Alice Mota, Agência Unipress Internacional, s/d).

Não foram encontradas mais informações sobre o estado da fazenda após esse encontro. Mas, a figura carismática e de grande relevância para IURD do senador e bispo Marcelo Crivella – que mantém em seu rol de projetos bem sucedidos a *Fazenda Nova Canaã* – continua sendo um dos maiores cabos eleitorais da Igreja Universal e é em torno de sua figura que se concentram quase todas as obras sociais realizadas no Rio de Janeiro, objeto da próxima sessão.

5.2 O caso paradigmático carioca

A terceira grande obra que aparecia no *site* da IURD era uma das principais iniciativas do Grupo Jovem do Rio de Janeiro³⁸, denominada *Jovem Nota 10*. Esse programa começou em 2003 e foi implantado em várias regionais da Igreja Universal (todas no estado do Rio), caracterizando-se no início por oferecer ajudas escolares para jovens entre 14 e 25 anos. Com

³⁷ Fonte: <http://crivellanao.blogspot.com>

³⁸ O Grupo Jovem (conhecido como Força Jovem) se organiza de diversas formas no intuito de fazer evangelização em encontros esportivos, musicais e gincanas. Os participantes também distribuem jornais da Universal em vários pontos da cidade, fazem evangelismo de rua e se reúnem em caravanas e shows promovidos no intuito de adorar a Deus. Iniciado em Duque de Caxias na Baixada Fluminense em 1978, o Força Jovem realiza atividades culturais, sociais e espirituais no intuito de resgatar os perdidos. A proposta é “ser uma juventude diferenciada, com valores familiares e de companheirismo”, segundo destaca o responsável pela Força Jovem do Rio de Janeiro. No Rio, o grupo foi responsável em janeiro de 2011 pela organização do *S.O.S Região Serrana*, tendo seu trabalho amplamente divulgado pela agência de publicidade própria do grupo, denominada VPR.

o crescimento da proposta, o projeto que era ligado à ABC, atingiu a cifra de 15 mil alunos atendidos e passou a oferecer cursos diversos, como: de idiomas, pré-vestibular e atividades profissionalizantes. Alguns dos cursos oferecidos como o de línguas estrangeiras eram gratuitos, para outros, todavia, era cobrada uma taxa de participação, como no curso de empreendedorismo para jovens. Aparentemente abertos a pessoas de qualquer credo religioso, o *Jovem Nota 10* também envolvia atividades de lazer, esporte, campeonato, teatro e dança. As aulas eram ministradas por professores voluntários de acordo com a disponibilidade de cada um e em espaços concedidos pela igreja para tal finalidade. O *Projeto Jovem Nota 10* apareceu no ano de 2009 com a cifra de ter formado 400 jovens nas modalidades de auxiliar administrativo, judô, ju-jítsu, futebol, taekwondo, balé, jazz, curso pré-vestibular, hotelaria, turismo, inglês, espanhol e idioma missionário.

Apesar do aparente sucesso desse programa, o *Jovem Nota 10* já há muito tempo é obscurecido em função da efetiva visibilidade das obras sociais de políticos da IURD no estado do Rio de Janeiro, haja vista a obtenção da Secretaria do Trabalho e Ação Social em 1994 pela IURD (Oro, 2003). Segundo as análises de Corten e Conrado retomadas por Oro a respeito do impacto da ação política da IURD, a Igreja realizaria através do número crescente de representantes na Câmara Federal e Assembleia Legislativa uma ação pró-cidadania que permitiria a constituição e o aumento de uma base eleitoral promotora de figuras públicas que revisassem as noções de moral e ética na política, se apresentando como pessoas altruístas, “de caráter” e comprometidas com Deus. O trabalho do bispo e senador reeleito Marcelo Crivella (PRB-RJ) e da vereadora Tânia Bastos (PRB-RJ) são exemplos de tal atuação política de cunho caritativo da Igreja. Crivella, em sua biografia enquanto político se vale da realização da *Fazenda Nova Canaã*, utilizando exatamente o mesmo texto que consta no *site* do projeto *Projeto Nordeste*, com configuração, descrições e fotos idênticos, a fim de mostrar o sucesso de seus projetos sociais. Ressalta ainda o *Cimento Social*, como seu segundo trabalho bem-sucedido e de preocupação humanitária, que visava reformar e construir casas em morros e favelas começando pelo Morro da Providência. O *Cimento Social* tinha como objetivo beneficiar famílias carentes e gerar renda e emprego para cerca de 100 pessoas da própria comunidade em que estava sendo realizado, no geral homens que estariam envolvidas no projeto de construção juntamente com as tropas especializadas do Exército. Esse projeto contaria com a verba do Ministério das Cidades e com o apoio do Ministério da Defesa, tentando chamar a atenção do governo federal no intuito de integrar-se posteriormente ao

programa *Minha casa, minha vida* ³⁹, o que acabou não acontecendo. Esse trabalho estava organizado em duas fases, sendo destino à primeira delas o montante de 1,5 milhão de reais e à segunda, a quantia de 11 milhões, valores que seriam destinados a produzir cerca de 800 casas em um período de doze meses.

Em entrevista ao *site* do PRB⁴⁰ (Partido Republicano Brasileiro) Crivella alegou ter recebido 12 milhões de reais como apoio do governo Lula e também declarou que seu projeto faria parte do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Entre as propostas do senador para o Morro da Providência, existia ainda a de revitalizar as fachadas das casas, restaurar telhados, implantar rede de esgoto para a comunidade e criar centros comunitários e creches. Acusado de fomentar um grande projeto eleitoreiro distribuindo algumas das casas prometidas apenas em tempos de campanha, o senador recebeu outras denúncias, partidas do Jornal *Valor Econômico*, sendo a principal delas a de que o *Cimento Social* teria a fortuna de 3,6 milhões de reais para construir apenas 30 casas. Mas as irregularidades aparentemente foram contornadas e o projeto foi estendido a outras comunidades, como a de São Gonçalo por exemplo. Após a morte de 03 jovens do Morro da Providência envolvendo soldados do Exército que assessoravam as obras do projeto de Crivella em junho de 2008, contudo, não foram encontrados demais dados sobre a continuidade do *Cimento Social*.

Marcelo Crivella em 2009 e 2010 focou suas atividades na reeleição ao senado e atuou de maneira mais contundente no debate contra a Emenda *Ibsen Pinheiro*, que implicaria na retirada de sete milhões de reais dos estados e municípios produtores de petróleo, distribuindo igualmente os *royalties* decorrentes. Continuou ainda seguindo a linha de se destacar pelas emendas individuais que conseguia aprovar para construção de habitações populares e fornecimento de equipamento hospitalar. Destacou-se como relator de emendas desse tipo, beneficiando as cidades de Petrópolis, Teresópolis, Duque de Caxias, Niterói e outras do Rio de Janeiro. Em maio de 2010 recebeu uma moção da Câmara de Vereadores de Petrópolis em função da verba de 1,8 milhão de reais que foram destinados ao município por seu intermédio. No currículo do bispo ainda constam muitas outras medalhas, moções e títulos oriundos de sua atuação política.

Contudo, a marca da trajetória pública de Crivella engajada nas questões sociais, segundo ele, não tem vinculação direta com a Igreja Universal. Em 07 de dezembro de 2010,

³⁹ O Programa “Minha Casa, minha vida” é uma associação do Governo Federal com a Caixa Econômica Federal, no intuito de favorecer pessoas de baixa renda a obter financiamentos para suas casas próprias.

⁴⁰ Fonte: <http://www.prb10.org.br>

Crivella, respondendo ao *Valor Econômico* se teria a intenção de se desligar da imagem da Igreja Universal, disse o seguinte:

Nunca fui só um representante da Universal. Tudo que pensei, pensei no povo do Rio. Até porque a igreja não precisa de um Senador, quem precisa é o Estado. A igreja não pode se apoderar das políticas públicas ou das verbas públicas. A política deve ser feita com idealismo, com renúncia, pensando com outros (Fonte: <http://marcelocrivella.com.br>).

Certo distanciamento da IURD tem aparentemente acontecido. Em 2010, Crivella também participou da palestra juntamente com a Arquidiocese do Rio de Janeiro sobre o terceiro Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH) ressaltando sua posição de ser contrário à criminalização da homofobia, à descriminalização do aborto e à proibição do uso público de símbolos religiosos. Na palestra dada por Crivella, ele afirmou que para combater essas mudanças, as religiões de origem cristã precisavam se unir independente dos dogmas religiosos. Em suas próprias palavras: “Católicos, evangélicos e espíritas estão irmanados nessas lutas”. A defesa de Crivella mostra uma postura bem diferente da que é vivenciada nos cultos e guerras travadas nos rituais da IURD, apontando para o fato de que a “simbólica da diabolização”, aqui retomada especificamente como a rivalidade travada com outras religiões, jamais é evocada nas ações de um senador.

Esse relativo distanciamento da dimensão dos apelos ao sobrenatural na atuação política é fundamental para as mobilizações de parcerias e vínculos que não se apresentariam prontamente admissíveis em cenário religioso. A postura de Crivella segue o mesmo sentido das mudanças das demais frentes de ação social descritas acima: parte da IURD tem se desprendido do estereótipo que a Universal carrega como expressão religiosa prementemente imersa na “guerra santa” e nas “radicalidades” da fé intensa, permitindo a formação e extensão de cooperações e alianças que reforçam ideais até então pouco conhecidos como sendo do universo Iurdiano. Noções como as de responsabilidade social, cidadania, inclusão, promoção de direitos humanos e engajamentos políticos contemporâneos entram – talvez definitivamente – na agenda de preocupações da Igreja Universal, pois permitem que ela se enraíze como agente social relevante nas diversas culturas nas quais atua.

Outro exemplo de um político Iurdiano envolvido na promoção da caridade é o da vereadora Tânia Bastos (PRB/RJ), também membro da Universal. Mas as ações políticas da vereadora até o presente momento mostram outro sentido da relação entre a Igreja Universal e a política – trazer à baila o que a IURD tem de “bom”, ressaltando o sucesso de seus projetos sociais e sua preocupação com questões atuais, como as relativas à saúde, a leis e direitos envolvendo as mulheres. Tânia Bastos sempre esteve engajada em obras sociais, tendo

coordenado a Regional da Secretaria Municipal de Assistência Social e presido a ABC, chegando a ser também presidente do PRB no Rio em 2006. Em 2009, deu suporte ao curso *Capacitação de Agentes Multiplicadores de Prevenção Contra as Drogas* e criou na comunidade da Mangueira um trabalho voluntário dentro de um posto de saúde, a fim de oferecer consultas, exames e fisioterapias gratuitas a pessoas necessitadas. Ainda em 2009 entregou a medalha de reconhecimento *Pedro Ernesto* à ministra da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, Nilcéa Freire, como forma de demonstrar uma de suas preocupações, já que seu lema é “a defesa do social e do direito das mulheres”. Em 2010, ela entregou a medalha à Força Jovem Brasil, homenageando os jovens da Igreja Universal pelos projetos sociais, espirituais, culturais e esportivos que são desenvolvidos a partir da motivação de “ganhar vidas” pregando o evangelho. No mês anterior, a vereadora havia homenageado o presidente da Rede Record. Após ser reeleita, em dezembro de 2010, se tornou segunda suplente do senador Marcelo Crivella.

Uma interpretação compatível a essas análises seria atribuir a engrenagem das obras sociais da Igreja Universal no Rio de Janeiro à manutenção e continuidade do “circuito do dízimo”⁴¹. O dinheiro doado por fiéis como dízimos e ofertas em cultos e campanhas da Igreja seria em parte usado para a construção de templos; espaços que, de alguma forma, ao fomentarem projetos e doações sociais, “reembolsariam” a sociedade retribuindo os doadores por meio da realização de assistência. Quem apareceria à frente na distribuição desses benefícios, então, seriam os próprios políticos, reforçando desse modo o caráter eleitoral da filantropia Iurdiana, capaz de angariar votos e apoio eleitoral, além de promover e sustentar novas e regulares doações monetárias de fiéis agraciados. O exemplo das obras sociais no Rio, certamente fomenta a relação caridade/contribuição/política e é o que parece predominar como o modo de prestar ajuda da Universal no Brasil, pois contempla um duplo movimento: ora o de destacar as iniciativas sociais de sucesso promovidas pela Igreja e expô-las na mídia e na política, ora o de afastar a figura da Universal – aqui entendida pelos modelos rígidos, por vezes caricaturais sobre o que é a IURD – dos agentes promotores das assistências e das instituições parceiras. Tal movimento pendular é compreendido nessa discussão como a capacidade da IURD de desenvolver outras modalidades de contato e de associações em favor do pobre, lançando mão da imagem da instituição religiosa apenas na medida da conveniência.

⁴¹ Agradeço a provocação do pesquisador Ronaldo Almeida (que se dedicou muito tempo ao estudo da Igreja Universal) sobre a existência do “circuito do dízimo”, que me fez pensar a relevância das obras sociais para eleição de políticos e para manutenção de templos no Rio de Janeiro, e a relação desse fato com a prática significativamente diferenciada do assistencialismo Iurdiano de Minas Gerais.

5.3 O que há mais adiante⁴²?

O deslocamento da parceria com a *Fundação Pestalozzi* (ABADS) e a reordenação das atividades exercidas anteriormente pela *Associação Beneficente Cristã* passaram a destacar outras formas de praticar a fraternidade em São Paulo⁴³. Os jovens paulistas evangelizadores incentivam doações de sangue, visitam asilos, orfanatos e centros de recuperação, além de se reunirem em congressos, mutirões sociais diversos e dirigirem também o programa *Cidade Limpa*, com o objetivo de recolher o lixo e conscientizar pessoas sobre a limpeza urbana. Além dessas atividades, o estado de São Paulo guarda ainda duas instâncias muito relevantes de ação social: a *Associação de Mulheres Cristãs* (AMC) e o programa *Ler e Escrever*. A AMC é coordenada por Rosana Oliveira e se configura como um grupo de mulheres da Universal comprometidas com a assistência através de visitas a penitenciárias, asilos e creches, além de distribuição de alimentos e promoção de eventos sociais. As mulheres fizeram em 2009 e 2010, por exemplo, distribuição de café da manhã na *Fundação Casa*⁴⁴ e também visitas à *Casa da Criança Betinho*, levando consigo leite e pacotes de fraldas – materiais arrecadados pela Força Jovem Brasil. Aos funcionários desses locais entregaram exemplares de bíblias, revistas e livros cristãos. Outro lar visitado pelas mulheres foi *O Raiar do Sol*, responsável pelo cuidado de idosos; a AMC paulista os visita quinzenalmente. A maior iniciativa desse grupo no último ano, contudo, foi a reinauguração da *Casa de Menores* em Carapicuíba em novembro de 2010, após intensa reforma patrocinada pela parceria com o apresentador Gugu Liberato, da Rede Record.

Além da ação social das mulheres, o programa *Ler e Escrever*, segundo informações da *Arca Universal* de 31 de janeiro de 2010, formou em São Paulo 700 alunos nos cursos de alfabetização e no ensino de primeira a quarta-série. Os alunos tiveram êxito no teste elaborado pela Secretaria de Educação que visava nivelar e habilitar a continuidade dos estudos a partir da quinta série do ensino fundamental. Sob a rubrica do *Ler e Escrever* de São Paulo há ainda outros cursos além do de alfabetização, como os profissionalizantes e os extracurriculares (Scheliga, op.cit.). Além das ações sociais da capital, na cidade de Iguapé,

⁴² Todas as obras sociais descritas nesse tópico são referentes ao período de 2009 e 2010.

⁴³ As tarefas de visitas a idosos e crianças e as de arrecadação/distribuição de alimentos aparecem nas fotos e nos relatos do *site* da evangelização paulista como compartilhadas tanto por integrantes do *A Gente da Comunidade*, quanto por membros que constituem o grupo de visitas a hospitais. Há ainda relatos sobre a participação dos voluntários da *Associação Beneficente Cristã*; todos os grupos são ligados pelo ideal último da evangelização e do alcance a pessoas carentes (conf. em <http://www.evangelizacaouniversalsp.com.br>). Já o organograma sobre a caridade paulista elaborado por Eva Scheliga e reproduzido na página 45 desse trabalho mostra que algumas atividades são específicas de cada grupo e afirma que a ABC paulista já não constitui mais um eixo a partir do qual são organizadas as obras sociais de São Paulo.

⁴⁴ Instituição que aplica o regime semiaberto a jovens infratores. Antigamente conhecida como FEBEM.

por exemplo, apesar de não haver relatos sobre trabalhos de alfabetização, há periódicas arrecadações de alimentos nos cultos; uma delas, por exemplo, organizou cestas básicas para famílias carentes, e entregou parte à *Sociedade Amigos do Bairro Rocío* (Sabro), ocasião em que foram realizados também cortes de cabelo, massagem, manicure e pedicure, em formato de um mutirão social. Ainda no estado de São Paulo há, juntamente com essas frentes de trabalho, o grupo *Coroas de Honra*, criado em 2002, que visa atender idosos com oficinas de artesanato, bordado, corte/costura, curso de confecção de bijuterias, ensino de técnicas de relaxamento corporal e aferição de pressão⁴⁵.

Além das obras descritas, a IURD também mantém trabalhos de caridade de grande destaque no Nordeste⁴⁶, no Sul do Brasil e no estado de Goiás – trabalhos de caráter diverso que aparecem nos relatos encontrados como deixando em evidência principalmente as ações de figuras políticas e iniciativas de cunho eleitoreiro. Em Porto Alegre, por exemplo, destacou-se a atuação do pastor e deputado reeleito Carlos Gomes (ex-PPS/RS, atual PRB) que, se posicionando como atuante defensor dos pescadores, policiais, trabalhadores da reciclagem, pagadores de pedágio e pessoas excluídas e desfavorecidas, ganhou o prêmio *Springer 2009*⁴⁷ na categoria de Ação Social e Meio Ambiente. Dentre os muitos projetos propostos e aprovados por ele, a Igreja Universal destaca o de dar desconto de 50% nas taxas de inscrição em concursos públicos para os doadores de medula óssea e de sangue. O deputado ainda defende a isenção de ICMS a templos religiosos e elaboração de identidade e instalação de energia elétrica sem custos para pessoas carentes. O gabinete desse mesmo deputado, através da parceria com a *Associação Piquete Raízes do Pampa*, participa também de mutirões sociais regulares em prol da cidadania. Levando consigo a bandeira de representante da IURD, Carlos

⁴⁵ Infelizmente faltam informações mais específicas que possibilitem afirmar taxativamente sobre a origem das verbas que sustentam os trabalhos (bem organizados e de grande parte) realizados pela AMC e pelo programa *Ler e Escrever* de São Paulo.

⁴⁶ Em Teresina foram encontradas menções apenas de trabalhos emergenciais. A Igreja criou a campanha *SOS Piauí* a fim de auxiliar as vítimas da enchente causada pelo rompimento de uma barragem no Maranhão. Já a cidade de Recife é constantemente citada por eleger vereadores e deputados que se engajam em campanhas sociais e de bem-estar coletivo e que propõem projetos que visam beneficiar doadores de sangue, aumentando o estímulo a esse tipo de contribuição. Outras leis que estão na pauta desses políticos dizem respeito à limpeza da cidade, tratamentos para idosos e modalidades diversas de assistência a pessoas menos favorecidas. O programa social da Universal na localidade (o *A Gente da Comunidade*) parece estar focado, assim como os políticos, em promover doações de sangue, pois essa é uma das campanhas de maior destaque da região. Já na capital de Pernambuco, a IURD implantou e mantém o Programa *Jovem Nota 10*. Em João Pessoa, as ações sociais parecem ser mais de cunho educativo, organizadas pela Força Jovem, que atua na promoção de encontros e passeios assessorados por trio elétrico, músicas e brincadeiras para alertar as pessoas quanto ao perigo de fazer uso de drogas. Lá, ao contrário das demais regiões citadas, o AGC local cuida apenas da assistência emergente, tradicionalmente distribuindo sopão e realizando orações com os recebedores das refeições. A dimensão tradicional da caridade realizada pelo AGC da região encontra-se separada dos trabalhos de educação e ensino profissional, coordenados pelos jovens.

⁴⁷ O prêmio *Springer Carrier* foi criado em 1961 e é promovido anualmente pela Associação Riograndense de Imprensa (ARI), visando destacar os parlamentares que tiveram ações mais relevantes para o estado.

Gomes influenciou a Assembléia Legislativa a homenagear a ação social da Igreja, entregando a medalha da 52ª Legislatura aos líderes estaduais da Força Jovem, da Escola Bíblica Infantil (EBI), da Evangelização Carcerária e do *A Gente da Comunidade*. Segundo o deputado:

“A Igreja (ele refere-se à Universal) tem seus olhos voltados à sociedade em que está inserida. Está nas casas, nos hospitais, nos presídios. É o momento também do parlamento gaúcho reconhecer esse trabalho voltado à promoção da solidariedade e da inclusão social que todo o Rio Grande já conhece” (Fonte: <http://deputadocarlosgomes.blogspot.com>).

O deputado participa periodicamente da formatura do programa *A Gente da Comunidade* do Rio Grande do Sul (AGC/RS) cujo primeiro aluno diz ter sido ele próprio⁴⁸. Carlos Gomes também apoiou as iniciativas do AGC/RS em um lar para crianças carentes, homenageou a Rede Record e, novamente as ações sociais da Igreja Universal na comemoração dos 33 anos da IURD, ressaltando a importância da Força Jovem no Rio Grande do Sul. Em dezembro de 2010, o deputado conseguiu a aprovação do *Dia da Decisão*, a ser comemorado no estado em 21 de abril⁴⁹, representando um dia em que as pessoas devem se reunir em locais públicos para orar por mudanças positivas em suas vidas. Segundo ele, esse é um dos caminhos que a sociedade e o governo encontraram para legitimar ações de fé em prol da melhora da vida de todas as pessoas.

Mas, seguindo uma espécie de tendência pendular, ora se aproximando ora se distanciando da identidade da IURD conforme conveniência, tal qual se identifica na postura dos políticos do Rio de Janeiro, o deputado também pode se afastar com facilidade do estereótipo Iurdiano. Ao defender abertamente a tolerância religiosa, se posicionando contra as discriminações advindas dessa postura de preconceito, defendeu a união dos credos a favor de políticas públicas que projetassem a diversidade e promovessem fraternidade e paz. A postura do deputado Carlos Gomes e do senador Marcelo Crivella conseguem, em certa medida deslocar o discurso “demonizante” da IURD para diálogos inter-religiosos e quiçá tolerantes, podendo representar dispositivos mais eficazes de conexão com as várias instâncias do governo, ou ainda, cooperar para a formação de um eleitorado forte e, para a

⁴⁸ A estrutura do AGC/RS se aproxima aparentemente da divisão de atividades que acontece no AGC de Minas Gerais, dividindo-se em aulas de: alfabetização de adultos, artesanato, inglês, espanhol e informática. Agregam-se ainda os trabalhos de assistência social e de evangelização. Mas, enquanto o AGC/MG conta com cerca de menos de cinquenta pessoas envolvidas na ação social, o AGC/RS, segundo dados apresentados pela assessoria do deputado Carlos Gomes, reúne mais de cinco mil voluntários. Não há dados que possam atestar a veracidade de tal fato, contudo.

⁴⁹ No dia 21/04/2010, a IURD mobilizou diversas regiões do Brasil para comemorarem o *Dia da Decisão*. A contagem é que participaram 27 estados e mais de 10 milhões de pessoas nessa concentração de fé. Esse dia é um evento comemorado há muitos anos na rotina da Igreja Universal.

constituição de um corpo de líderes político-religiosos que constituam uma imagem atualizada e positiva da Igreja.

No Paraná, as atividades parecem se concentrar no *Jovem Nota 10*, mas não têm muito destaque nas mídias da Igreja. Entretanto, o estado de Santa Catarina é frequentemente mencionado bem provável pelo fato de o presidente da Igreja Universal no Brasil e relações públicas de Edir Macedo – Jerônimo Alves – ter se mudado para o estado alegando estar demasiadamente sensibilizado pelos desastres das enchentes ocorridas no período de verão. Alves se engajou em um projeto de reconstrução de casas afetadas pelas enchentes, o *Reconstruindo Santa Catarina*⁵⁰, em conjunto com o *Instituto Ressoar*, do qual atualmente é coordenador. Jerônimo Alves também apoiou dois projetos sociais em parceria com o estado: o da *Escola Aberta*, coordenado em Criciúma por Fátima Silvana, que visava entre outras coisas melhorar as relações entre a escola e a comunidade e o programa *Segundo Tempo*, também em Criciúma, idealizado e promovido pelo Ministério do Esporte a fim de democratizar a prática esportiva no contra turno da escola, envolvendo adolescentes e crianças socialmente vulneráveis. O bispo também esteve encabeçando uma parceria da IURD com a *TV Barriga Verde* no intuito de arrecadar agasalhos dos fiéis, alavancando as campanhas do agasalho de 2009 e 2010, denominadas *Aqueça um Coração* e *Aqueça uma Comunidade*. As campanhas também são parte das obras sociais realizadas pelas MEA de Santa Catarina, que tem Jerônimo Alves como presidente de honra.

Rosângela Alves, esposa do bispo, é quem coordena o *Mulheres em Ação*, que realiza um intenso trabalho de apoio à iniciativa de reconstrução das casas afetadas pelas enchentes, promove reuniões beneficentes, festas, oficinas, visitas a asilos, creches, orfanatos e comunidades carentes. As MEA também se destacam por terem apoiado um grande evento de solidariedade que foi realizado em Florianópolis, organizado pela Rede Record. Nesse evento, houve arrecadação de alimentos que seriam destinados a pessoas carentes e os doadores puderam usufruir de shows diversos e contarem com a participação de Crivella e Alves durante a programação. Nas principais atividades sociais encontradas na região observa-se que os grupos diversos que compõem as iniciativas da IURD – mulheres, evangelistas, jovens, professores de escola dominical, voluntários do *A Gente da Comunidade*, políticos, entre outros – constantemente estão reunidos em conjunto em prol de uma ação social de maior impacto realizada pela Igreja.

⁵⁰ O projeto aconteceu em 2008 e contou com o apoio da *Line Records* que organizou músicos evangélicos para gravar o CD *S.O.S Santa Catarina* e arrecadar fundos para a campanha. Segundo relatos, 430 casas populares foram construídas em função dessa iniciativa.

Na região centro-oeste, na cidade de Goiânia, uma iniciativa importante é o chamado *Dia da Solidariedade*, projeto de Lei aprovado pelo vereador e pastor da Universal Rusembergue Barbosa, que incentiva que ao terceiro sábado do mês de maio devem ser estimulados os princípios de solidariedade e respeito de uns para com os outros, traduzidos em ações de cidadania e reciprocidade. Uma das ações realizadas na cidade dia foi um mutirão social que contou com o apoio da *Faculdade Universo* que forneceu alimentos e roupas, além da prestação de assistência jurídica. A Secretaria Municipal de Saúde de Goiânia disponibilizou vacinas destinadas a crianças. O SENAC levou pessoas para realizar cortes de cabelo. A Secretaria Municipal de Esporte e Lazer forneceu algumas mesas de pingue-pongue e um pula-pula para oportunizar o lazer entre os jovens. Os pastores da Igreja Universal estiveram disponíveis fazendo orações pelas pessoas.

Ainda em Goiânia, a *Associação de Mulheres Cristãs*, visita hospitais que são evangelizados sistematicamente. Há também o projeto *Leitura em Foco*, que tem como objetivo ensinar a leitura. Os organizadores desse trabalho são denominados *Grupo Canal*, formado por universitários e professores responsáveis pela evangelização e promoção de ações culturais na cidade. Goiânia possui ainda o grupo *Melhor Idade*, que reúne idosos às sextas feiras, para oração, conversa, atendimento jurídico e social, jogos e brincadeiras, como num dia de lazer. Em 17 de dezembro de 2009 a Força Jovem de Goiânia recebeu uma nova sede, para implantar os seguintes programas (alguns deles já existentes em outras áreas do país): cursos educacionais e profissionalizantes gratuitos, *Projeto Se Liga 16* (que visa promover cidadania, encaminhando e instruindo jovens quanto aos meios de emissão de documentos) e o *Projeto Dose + Forte* (para fornecer orientações sobre os riscos do uso de drogas e auxiliar dependentes químicos). O espaço seria destinado ainda ao treinamento das equipes de teatro e dança de rua e ao ensaio de bandas e corais.

A IURD realiza também um trabalho nacional juntamente com os presidiários e suas famílias. Algumas localidades que se destacam nessas iniciativas são: Santa Catarina, Espírito Santo, Paraíba e Minas Gerais. A Universal distribui aos presidiários, periodicamente, kits de higiene pessoal, livros como *O bispo*, CD's, hinários, exemplares da Revista *Plenitude* e da *Folha Universal*. Tendo os encarcerados direito à assistência religiosa, pastores e obreiros adentram as penitenciárias para realizar cultos, trabalhos sociais (como corte de cabelo, manicure etc.) e batismos. A Igreja recebe apoio das diretorias das penitenciárias para que possam realizar as referidas atividades. Na rádio, o programa *Momento do Presidiário* vai ao ar de segunda a sábado e é destinado especialmente aos que estão encarcerados e a seus familiares. Também são dirigidos às famílias desses indivíduos cultos especiais e elas também

são informadas a respeito dos diversos procedimentos jurídicos que devem seguir, estando entre eles o necessário para obter o “auxílio-reclusão”⁵¹.

Em resumo, como visto nos exemplos citados, a *Associação Beneficente Cristã*, a *Fundação Pestalozzi*, a *Fazenda Nova Canaã* e o *Projeto Jovem Nota 10* não são iniciativas que de fato predominam ou que se reproduzem no desenvolvimento do assistencialismo Iurdiano. Apesar de terem sido as primeiras obras de maior relevância da Igreja, gradativamente cederam seus espaços a uma vasta pluralidade de trabalhos sociais que vão desde as práticas mais tradicionais a ensejos de promoção da cidadania e forte atuação de religiosos na esfera pública, como pastores e bispos que se engajam na carreira política se tornando vereadores e deputados. Se há algum modelo mais passível de ser desenvolvido na Igreja Universal, portanto, é o da caridade carioca – uma ação social ligada à política, capaz de “abrigar” nos templos e catedrais uma filantropia apoiada por figuras públicas. A Igreja Universal vem desenvolvendo distintas parcerias com várias instâncias do governo, no intuito de se mostrar uma instituição religiosa que age em cooperação com as ações políticas do Estado, tanto elegendo figuras que ocupem cargos cujas atribuições os permitam encabeçar ou participar de projetos a favor do bem-estar social, quanto mobilizando seu contingente de fiéis – já significativo – para que possam trabalhar recolhendo doações e sendo voluntários, assistindo pessoas vitimadas por desastres naturais, visitando e levando doações a presidiários ou a indivíduos em situação de miséria. Em perspectiva, se a Igreja Católica, por exemplo, estabeleceu sua prática assistencialista ao longo do último século a partir do desenvolvimento de uma postura política engajada que garantia sua hegemonia frente à liberdade religiosa vigente, essa opção também se apresenta bem interessante para os atentos Universais.

Em decorrência de a Igreja crescer e se multiplicar, desenvolvem-se, em seu âmbito, inúmeras ações beneficentes que parecem mesmo, conforme já diagnosticava alguns sociólogos, reforçar a participação dos fiéis e as grandes colaborações com dízimos e ofertas. Contudo, essa vinculação dos fiéis no Brasil continua preservando a verticalidade da liderança e raramente simboliza uma espécie de suprimento às promessas de prosperidade não alcançadas, como eu imaginava encontrar a partir da observação da IURD transnacional. Se o que se observou na caridade Iurdiana no exterior foi a prática assistencial de emergência sendo paulatinamente transferida para ações sociais pautadas no suporte educacional, retroalimentando os trabalhos de evangelismo e de inserção da IURD em determinada

⁵¹ Segundo o Ministério da Previdência social, o auxílio reclusão é “um benefício devido aos dependentes do segurado recolhido à prisão, durante o período em que estiver preso sob regime fechado ou semiaberto”. Esse auxílio é fornecido a quem atende os requisitos exigidos pelo programa (Fonte: <http://www.mpas.gov.br>)

localidade, exatamente o mesmo movimento não pode ser considerado quanto à filantropia brasileira dos dias de hoje. O que predomina no Brasil é um trabalho emergencial de cunho eleitoreiro, direcionado predominantemente a não membros. Faz-se uma ressalva, entretanto, de que as novas formas de ação social que a Igreja Universal enseja se atualizaram a partir da apropriação de categorias da filantropia recente, leiga e religiosa, levando ao desenvolvimento de um extenso repertório possível de assistências, que vai desde a arrecadação/distribuição de alimentos até a execução de trabalhos educacionais, elaboração de propostas de leis e direcionamento de verba para benefício social.

Principalmente no eixo Rio de Janeiro – São Paulo é muito difícil dissociar a fraternidade Iurdiana das relações políticas e eleitorais, que já parecem estimular outros líderes da IURD a lançarem candidaturas pelo país. Pode-se afirmar, ainda, que essa filantropia continua sendo fundamental na evangelização de modo geral, e, principalmente, no que tange ao processo de consolidação de uma nova imagem da Igreja na política e na mídia, daí o enfoque dado pelos envolvidos em ações públicas aos diversos benefícios sociais e de cidadania encabeçados pelas iniciativas da Universal, como por exemplo, o *Instituto Ressoar*. Ao observar as ações desses políticos e o modo como eles acionam um novo discurso sobre a IURD, a dimensão da capacidade estrategista da Igreja se mostra ainda mais evidente, como visto no movimento de aproximação das ações de caridade Iurdianas ou no relativo distanciamento da imagem da Universal quando são tratados assuntos de interesse coletivo incompatíveis com uma postura religiosa “radical”.

Todavia, o raciocínio do “paradigma carioca” e as demais explicações sobre a atuação dos políticos e voluntários nas obras mencionadas não pode ser aplicado para pensar a filantropia praticada em Minas Gerais. O capítulo que segue mostrará que o significado da caridade da IURD de Belo Horizonte aponta outra direção. A ausência de figuras públicas encabeçando ações de assistência e a raridade de atividades voltadas para pessoas de fora da Igreja, como se verá, acaba por obrigar um observador a direcionar seus olhos para a dinâmica interna dos membros, a fim de tentar enxergar nas relações que se estabelecem na vivência religiosa cotidiana desses crentes, como as práticas caritativas são mantidas e o que elas representam para além das motivações institucionais, políticas e midiáticas da Igreja.

6. Uma fraternidade cor de rosa

A caridade em Minas Gerais destoa em grande medida das práticas cariocas e paulistas anteriormente observadas. Ao situá-la, seguirão as análises e conclusões a que pude chegar nesse trabalho – de que a fraternidade da IURD também pode ser compreendida como um mecanismo de criação de diferenciações internas e hierárquicas, estruturando relações entre membros desenvolvidas a partir de uma interpretação distinta da dinâmica da guerra espiritual.

6.1 O “A Gente da Comunidade” em Minas Gerais

Todas as ações sociais a favor dos necessitados mineiros estão organizadas “dentro” do *A Gente da Comunidade* de Minas Gerais (AGC/MG). Esse programa é uma espécie de organização filantrópica regional que visa organizar e realizar várias obras sociais de diferentes aspectos. Difere de conteúdo e forma administrativa de estado para estado, apesar de várias regiões não possuírem essa forma de organizar as práticas de caridade. Em Minas Gerais, o AGC promove cursos de alfabetização e informática, vez ou outra oferece turmas de inglês e espanhol, mantém cotidianamente assistência jurídica gratuita, oferece auxílio de assistentes sociais e começou em 2010 um projeto de saúde. Passa ainda para as “regionais” das outras cidades mineiras as experiências que vem acumulando, ouve suas críticas e reclamações e tenta fornecer contribuições para as tarefas de cada localidade específica. O que mais salta aos olhos nesse modo de organizar a caridade em Minas Gerais é que quase todas as atividades são realizadas para membros da IURD; raras são as brechas que se abrem a pessoas de outras denominações, e, diferente da aceitação indistinta nos templos religiosos, quase nunca são aceitas pessoas oriundas de outros credos nesse espaço. O AGC/MG, durante os dois anos dessa pesquisa, desenvolveu apenas duas ações sociais voltadas a pessoas de fora da Igreja. Essas ações serão descritas ao longo desse capítulo, mas cabe antecipar que seu caráter proselitista se apresentou distinto, selecionando especificamente não membros que já manifestassem interesse na IURD e se dispusessem a frequentar os cultos por meio do transporte fornecido pela Igreja.

As atividades realizadas em toda a região do estado de Minas Gerais recebem apoio e orientação advinda apenas de Belo Horizonte. Aos pastores de cada igreja é conferida ampla liberdade para que organizem suas próprias atividades sociais, entretanto, por outro lado, eles têm um número mínimo de obrigações, entre elas a de enviar voluntárias para as reuniões

mensais ou semanais promovidas pelo AGC da sede da capital mineira. Essa submissão aparente se justifica por dois fatores: primeiro, o fato de a Catedral de Belo Horizonte ser a maior do Estado e assim agregar as denominadas igrejas “regionais” referentes à comarca dessa sede; segundo, pelo fato de as igrejas menores disporem de menos infraestrutura, menos pessoas que se voltem para o voluntariado, e, na maior parte das vezes, quase nenhum espaço próximo ao local da igreja para o exercício das ações sociais. Conseqüentemente, o assistencialismo nas cidades mineiras menores é praticado de maneira ainda mais esporádica e livre, e é quase totalmente direcionado aos membros⁵², como ouvi em inúmeras reuniões administrativas⁵³ das quais participei.

O *A Gente da Comunidade* de Minas Gerais é “um projeto de cunho social da Igreja Universal do Reino de Deus que busca conhecer as carências das comunidades, levando assistências e informações de acordo com as necessidades da sociedade” (Vídeo do AGC/MG postado em *blog* em 05 de janeiro de 2010, grifos originais). O AGC/MG está localizado ao lado da Catedral de Belo Horizonte, em região nobre da cidade, alocado e conhecido por ocupar uma casa cor de rosa, motivo pelo qual é chamado de “Casa Rosa” pelos voluntários que participam das diversas atividades oferecidas no espaço. A figura a seguir mostra a Catedral de Belo Horizonte ladeada pela casa:

Ilustração 2



Fonte: www.conteudo.arcauniversal.com

⁵² Os membros da Igreja são aqui entendidos como os obreiros, pastores, evangelistas, voluntários e demais pessoas que participem periodicamente das reuniões e, portanto, tomem ciência no espaço do templo das iniciativas sociais oferecidas.

⁵³ Chamo de reuniões administrativas os encontros realizados pelo pastor responsável pelas obras sociais do AGC/MG e pelos coordenadores de cada grupo de atividade, a fim de discutir e fazer deliberações sobre as iniciativas assistenciais. Muito do trabalho de campo realizado nessa pesquisa se concentrou na observação das práticas assistenciais do *A Gente da Comunidade* e das anotações feitas na e a partir dessas reuniões.

A “Casa Rosa” possui cerca de 250 m², garagem para seis carros e é dividida em três andares. O primeiro tem duas salas amplas e é destinado ao trabalho com os presidiários⁵⁴; o segundo, com cerca de dez ambientes, é o espaço de funcionamento do projeto *A Gente da Comunidade*. As partes da casa se comunicam internamente por uma escada que só é acessada por alguns obreiros autorizados e por pastores. Os demais voluntários não descem nem sobem. Nesse segundo andar fica a entrada principal da “Casa Rosa” que conta com uma recepção acompanhada imediatamente da secretaria. Na terceira sala, ocorrem reuniões deliberativas com o pastor coordenador do projeto e os demais espaços são destinados às seguintes atividades: aulas do curso de alfabetização *Ler e Escrever*, aulas de informática, aulas de inglês, curso de cabeleireiro, aulas de artesanato e escritório de assistência jurídica. Além disso, há uma sala livre que não possui ocupação permanente. Durante o período do trabalho de campo realizado para essa pesquisa, esses espaços foram redivididos e a EBI (Escola Bíblica Infantil), que ocupava o terceiro andar juntamente com a organização dos uniformes dos obreiros e camisas usadas durante as campanhas, passou a ocupar a sala que ficava ociosa.

A “Casa Rosa” também é a sede da *Evangelização* do estado de Minas Gerais, ficando, em tese, responsável pelo censo de pastores, obreiros e voluntários, além da emissão de relatórios, coordenação de projetos e elaboração de novas frentes de trabalho missionário. Mas esse vínculo entre a evangelização e a assistência social pode ser considerado aparente, no sentido de que raros são os projetos e metas evangelísticas organizadas de modo autônomo. Uma interação relativamente mais estreita entre proselitismo e caridade já existiu em Minas Gerais em época anterior. Apesar de não ser possível determinar o período de

⁵⁴ Em Belo Horizonte, as ações sociais do *A Gente da Comunidade* são totalmente separadas das iniciativas com os presidiários. Apesar de os grupos dividirem a mesma casa, as entradas são distinguidas com uma diferença de nível natural da construção, que acaba dificultando uma comunicação mais estreita. As funções são igualmente divididas: de um lado, o pastor responsável pelo trabalho com os presidiários e do outro, o pastor coordenador do AGC/Minas Gerais e da sede do evangelismo do estado, também situada na “Casa Rosa”. Algumas reportagens mostram a participação de voluntárias nos trabalhos em presídios femininos. Entretanto, a entrada de mulheres no recinto destinado à evangelização carcerária em Belo Horizonte é restrita aos homens, ao menos foi a justificativa que recebi sobre a impossibilidade de acesso. As muitas imprecisões nas falas dos voluntários das atividades sociais no que se refere a informar sobre a organização do trabalho nos presídios demonstram o pouco conhecimento por parte dos voluntários do AGC sobre as ações com os detentos. Em um dos cursos que participei pude presenciar o culto dos familiares dos presidiários sendo ministrado na garagem da “Casa Rosa”. Afortunadamente, o curso que assisti tinha sido realizado no sábado à tarde (apesar de não ser habitual), coincidindo com as reuniões dos grupos de evangelização e com o encontro das professoras da Escola Bíblica Infantil. Os alunos do curso pareciam bem familiarizados com o fato de haver aquele culto no local, mas quando indagados sobre mais detalhes, não tinham informações a acrescentar. Durante todos os diversos eventos que participei na “Casa Rosa” não presenciei outros comentários sobre o trabalho nos presídios, salvo de que outro culto destinado às famílias dos presos seria realizado também no espaço da antiga Catedral, localizado no quarteirão abaixo do da sede atual.

duração dos trabalhos sociais de cunho “tradicional”, eles já foram expressos nas seguintes atividades que já não existem mais: distribuição de sopas, auxílio a pessoas idosas, visitação a hospitais e à “Casa bem-vinda” (que auxilia mulheres vítimas de violência). Mas esse vínculo, se é que já existiu aos moldes do assistencialismo realizado nos países estrangeiros, ficou ultrapassado. Essa afirmativa pode ser exemplificada pelo fato de uma das principais coordenadoras atuantes no AGC/MG dos dias de hoje ter feito parte da evangelização por sete anos e jamais ter ouvido a respeito dos trabalhos sociais da Igreja Universal. Também, pelo fato de determinadas atividades anteriormente realizadas pelo programa já não existirem mais e sequer ser possível localizar quem as possa relatar com o mínimo de precisão. Por isso, não é possível afirmar se essa alteração a respeito do vínculo entre evangelização e assistencialismo seria decorrente de orientações evangelísticas advindas de líderes nacionais, ou se eram ações projetadas e postas em prática em decorrência da ampla liberdade na esfera da ação social, que hoje é observada entre as várias sedes da Igreja. Fato é que se a caridade deixou de ser uma ferramenta interessante para a alta cúpula da IURD de Minas, e deixou de ser (se é que já tenha sido) formatada em um padrão a ser obedecido e reproduzido, também já não é um mecanismo por meio do qual se concretiza o papel social ou evangelizador da Igreja na região.

O pastor atual coordenador do AGC chegou a sugerir certa vez que a caridade da IURD fosse representada em cada grupo de evangelização por ao menos um voluntário do programa de assistência social, a fim de fornecer informações às pessoas evangelizadas sobre o modo como poderiam ser assessoradas pela Igreja. Mas a caridade proposta não seria destinada aos incrédulos para que fossem por meio delas evangelizados e passassem a seguir os preceitos cristãos, seria, de acordo com minha interpretação, um mecanismo de (re) inserção daquele fiel promissor no ciclo de oferendas, fé e bênçãos proposto pela IURD, funcionando apenas como um complemento da missão emblemática da tarefa de ganhar almas. Porém, após esse debate entre vários voluntários sobre o vínculo do AGC e dos grupos de evangelização, tudo voltou a ser como antes. A prevista aproximação dos voluntários da “Casa Rosa” nos trabalhos evangelísticos não ocorreu nenhuma vez a partir dessa data. Na prática, nenhuma alteração significativa foi decorrente desse diálogo e a ligação forte que o pastor argumentava haver entre a assistência social da Igreja e o evangelismo aos de fora não era uma visão compartilhada por todos os envolvidos.

A crítica mais recorrente feita pelo pastor e pelos voluntários quanto ao modo de funcionamento do AGC/MG é a de que a estrutura existe, mas que não funciona como deveria funcionar. A maioria dos membros da Universal desconhece o assistencialismo realizado, se

comparado, por exemplo, com a popularidade dos trabalhos de evangelização, da escola dominical para crianças (EBI), do Grupo Jovem e das visitas aos presidiários. Talvez isso se deva ao fato de as ações sociais mineiras não visarem beneficiar pessoas de fora da Igreja e raramente serem feitas de modo a atrair novos adeptos para a Universal. São atividades direcionadas a um pequeno contingente de pessoas, e a maioria dos frequentadores dos cultos desconhecem quais são essas iniciativas. Portanto, as proposições levantadas para compreender a caridade nos outros países em que a IURD se desenvolve serão retomadas a fim de pensar se essa caridade mineira, que se configura como que às avessas da prática social predominante nos demais estados do Brasil seria decorrente da necessidade dos membros locais, ou se funciona como uma alternativa de “benção”, nesse caso, uma “dádiva” advinda da própria organização religiosa.

Em 2009, o *A Gente da Comunidade* de Minas passou por uma reestruturação. Como é sabido, a Igreja Universal realiza rodízio de pastores e bispos entre as diversas localidades do Brasil. No início do primeiro semestre, dois pastores que trabalhavam na Catedral foram transferidos para outra região e, assim, novos pastores assumiram as tarefas outrora geridas pelos líderes que se mudaram. Aparentemente, no final de agosto, o bispo que assumia as atividades de Belo Horizonte também foi trocado e, para o lugar dele, foi enviado o bispo atual responsável pela coordenação das sedes regionais. Mesmo em meio a essas alterações, o AGC/MG, segundo reportagem da *Folha Universal* de 27/03/2010, conseguiu arrecadar toneladas de alimentos, roupas, sapatos e materiais de higiene pessoal para serem doados às famílias desabrigadas pelas enchentes em Santa Catarina e também às famílias afetadas pelo mesmo fenômeno, mas no interior de Minas. Foram, portanto, 60 toneladas das arrecadações para o sul do país e 26 toneladas direcionadas para as cidades de Muriaé, Ponte Nova, Divinópolis e para o Vale do Jequitinhonha. Segundo essa reportagem, tal arrecadação ocorrida por meio de pedidos feitos diretamente no púlpito da própria Igreja aconteceu em uma data anterior à minha inserção no campo. Entretanto, nunca ouvi quaisquer comentários a respeito dessa ação nas conversas que tive com os participantes do AGC ou com o pastor coordenador, cujo papel na gerência dessa campanha teria sido fundamental. No restante do período em que desenvolvi minha observação de campo, não houve outra manifestação de arrecadação/distribuição de alimentos, nem mesmo comentários de qualquer voluntário sobre eventos organizados a partir de doações dos frequentadores da Igreja solicitadas pelos pastores durante as reuniões.

O AGC de Minas Gerais não se organiza da mesma forma que os outros espalhados pelo Brasil. Nas demais regiões, o AGC promove predominantemente mutirões sociais e os considera uma atividade de grande relevância e amplitude; são feitos cortes de cabelo, aferição de pressão, manicure, pedicure, assessoria jurídica, emissão de documentos e são fornecidas outras ajudas, todas de caráter gratuito. Conforme observado, o AGC de João Pessoa, por exemplo, é um órgão predominantemente destinado à assistência emergencial, distribuindo sopões a pessoas de rua. O AGC/SP se situa paralelamente às ações das MEA, ao trabalho dos universitários e dos grupos de visita a comunidades e hospitais, passando a ideia de que está pareado com as demais frentes de ação, como o *Ler e Escrever*. Já o AGC/MG se distingue por ser uma rubrica que abriga todas as demais atividades sociais do estado; o *Ler e Escrever*, todos os cursos de embelezamento, informática, inglês, além da assistência jurídica e social, todos estão vinculados e submetidos ao *A Gente da Comunidade*, que funciona como uma espécie de grande bolsão que põe em prática o repertório das ações Iurdianas de maneira diferenciada e própria, “à mineira”.

Além disso, o AGC/MG promover essencialmente os cursos e oficinas ministradas no local da Igreja (na “Casa Rosa”) e para poucas pessoas, todas elas membros da IURD. Raríssimas são as ações assistencialistas que, quando realizadas, não são destinadas à comunidade de fora. As principais inscrições explicativas sobre o programa dizem assim:

“nosso objetivo é proporcionar condições mais acessíveis de aprendizado, criar oportunidades para colocação e recolocação no mercado de trabalho, ajudar a inserir famílias carentes em programas do governo e auxiliá-las onde os programas não atuam” (inscrições do *blog* do AGC/MG).

Segundo a cartilha explicativa do programa, os projetos sociais da Igreja são caracterizados por reunirem diversas ações em prol da população carente, de modo a promover a melhoria da qualidade de vida dessas pessoas. Mas o número de voluntários que se apresentam para o serviço filantrópico é tão pequeno, que as propostas de cursos educacionais e direcionamento a programas governamentais de assistência se realizam apenas para uma quantidade pequena de membros da Igreja. As funções administrativas são mal distribuídas e, conseqüentemente, muitas das atividades não saem nem do papel. Os voluntários que coordenam os projetos sociais locais têm muita dificuldade de divulgar até mesmos os cursos ofertados aos membros da Igreja. A maior barreira encontrada diz respeito à restrição imputada pelo bispo. Segundo os voluntários, a tentativa de acessar o púlpito ora se dá por meio dos pastores auxiliares, ora através dos obreiros assistentes dos pastores, mas, as investidas em tornar pública a oferta de cursos, quase nunca têm sucesso se depender – e depende – da chancela do bispo. Os membros não têm acesso a como será a liturgia do culto ou quanto às informações que serão

dadas durante as reuniões. A estrutura rígida que os impede de ter acesso à liderança também é um entrave ao desenvolvimento das obras sociais que eles promovem.

O *A Gente da Comunidade* de Minas pode ser resumido, portanto, num conjunto de cursos e auxílios sociais a pessoas pouco instruídas, contudo, não representando uma ação que gere impacto proselitista ou social de grande força, ou que seja de amplo conhecimento da maioria dos membros. Quando a pessoa é direcionada por algum obreiro ao final de uma reunião a procurar o trabalho assistencialista da Igreja, a ela é oferecido o curso ou a modalidade de assistência (educacional/social/jurídica/saúde) adequada a sua procura. Deve atestar suas boas intenções de ingresso nas modalidades oferecidas, afirmando sua vontade, apresentando todos os documentos necessários requeridos, preenchendo a ficha cadastral para se vincular ao *A Gente da Comunidade*, e comprovando sua idoneidade por meio da frequência comprometida e regular, que caso não aconteça, irá impedi-lo de retornar ou pleitear uma vaga em qualquer outra modalidade de ajuda. As avaliações do perfil do indivíduo que antecedem o ingresso do mesmo nas frentes de fraternidade estão enlaçadas ao cadastro prévio, que visa julgar se a pessoa é realmente necessitada (porque, grosso modo, a caridade da IURD diz priorizar pessoas financeiramente carentes) e estimar se ela tem “a meta” de permanecer envolvida, visto que as evasões e abandonos são verdadeiros fantasmas que perseguem os coordenadores intuídos em dar continuidade aos projetos e manter o sucesso das iniciativas sem perder os voluntários disponíveis. A intransigência do modo de divulgação traduz o medo da evasão dos assistidos. Os Iurdianos não visam facilitar o acesso dos membros para que “não se desenvolva uma relação de serventia, já que a própria assistência já é gratuita” (retirado da fala do pastor coordenador do AGC em reunião administrativa de 24/01/2010, adaptado). Vejamos então as muitas imposições que se colocam para o recebimento da assistência mineira.

6.2 O jeito de ser Universal: uma condição para o ser assistido

A relação que os Universais estabelecem entre si lembra um pouco a das seitas protestantes observadas por Weber nos Estados Unidos. Exige-se como ingresso, tanto nas seitas norte-americanas quanto na IURD, uma espécie de comprovação ética, de conduta moral por meio da qual o indivíduo é selecionado. Essa típica aprovação que foi vislumbrada pelo autor a respeito dos protestantes do início do século XX pode ser trazida a partir do seguinte excerto:

“O decisivo é que se seja admitido como membro através de “votação”, depois de um *exame* e uma *comprovação* ética no sentido das virtudes que

estão a prêmio para o ascetismo (...). E isso significava, principalmente na vida econômica, um *crédito* garantido” (Weber, 2002, p. 215, 216).

Para a filiação de um indivíduo em uma das seitas protestantes era necessário que houvesse um exame minucioso quanto à conduta dessa pessoa. Uma vez aprovado e admitido, o membro garantia um certificado de qualificação de sua moral, um reconhecimento que validava referências positivas e poderia propiciar um meio através do qual ele viesse a ascender na vida econômica. Aquele que enfrentasse uma dificuldade financeira, não causada diretamente por si mesmo, tinha o direito, por fazer parte de uma seita, de reivindicar assistência fraterna sem ou com baixíssimos juros. Esse modo de organização social não implicava na tentativa de engendrar uma política de subsistência, ao contrário, o sucesso financeiro de membros era a comprovação da idoneidade pessoal e atraía ainda mais destaque para essa forma específica de fraternidade.

Na IURD, podemos traçar um paralelo com os laços que existiam nas seitas protestantes, na medida em que há uma similaridade na exigência de comprovação de conduta dos possíveis recebedores da assistência: é preciso abraçar o Universal como um modo de ser. Trata-se de demonstrar os “bons antecedentes” que fazem com que aquela pessoa necessitada vá realmente usufruir “de modo legítimo” da caridade recebida. Como a ajuda é para poucos, aqueles que ingressam nos cursos ofertados pelo AGC, ou que usufruem dos trabalhos de encaminhamento, auxílio jurídico e de saúde, devem comprovar sua retidão e se mostrar “dignos” de receber os benefícios concedidos. A fidedignidade é evidenciada pela frequência do adepto aos cultos, vigílias e campanhas, principalmente aos encontros de meio dia, que por reunir poucas pessoas, permite ao membro mostrar seu interesse e disponibilidade, sua doação de ofertar e dizimar e, ainda, possibilita compartilhar com os obreiros as lamúrias específicas, dificuldades e vitórias. Mesmo que a IURD seja uma igreja direcionada para as massas, lá as portas estão sempre abertas, as pessoas podem se achegar “como são”, mesmo que essa receptividade não sustente uma vinculação razoável caso elas continuem “como estão”.

Muitos daqueles que mantêm frequência significativa são reconhecidos pelos obreiros e pastores, são chamados pelo nome e permitem que suas mazelas sejam conhecidas. É preciso, para garantir o recebimento dos socorros prestados, que o indivíduo aceite de modo efetivo fazer parte daquele universo. Aceite, goste, queira, seja lá como for. Assemelhando-se às exigências que os membros da seita faziam aos aspirantes verificando sua probidade, na Universal os carentes devem ter um alto sentimento de pertença, pois são frequentemente avaliados e controlados com rigor. A Igreja consegue exercer um controle qualitativo quanto à assiduidade dos fiéis não apenas pela diligência nos rituais, mas também verificando se ele

aos poucos vai internalizando e subjetivando o “jeito de ser Universal”. Os fiéis são chamados a “pegar firme”, frequentando ao menos as reuniões de terça, quarta e domingo. O não comparecimento e conseqüente desinformação das programações, vigílias e campanhas é uma das vias mais relevantes de desqualificação pessoal, pois reforça a fraqueza e a desobediência do indivíduo; fatores considerados responsáveis pela possível “falha” no processo de libertação ao qual todos devem estar constantemente submetidos, sejam como recebedores da benção de Deus sejam como veículos dessas virtudes.

Essa exigência feita ao fiel também pode ser evidenciada no requerimento da indicação. Procurar a “Casa Rosa” por livre vontade não é algo bem visto, ademais, as informações são pouco divulgadas até mesmo entre os próprios membros. Aquele que passa pela calçada e adentra o espaço da “Casa Rosa” por iniciativa própria dificilmente conseguirá ingressar nos cursos; é antes convidado a participar dos cultos e recebe, de imediato, alguma ajuda pequena, como a informação sobre outros lugares que possam assisti-lo. A apresentação feita por outro é fundamental e condiciona o modo como o promitente recebedor irá ser atendido pelos demais voluntários. A forma mais comum de indicação é via obreiros, que ao ouvirem as queixas de alguns fiéis que se encaixem no perfil dos benefícios ofertados que ainda apresentem vagas disponíveis, orientam a procura pela “Casa” a fim de que o indicado possa preencher a ficha de cadastro e participar das atividades.

Outro modo de indicação coincide em parte com esse primeiro. Quando as vagas não são preenchidas da maneira citada, os coordenadores são motivados a divulgar a oferta ainda restante na porta do “templo maior”, ou, ainda, a convidar diretamente pessoas com as quais se relacionem nos cultos semanais para que visitem o projeto social da Igreja e possam se inscrever. Coincide com o primeiro modo de indicação porque muitos dos voluntários e coordenadores que encabeçam os projetos sociais são obreiros participantes das reuniões e mantêm contato direto com as pessoas que participam das campanhas. Alguns deles ainda fazem parte do grupo de evangelização, por meio do qual aqueles que estão de fora da Igreja (circunstância muito rara) podem acessar os amparos sociais oferecidos pela IURD. Essa pequena abertura existente para não membros existe desde que o interessado em receber a ajuda manifeste o compromisso de “acertar a vida”. Grifa-se, contudo, que as ações sociais promovidas em Minas Gerais não são utilizadas como meio proselitista direto, por motivos que adiante serão postos como chaves explicativas da peculiaridade da filantropia mineira. Os evangelistas⁵⁵ checam se o carente tem vinculação com alguma outra denominação religiosa,

⁵⁵ Quando evangelistas distribuem jornais e proclamam as mensagens de milagres e libertação, convidam os ouvintes a comparecer aos cultos e participar dos propósitos e vigílias. O proselitismo em favelas e comunidades

dando abertura àqueles que aderiram às evangélicas – outro fator fundamental para o ingresso, que exclui diretamente pessoas sem nenhum interesse religioso ou vinculadas a determinada expressão religiosa de matriz afro-brasileira e kardecista⁵⁶.

Mas os membros da Universal não são apenas frequentadores de cultos participantes de rituais que os harmonizarem com a divindade. Frequentar os cultos exige deles um esforço muito distinto se os compararmos com fiéis de outras vertentes evangélicas – robustez traduzida no número intenso de reuniões que faz com que muitos frequentem a Igreja mais de uma vez ao dia. Eles participam de cultos específicos, como o dos empresários, o da família e a “sessão do descarrego”, pois um não substitui o outro. Pagam o dízimo, doam ofertas polpudas, colocam seu nome no óleo, passam pelo altar, recebem orações, participam de clamores, são ungidos, ensinados e têm como tarefa rotineira o envolvimento nas múltiplas campanhas e vigílias promovidas pela Igreja. Com o cotidiano solapado pela rotina eclesiástica de modo que lhes resta pouco ou quase nenhum tempo para desenvolver relações fora desse ciclo religioso, eles aprendem os discursos e a linguagem própria a um Universal, estudam a bíblia dentro do viés das orientações recebidas, fazem jejuns, se abstêm de inúmeras comidas, gostos e práticas como modos de se sacrificar para Deus. Nesse intenso envolvimento, passam a enxergar a vida e os que dela participam (seres animados e inanimados) como divididos entre o bem e o mal, entre uma infinidade de anjos e demônios em batalhas espirituais intermináveis. Assim, eles se posicionam por meio do uso que aprendem a fazer da fé.

As constantes reuniões, portanto, provocam nas pessoas reações que não se limitam aos espaços do culto. As campanhas, propósitos e vigílias incitam no fiel mais do que a aparente doação monetária grandiosa. A relação de “tomar posse” (se apropriar pela fé de coisas que ainda não foram vistas ou alcançadas), possibilitada pelo pagamento de dízimos e ofertas e regada da confissão positiva da prosperidade que invade o frequentador de culto é

carentes frequentemente é aliado a um cadastramento das famílias mais miseráveis e de suas necessidades. Através desse registro, algumas pessoas que passam a frequentar os cultos são informadas sobre como o AGC/MG pode vir eventualmente a contribuir para sanar suas precisões dentro da gama de possibilidades que se oferecem. Mas a ajuda em forma de alimentos é esporádica, a maior parte do subsídio é via assessoria jurídica a fim de dirimir problemas com familiares e vizinhos. Outras ajudas são dadas no sentido de fornecer orientação espiritual (pelos cultos) e social (como conseguir consulta médica gratuita, aonde levar currículo para arrumar um trabalho, entre outros).

⁵⁶ Essa afirmação não implica impreterivelmente numa restrição absoluta do envolvimento de católicos ou membros de outras igrejas na caridade Universal. Não obstante, o requerimento de que os indivíduos frequentem alguns dos cultos semanais na IURD – entre eles o da “sessão do descarrego” – aparece como um ultimato para a manutenção dessa assistência. Afinal, o espaço de recebimento das benesses representa uma extensão não muito amistosa da religiosidade Iurdiana. Ademais, eles compartilham o entendimento de que a principal forma de assistir pessoas vinculadas a outros credos religiosos é proporcionar-lhes a participação nos rituais de libertação da Igreja.

capaz de muni-lo com as armas com as quais se lutará contra o diabo, contra as derrotas da vida e a favor de se integrar e se entregar ao “Deus que tudo pode”. Assim, o fiel compactua com esse Deus e passa a falar a língua de uma nova tribo. A conversão a essa religiosidade muda completamente o eixo da vida desses fiéis, centrando-os em um sentido diferente da vivência do “primeiro amor” dos evangélicos⁵⁷. Vinculando-se distintamente a essa denominação, o crente da IURD envolve-se na rotina avassaladora do campo Universal. E quanto mais avança e consegue posições de maior reconhecimento na hierarquia Iurdiana, maior é a distância que vai tomando enquanto crente em relação a outras esferas da vida. Pastores, obreiros e evangelistas têm uma agenda lotada de encontros, reuniões gerais, videoconferências e cultos, e, raramente dispõem de tempo para atividades fora da Igreja. A inserção dedicada é vista como promotora de ainda mais destaque e oferece assim garantias aos líderes em termos de permanência e ascensão. Aos fiéis pobres, o envolvimento os faz avançar na possibilidade de obter recebimento dos auxílios que a IURD oferece dentro do espaço da “Casa Rosa” ou de quaisquer outros lugares em que ela desenvolva sua assistência social.

O corpo de ministros que perfaz a estrutura mais baixa de líderes da Igreja agrega muitas pessoas sem instrução e com grau de escolaridade pequeno. São, porém, indivíduos bem cotados para usufruir da caridade, pois estão às vistas tanto dos demais voluntários quanto dos pastores e bispos, se mostrando pessoas comprometidas com a fé que abraçaram. A todo tempo é preciso provar a idoneidade e a conduta moral dentro do espectro de moralidade aceito pela IURD, escopo esse que é certamente restritivo e exige esforço considerável. Há que se batizar não só nas águas, mas no Espírito que “sela”, é preciso se libertar dos males do inferno, viver a fé, e “se ligar”, como “é ligado no céu aquilo que é ligado na terra”. A experiência da caridade é uma oportunidade de reunir os fiéis para que estejam ainda mais vinculados à Igreja, circunstância em que doadores e recebedores, carentes e fartos, são muitas vezes papéis coincidentes. E é a adesão voluntária combinada com a motivação das necessidades de receber algo advindo da Igreja que faz com que a conduta desses fiéis carentes seja provada e aprovada.

Outra singularidade é que falar em empréstimo de dinheiro, em juros ou quaisquer outras formas de ajuda monetária – aos moldes da assistência das seitas protestantes weberianas – é algo impensável; a linguagem da IURD é que os fiéis sejam prósperos,

⁵⁷ Está implícito na conversão de protestantes históricos e de alguns pentecostais que as primeiras vivências na fé sejam intensas e venham a se diluir ao longo do “amadurecimento espiritual” cotidiano. Na Universal, o fiel não pode perder o vigor dos primeiros dias.

repletos de bênçãos e sucesso em duas, três, cem vezes mais, como prometido a Abraão e a sua descendência. Pessoas que passam por dificuldades financeiras podem ser vistas como exemplos de vida e fé apenas a partir do dia em que se enriquecem e se tornam empresárias, passando a obter o status de “patrões”, coordenando frentes próprias de trabalho com muitos empregados. O crédito, portanto, não deve ser pensando como uma forma de ajuda financeira, afinal, Deus pode dar a seus filhos, mediante a fé, “todas as suas riquezas”. A “falha” na obtenção dessa prosperidade não é considerada como advinda da incapacidade de Deus ou de ilusões promovidas pela Igreja, mas sim de uma confiança individual “fraca”, de uma fé que precisa ser aumentada, ajustada, trabalhada, usada. Para os Iurdianos, a fé é suficiente para fazer o indivíduo “tomar posse” da bênção, mas para mantê-la por mais tempo é preciso exercitar a confiança nas promessas de Deus. As situações adversas da vida são tratadas como circunstanciais e como etapas anteriores à obtenção da vitória, assim como pôde ser visto na vida de Abraão, de Moisés e de Elias (exemplo proposto por Macedo, pregação em Santo Amaro, noticiada em 06/07/2010).

Assim, no suposto período de espera entre as lutas e as bênçãos, uma espécie de garantia a Igreja passa a oferecer para alguns: a possibilidade de aqueles indivíduos – que não conseguem os tão prometidos milagres e maravilhas – adentrarem o campo assistencialista da Igreja (ajuda que poderia ser considerada uma espécie de correspondência ao empréstimo monetário dos membros das seitas). Isso leva à afirmação de que a fraternidade dos Universais, ao menos em Belo Horizonte, caracteriza-se, predominantemente, pela divulgação e realização de atividades para aqueles que comprovavam sua probidade – a eles sim são destinadas aulas de alfabetização, informática, cabeleireiro, artesanato e inglês, assim como assistência jurídica, social e de saúde gratuitas. Se de um lado os Universais mineiros são razoavelmente descoordenados na gerência das atividades que promovem, por outro, eles são coesos e bem preparados para ensinarem-se mutuamente e reforçarem uns nos outros uma concepção teológica enraizada no ideário evangélico, inequívoco e inconfundível, característico de seu novo jeito de ser pentecostal – de que Deus, o Deus de Abraão, é o restituidor dos bens que porventura os indivíduos ainda não desfrutem; um Deus que realiza o milagre quando os crentes não param de exercitar a fé, o risco do desprendimento monetário e a confiança. Em Minas Gerais, pôde ser observado que obras sociais não suprem completamente as “falhas” da Teologia da Prosperidade, mas fazem das exceções (mesmo que bem numerosas), a comprovação de uma regra fundamental: de que o Deus do Velho Testamento não mudou e continua a cumprir suas promessas, abençoando aqueles que agem por fé. Por isso, o fiel nunca pode estar satisfeito e deve querer experimentar a entrega daquilo

que possui como um meio de incitar Deus a entregar a bênção, para que seja possível também que um irmão possa abençoar o outro, batalhando e guerreando contra os demônios opressores do mal, pregando as palavras e disponibilizando seu tempo em servir.

Pautado nessa lógica, nas reuniões do ano de 2010, o pastor coordenador do AGC/MG se propôs a cuidar da parte espiritual dos voluntários que se inseriram nos projetos sociais. Durante as reuniões administrativas, ele dedicou ao menos meia hora do tempo total de uma hora e meia de encontro, para pregar e reafirmar as mensagens de fé e prosperidade para os voluntários participantes. Em todas as primeiras reuniões do ano relativas às atividades sociais do *A Gente da Comunidade*, foi ministrada a palavra “quando é que o milagre acontece”. Segundo essa mensagem, o milagre sempre acontece quando “a água é agitada”, quando não se está parado, quando não se está satisfeito com o que se tem e, assim, via insatisfação, se “age por fé”. Dificilmente essa ação por fé acontece quando não se está periodicamente comparecendo às reuniões, contribuindo, orando, expulsando os diabos que a todo tempo tenta roubar as bênçãos de Deus, enfim, quando não se assume para si a forma Universal de ser, pensar e agir.

O vínculo com a igreja, portanto, aparece como central, mas medido de modo distinto do que o senso comum levar-nos-ia a crer que é. O senso de pertencimento à IURD não se dá por filiação institucional como em igrejas batistas e presbiterianas (que incluem, por exemplo, no caso das presbiterianas até mesmo a assinatura da ata e da cédula de votação dos líderes religiosos). A filiação à IURD se dá por indicação, por frequência aos cultos locais, por adoção a campanhas e propósitos, enfim, por total adesão a esse “jeito de ser”, que pode ser traduzido ainda na determinação e busca pelo sucesso na vida, no jeito inconformado de falar e viver a fé pregada, e na peculiaridade do que é crer num Deus de promessas; o Universal como um modo de ser é uma condição para o indivíduo que deseja assistência e é também o meio através do qual o fiel é observado, testado e aprovado.

Essa “exigência de probidade” apresentada é bem diferente. Enquanto em outras instituições a expectativa é de que os carentes compareçam e apresentem um comportamento minimamente adequado ao recebimento das dádivas apenas, mesmo que possuam uma crença relativamente diferente daquela professada pelos voluntários, na IURD isso é muito pouco. O necessário é ser um Iurdiano, professar não apenas fé cristã em seu sentido *latu*, mas a crença Universal no Deus que serve seus filhos por meio de um pacto com eles firmado, e que é validado pela troca recíproca de dinheiro e devoção. Enquanto para ser auxiliado por uma fraternidade espírita (alfabetização, uso de serviço de creche, amparo à família) é preciso manter os filhos na escola, por exemplo, na Universal, faz-se necessário ser um frequentador

de culto interessado e ativo nas campanhas. Geralmente outros núcleos assistencialistas não se comportam de modo tão exigente, pois uma vez que o pobre não quer receber o auxílio, não faltam outros para dele se beneficiar. Enquanto as instituições não-Iurdianas fazem campanhas de arrecadação e distribuição de alimentos, doam agasalhos, levam sopas a mendigos e visitam necessitados sem exigir vinculação religiosa estrita ou manifestação de interesse em abandonar tal estilo de vida, na Igreja Universal de Minas, além não se fazer esse tipo de caridade de grande amplitude no formato assistencialista, a contrapartida é que o carente “dê tudo de si”.

Os dois eventos mais próximos de uma prática de caridade “tradicional” que pude acompanhar durante o trabalho não foram mutirões propriamente e tinham uma atribuição proselitista apenas razoável, foram eles: o *Projeto Educação* e a *Jornada do Natal Feliz* (sobre os quais falarei de modo mais detido no tópico 6.6). Em uma das reuniões administrativas, o pastor coordenador das ações sociais comunicou a intenção de realizar outro evento desse porte, distribuindo um milhão de preservativos no período do Carnaval. Porém a iniciativa foi proibida enfaticamente pelo bispo, que julgou o movimento “provocante” e “impróprio para ser realizado no atual momento que a Igreja estava passando”. Frente a isso, uma das voluntárias do grupo de evangelização da IURD sugeriu que fosse organizado um levante de doadores de sangue. Mas o mesmo não seguiu adiante.

O movimento da filantropia de distribuição de roupas e alimentos parece acompanhar a inflexão vista na IURD transnacional: vem sendo substituído gradativamente por trabalhos educacionais que reforçam a participação dos já membros nos cultos e nas rotinas da Igreja, e ressaltam a relevância de como se faz uso da fé. Ao contrário do que já foi posto por alguns estudiosos da religião, certo descompromisso com ações sociais, que poderia ser um corolário da pregação da Teologia da Prosperidade, não levou a IURD ao abandono completo das práticas sociais ou a submetê-las simplesmente a um proselitismo eleitoreiro rebocado pela mídia e pelos meios de comunicação de massa; não em Belo Horizonte ao menos. A caridade mineira subsiste para além dessas explicações, apontando um modo diferente de estruturar as práticas assistencialistas. É possível afirmar ainda que a forma como o ideal de caridade é vivenciado pelos fiéis da IURD de Minas não tem um paralelo direto com a prática fraterna desenvolvida nas Universais dos demais estados do Brasil. Em Minas, a IURD não faz parcerias abertas com organizações envolvidas com a promoção da cidadania, não está ligada a órgãos públicos, organizações paraeclesiásticas, ONG's ou grupos independentes. Além disso, não evoca concepções recentes da filantropia como as de “responsabilidade social” e

“cidadania”, e ainda, não tem figuras políticas⁵⁸ diretamente à frente de suas poucas obras. Apesar de possivelmente algumas doações recebidas serem provenientes das ações particulares de vereadores e deputados membros da IURD, os políticos nunca aparecem nas instâncias de assistência como responsáveis, patrocinadores ou intermediadores de campanhas ou ações sociais. Assim, a partir da exigência de virtude e retidão do fiel e a fim de aumentar a compreensão sobre que tipo de caridade então acontece na “Casa Rosa”, segue-se uma descrição sobre os cursos e tarefas promovidas por esses “*A Gentes*”.

6.3 Cursos demais pra gente de menos

Em Belo Horizonte, os cursos oferecidos pelo AGC têm, de modo geral, e na justificativa desses crentes, o intuito de reparar a baixa escolaridade dos membros necessitados, oferecendo aulas de cabeleireiro, alfabetização e informática como meios através dos quais os indivíduos possam buscar melhores oportunidades de trabalho, mesmo que tenham que fazer isso apenas por conta própria. Os cursos são destinados majoritariamente a pessoas pobres, carentes em alguma medida e que venham a usufruir dos benefícios gratuitos; porém, que não sejam “marginais” nem marginalizados. As pessoas que porventura cheguem à “Casa Rosa” e estejam embriagadas, pedindo dinheiro ou que não tenham sido encaminhadas por outro aluno ou por obreiro são inicialmente orientadas a frequentar os cultos, vez ou outra recebem uma pequena ajuda em moedas, ou ainda, preenchem a ficha de cadastro que é arquivada; nunca, contudo, são associadas de imediato às atividades promovidas pelo AGC/MG. Conseqüentemente, devido à restrição feita para o ingresso das pessoas nos cursos, as atividades sobejam e acumulam-se vagas não preenchidas.

O maior projeto no que tange ao número de alunos é o de inclusão digital ou curso de informática. As aulas são ministradas por um professor em cada turma e, para que a turma seja aberta, é preciso o interesse mínimo de 12 alunos. As aulas são oferecidas em função da disponibilidade de horário de cada voluntário/professor que participa do projeto. Geralmente são ministradas no período da tarde e da noite e atingem, em geral, um público adulto. São abertas em torno de 75 vagas todos os semestres para esse curso. Para as aulas que seriam realizadas no ano de 2009, os voluntários precisaram fazer as inscrições no hall da Catedral,

⁵⁸ O PRB, partido que reúne os membros da Universal, elegeu em Minas Gerais os seguintes representantes: o pastor e apresentador de televisão George Hilton como deputado federal; o pastor Carlos Henrique e Gilberto Abramo como deputados estaduais, e ainda; Ricardo Chambarelli, como vereador. O único relato encontrado sobre a atuação religiosa desses políticos no estado foi um encontro de Abramo com os líderes da Força Jovem em julho de 2010. O deputado, entre suas militâncias, defende a luta contra o *bullying* e contra a violência de forma geral. Durante a pesquisa, não foram achados demais relatos sobre a atuação direta desses políticos na IURD, nem mesmo sobre a continuidade do trabalho de Abramo na Universal mineira.

incentivando as pessoas que saiam dos cultos a se matricularem, pois o curso não tinha sido tão procurado na data prevista para matrícula, devido à divulgação prévia mal realizada. A procura foi tão grande quando utilizado esse formato de divulgação que muitas pessoas não conseguiram nem preencher o formulário de inscrição. Já no ano de 2010, o período de registro ocorreu em janeiro e foram proibidas pelo bispo quaisquer distribuições de folhetos na saída dos cultos, quer fossem dos cursos e atividades sociais do *A Gente da Comunidade*, quer fossem das campanhas, vigílias e chamadas variadas relacionadas aos eventos promovidos pela Igreja. A justificativa da aplicação de tal medida era desconhecida pelos voluntários e pelo pastor que coordenava as obras sociais.

Desse modo, a divulgação dos cursos foi limitada à distribuição de panfletos e explicações “boca a boca” feitas por iniciativa dos próprios voluntários em horários escalados. O resultado disso foi um “fracasso total”, admitido pelo próprio pastor coordenador do AGC. A fim de resolver esse impasse, o pastor, incitado por uma calorosa discussão com os voluntários durante uma das reuniões administrativas, assumiu a responsabilidade sobre a divulgação dos cursos dentro do espaço da Catedral. Mas delegou a tarefa das inscrições de cada atividade aos coordenadores específicos dos cursos. Alegando que o público-alvo de cada curso era completamente diferente um do outro, e afim de não causar “barracos” dentro da Igreja, a divulgação dos voluntários no final das reuniões ficou restrita apenas aos cursos que não conseguiram preencher as vagas disponibilizadas. Os trabalhos que se envolveram nessa dinâmica alcançaram esse espaço devido à má divulgação prévia e a não conseguirem alunos de maneira independente e autônoma.

Além do curso de informática, são oferecidas periodicamente no AGC as aulas de inglês, ministradas à noite em turmas divididas de acordo com a disponibilidade das três professoras voluntárias. Esse curso é caracterizado por ser de formato semelhante ao de inclusão digital, porém com número bem menor de participantes. Segundo as informações que recebi nas conversas que mantive com algumas pessoas, anteriormente o curso de espanhol também era ofertado. Mas quando determinado voluntário se desliga do programa, diminuem significativamente as ofertas de vagas para aquela modalidade ou o curso tende a chegar ao fim. Há interesse por parte de praticamente todos os envolvidos na “Casa Rosa” que esses cursos se mantenham de maneira autônoma, de certo modo independente dos voluntários que deles participam. Mas a razoável desorganização em administrá-los, somada à postura autoritária da liderança da igreja e à restrição quanto a uma possível associação com outro tipo de voluntariado que não seja o da Igreja Universal propriamente, são elementos que fazem com que as obras sociais, tanto em Belo Horizonte quanto em outras cidades do estado

de Minas Gerais, sejam feitas de modo pouco sistemático; seu corpo organizacional é informal e muitos dos obreiros que seriam segundo os padrões da Igreja capacitados para a filantropia, desconhecem os próprios cursos que são ministrados e ofertados no AGC. O que predomina, nesse sentido, é uma caridade pautada no improvisado.

Além dos cursos de informática e inglês, há ainda o curso de cabeleireiro, que possui a menor taxa de evasão, devido a sua durabilidade e ao fato de ser formado apenas de uma turma de 10 alunos que se reúne toda segunda-feira, de 15:00 às 20:00 horas. Esse curso é ministrado por apenas dois voluntários que se dedicam a instruir os alunos no espaço de uma pequena sala dotada de um lavatório, uma cadeira de salão de beleza, um carrinho para suporte dos acessórios de salão e algumas fotos de modelos retiradas de revistas diversas e espalhadas pelas paredes do cômodo. O curso tem duração de um ano, mas, assim como os demais promovidos pelo AGC/MG, oferece ao aluno um certificado simbólico, pois não é aprovado pelo MEC. Outro curso na área da beleza que atraía um enorme número de interessadas na “Casa Rosa” era o de maquiagem. Esse, porém, era ministrado por duas voluntárias que representavam produtos, e aproveitavam o espaço do curso para divulgar as tais mercadorias e vendê-las para as alunas. Como são expressamente proibidas na Igreja quaisquer menções relativas à compra e venda de outros artigos que não os religiosos, o pastor responsável no ano de 2008 proibiu a continuação do curso e fechou a turma.

Há ainda eventuais minicursos com duração total de quatro horas, divulgados por meio de afixação de cartazes de tamanho A3 nos banheiros da Sede e na lateral dos elevadores que levam para um dos quatro andares existentes na Catedral. Desse modo, a propaganda atinge exclusivamente os frequentadores dos cultos, obreiros, pastores auxiliares e funcionários da Igreja Universal. Esses minicursos, contudo, acontecem sem qualquer periodicidade, podendo ficar mais de seis meses sem serem ofertados.

Os cursos de artesanato são mais um exemplo da precária organização gerencial do AGC/MG, pois os coordenadores não conseguem proibir que os assistidos já matriculados em outras aulas participem dele. Além disso, quando os alunos completam o módulo de seis meses, não há nenhum mecanismo que os impeça de cursar outra modalidade de artesanato imediatamente, o que implica na não liberação de algumas das vagas para demais pessoas. A única restrição inicial é que os alunos participem, por semestre, de apenas uma das turmas de artesanato oferecidas. As aulas ocorrem uma vez por semana e têm duas horas de duração. Em turmas de dez alunos, as atividades são distribuídas em: pintura em tecido, artesanato com viés, bordado em chinelo, pintura em tela e em como fazer produtos de limpeza. A

coordenadora dessas tarefas fica presente em todos os cursos, divididos em horários distintos a partir de 17:00 horas, de segunda a sexta-feira, excluindo sempre, as quartas⁵⁹.

Como observado, a comprovação da probidade do fiel, as muitas exigências que a ele se apresentam para ingresso e permanência nos cursos e a dificuldade de divulgação dos trabalhos sociais no próprio *metiér* da Igreja Universal, faz com que o AGC/MG acabe por oferecer cursos demais frente ao número de indivíduos efetivamente aptos a participar. Essa é uma constante observada em quase todas as iniciativas sociais, ressaltando em parte o curso de maior destaque do AGC/MG: o programa *Ler e Escrever*.

6.4 O Programa “Ler e Escrever”

O curso por meio do qual o AGC/MG se torna um pouco mais conhecido pelos membros da Igreja é o de alfabetização de adultos, denominado *Ler e Escrever*. É a iniciativa social de mais *status*, pois acontece em Belo Horizonte, segundo as coordenadoras, desde 1997. Não foi possível checar a veracidade da data de início do *Ler e Escrever* em Belo Horizonte, mas outras informações sugerem que esse foi o primeiro trabalho social realizado em Minas. No princípio, ele recebeu apoio do MEC e também utilizou apostilas fornecidas pelo Estado para a pré-alfabetização, alfabetização básica e para o ensino de primeira série. Mas com o tempo, o curso foi tomando características bem distintas, reunindo apenas duas turmas, uma na parte da tarde, com aulas de 13:00 às 15:00 horas e uma à noite, com aulas ministradas entre 19:00 e 21:00 horas, utilizando apenas material didático produzido pelos próprios professores voluntários e com nenhuma articulação com o material anterior.

O *Ler e Escrever* é um curso fácil de ser implantado e por isso é o mais reproduzido nas regionais mineiras. Os bairros em que o projeto *Ler e Escrever* é realizado em Belo Horizonte são: Nova Cachoeirinha, General Carneiro e Taquaril. Além da capital, a cidade que tem um projeto de alfabetização semelhante em Divinópolis. Na “Casa Rosa”, as vagas disponíveis para o curso de alfabetização são 40, compreendendo 20 alunos na parte da tarde e 20 no período noturno. O curso é coordenado por duas mulheres, sendo uma delas também responsável pelo trabalho de “assistência social”. O número de turmas é pequeno se comparado com a amplitude que o projeto toma em outros estados do Brasil. Mas as

⁵⁹ Os cursos ofertados pelo *A Gente da Comunidade* não acontecem às quartas-feiras respeitando o “dia livre” dos pastores da Igreja. Segundo uma das minhas informantes principais, através da qual tive acesso à “Casa Rosa”, os pastores possuem a quarta-feira livre para encontrar com o bispo regional em um sítio, jogar futebol, descansar e conversar. O famoso vídeo de Edir Macedo mostrado pela Rede Globo em que ele aparece ensinando estratégias de como obter grandes doações é um exemplo dessa rotina que há anos existe na IURD e faz parte dos momentos de lazer e integração da liderança eclesial.

coordenadoras justificam que, se o curso fosse divulgado para toda a Igreja, faltariam voluntários para suprir a grande demanda que seria gerada.

A proposta da alfabetização é de doze meses, mas na prática, o curso não tem um prazo específico de duração, pois se flexibiliza conforme as necessidades de cada aluno, podendo estender-se por mais de três anos. O pastor coordenador do AGC/MG discutiu várias vezes durante as reuniões com os coordenadores e professores quanto à rigidez do período de duração dos cursos, enfatizando que:

“é necessário que se circule, que saiam e entrem pessoas, que se forme, mesmo que o nosso certificado não seja reconhecido pelo MEC, pois nossa forma de fazer, esses cursos, eu vejo assim, eu vejo como um incentivo, uma forma de estimular as pessoas, depois as pessoas tem que correr atrás por conta própria”.

O funcionamento do *Ler e Escrever* é relativamente descompassado dos outros cursos oferecidos na Catedral. As vagas são preenchidas de imediato assim que as inscrições são disponibilizadas. Mas esse preenchimento não agrega alunos novos, ele é devido à adesão dos que já participam do programa. Em decorrência disso, muitas vagas não são desocupadas. Como os possíveis alunos não sabem ler nem escrever, eles não recebem informações via panfletos de divulgação. A captação de novos participantes depende quase exclusivamente do envolvimento deles em outros grupos da igreja, como no trabalho de obreiro ou de evangelismo, para que possam saber sobre o curso e serem indicados para esse tipo de aprendizado. O máximo que é feito, além disso, é a divulgação na rua, em frente à entrada da Catedral, logo após o término das reuniões. Os professores do programa se revezam na abordagem dos fiéis, procurando identificar os que não sabem ler e escrever; são instruídos a fazerem isso observando aqueles que aparentam ser analfabetos. No momento da inscrição dos interessados, os voluntários da secretaria da “Casa Rosa” que recebem os fiéis solicitam a apresentação de carteira de identidade, CPF, comprovante de residência e duas fotos. Após o preenchimento do cadastro, as coordenadoras entram em contato com o aluno e o informam sobre as aulas, os horários, a dinâmica e a inserção na turma. Devido à taxa relativa de evasão, alguns alunos são matriculados fora do período de inscrição ao longo do semestre, o que dificilmente se observa nos demais grupos de aprendizado da Universal.

Como os alunos estão consideravelmente desnivelados e as professoras já não utilizam o material fornecido pelo MEC, as aulas ficam sempre sem conexão umas com as outras. Antes do ano de 2009, as voluntárias usaram uma apostila confeccionada pelo programa, mas tão logo esse material acabou as aulas permaneceram por um ano sem outro material que substituísse o anterior. As professoras eram incentivadas a se valerem de sua criatividade

peçoal para elaborar aulas interessantes que pudessem motivar o aprendizado dos alunos. Como elas não podiam preparar as aulas em casa em função de seus compromissos particulares, a exposição e os exercícios em sala de aula seguiam tarefas avulsas e improvisadas, ministradas em formato de folhas de *xerox* que eram então coladas nos cadernos dos alunos. Uma das coordenadoras do projeto argumentava que a falta de recursos era “providencial”, alegando que os materiais do Estado não correspondiam às necessidades dos alunos, e que a criatividade dos professores deveria ser exercitada. Era considerado mais relevante lançar mão de materiais que os alunos tinham acesso e familiaridade no cotidiano, como panfletos de anúncio de supermercado e jornais da própria Igreja.

Apesar de as coordenadoras realizarem uma reunião em média a cada 15 dias para discutir as atividades, as professoras não mantêm a mesma linha de trabalho e raras vezes trocam experiências sobre a atuação em sala de aula e opiniões a respeito do aprendizado e dificuldade dos alunos. O material didático é razoavelmente ruim e o pouco vínculo e integração entre os voluntários, somado a reuniões repetitivas e infrutíferas são as características que saltam aos olhos de imediato quanto à organização desse programa. As ações sociais da IURD, quer sejam nos demais programas ou no *Ler e Escrever*, são feitas de modo amador se considerada a estrutura quase empresarial da Igreja em suas campanhas, seu proselitismo radiofônico e televisivo, além de uma estrutura hierárquica de cargos e funções muito bem compreendidos por quem os ocupa e exerce. Ademais, não se tem a certeza, para qualquer dos programas sociais, do recebimento anual dos materiais a serem utilizados. Isso porque tudo que é preciso para a continuidade dos trabalhos assistenciais é oriundo de doações proveniente de “pessoas que apadrinham os projetos”. Mas essas doações são esporádicas e encerram quantidades pequenas e nem sempre novas de materiais a serem utilizados, como computadores velhos, material didático antigo e mesas e cadeiras que compõem uma infraestrutura aquém das necessidades dos cursos. No ano de 2009, por exemplo, um membro da Igreja doou os computadores do programa de inclusão digital. Segundo o pastor coordenador:

“todas as pessoas que trabalham com isso também são voluntários, (pausa), os professores todos são voluntários, não recebem quantia alguma por isso, e (pausa) tudo é doação, tudo é através de doação. Tem o (...) que tem lá dentro, tem o Daniel da Informática com mais três computadores que foram todos doados, então...”.

No início de cada ano, as coordenadoras, separadas ou juntamente com as voluntárias, devem entregar uma lista dos materiais didáticos necessários para dar continuidade às tarefas. Quem apadrinhou o programa *Ler e Escrever* em 2009 foi o bispo responsável pelo trabalho

de evangelização em Minas Gerais, que foi transferido no mês de setembro do mesmo ano para outro estado. Esse seria um modo como uma ínfima parcela de dinheiro da Igreja aparentemente estaria sendo revertida para a promoção de benefícios de caráter social, mas não se pode afirmar com exatidão de onde provém a verba que o bispo emprega em seu apadrinhamento. Ademais, os materiais que foram doados por ele ao programa não representavam uma grande quantia de investimento. Ainda, os coordenadores mineiros, conforme elucida a citação mencionada, são enfáticos em acentuar a dimensão solidária e gratuita da ação dos envolvidos, dizendo que tudo que é voluntário é feito por eles mesmos, e demonstrando que não há ligação direta (aparente) do dinheiro dos dízimos e ofertas com a realização das obras sociais. Já em 2010, todos os recursos para o *Ler e Escrever*, como livros, cadernos, apostilas, lápis, canetas, papéis, colas, cadernos etc. foram provenientes das sobras de materiais utilizados no estado de São Paulo. Frente às demandas apresentadas pelos professores dos cursos, o pastor coordenador do AGC/MG afirmou enfaticamente: “vamos precisar pedir doação (liberação de verba advinda da administração central) para esse ano”, insinuando que havia restrição significativa de dinheiro para esse fim e ressaltando a dificuldade no sentido de obter os poucos recursos anuais para a ação caritativa da Igreja.

O programa *Ler e Escrever* desenvolvido em Belo Horizonte possui um formato diferente do que é realizado nos demais estados do Brasil com esse mesmo nome. Não há articulação com órgãos públicos de educação nem o intuito de se assemelhar a uma escola. Não há formatura no final do ano, e quando muito, entrega-se um certificado relativo à conclusão do ensino de alfabetização, sem equivalência, porém, com qualquer série da escola convencional. A falta de preocupação com uma adjacência com a escola se encontra evidente em vários aspectos: não há um cronograma de duração do curso nem um período que leve o aluno a sua conclusão; a entrega de certificados não é acompanhada por uma cerimônia específica; são organizadas apenas duas festas de despedida dos alunos ao final de cada semestre sem que isso acarrete àqueles que já se encontram alfabetizados a efetiva saída do programa. Além disso, não se tem controle exato sobre a frequência, a evasão e o tempo de permanência de cada pessoa no curso. O encaminhamento dos já alfabetizados às escolas não é um costume e é muito dependente da iniciativa particular do interessado em prosseguir com seus estudos. Esse descompromisso do AGC/MG com o sucesso pessoal dos alunos aponta fortemente para o fato de que a prática da caridade desenvolvida pela IURD no estado não pode ser compreendida como um meio eficaz de promover uma boa imagem da Igreja para os de fora e também não tem o intuito significativo de atrair novos fiéis para seus trabalhos de educação e auxílio social.

Em uma Igreja cuja Catedral comporta em seus vários cultos mais de cinco mil pessoas por dia, há pouco mais de 40 voluntários⁶⁰ que realizam as obras de caridade em Belo Horizonte. As atividades do *A Gente da Comunidade* de Minas Gerais não obedecem a um padrão determinado e nem sequer possuem uma “visão” sob a qual são organizadas as várias formas de expressar as ações sociais. Ou seja, apesar de a IURD lançar mão de todo um arsenal sofisticado de particularidades próprias a seu modo de organização, e mesmo que ideologicamente exista a perspectiva de tratar membros como “clientes”, a elaboração bem sucedida do evangelismo se encontra dissolvida na prática cotidiana de uma filantropia improvisada, estruturada apenas no que diz respeito às afirmações teológicas sobre as ações de Deus. As professoras do *Ler e Escrever*, por exemplo, justificam a relevância da atuação no voluntariado alegando que a tarefa de alfabetizar é mais que a de treinar a leitura e a escrita, é ainda e principalmente a de auxiliar no exercício da fé, endossando ainda mais como é devido viver segundo a crença “arrojada”⁶¹ no Deus que tudo entrega a seus filhos, bastando que eles creiam e se apropriem disso.

Mediante as muitas reclamações quanto à dificuldade de aprendizado, por exemplo, reproduzo aqui um dos diálogos bem comuns que ocorriam durante as aulas do programa:

Aluna: Estou com muita dificuldade de aprender, isso aqui é muito difícil.

Voluntária: Mas você vai aprender, em nome de Jesus.

Aluna: Será? (Pausa) Mas eu quero.

Voluntária: Tá vendo, é isso, Deus vê sua intenção e sua vontade e Ele vai te honrar, dando mais criatividade pra gente, pra gente te ensinar melhor e você aprender.

Tempos depois do diálogo apresentado, uma das voluntárias em conversa com as coordenadoras do projeto recebeu uma revelação de que os alunos deveriam participar do enterro dos “nãos”. Segundo ela, veio-lhe à mente uma cena de Deus falando: você pode, você é capaz, você consegue. Assim, ela levaria à sala de aula um saco com terra e os alunos escreveriam num pedaço de papel as frases negativas até então comuns e ditas periodicamente: eu não posso, eu não dou conta, eu não consigo. Os “nãos” seriam enterrados e a partir daí só seriam proferidas frases de vitória. A voluntária não conseguiu levar a terra na semana combinada, mas, ainda assim, fez o exercício de “excomungar” as afirmações negativas da vivência daquelas pessoas. De maioria idosa, a turma passou a compartilhar

⁶⁰ Essa estimativa pode estar subestimada visto que foi feita com base na observação da frequência dos voluntários nas reuniões administrativas da Sede. Mas como o trabalho de campo teve uma duração razoável, dificilmente esse número apresenta equívoco significativo. Exclui-se dessa menção os professores da EBI e evangelistas não envolvidos diretamente no AGC.

⁶¹ A crença arrojada é um termo utilizado pelos Iurdianos para estabelecer uma posição contra as críticas que recebem de sua fé “arrogante”. Esse arrojado valida a apropriação dos bens de Deus na terra, refletido em ganhos abundantes para os fiéis. Somada à capacitação que recebem no AGC, por exemplo, essa fé inconformada pode levá-los a obtenção de prosperidade e sucesso.

palavras de incentivo e de afirmação positiva, e quando surgiam comentários a respeito do fracasso e das dificuldades do aprendizado, eram lembrados os momentos em que eles “enterraram os não” definitivamente.

6.5 Encaminhamento social

Há ainda uma atividade intermediária que aparentemente não goza de tantos privilégios, mas que se estabelece com maior evidência se comparada às iniciativas dos cursos (com exceção do *Ler e Escrever*). Conhecida como “orientação de assistência social”, “assistência social” ou apenas “encaminhamento”, ela é exercida por três voluntários que se revezam de segunda a sexta-feira (com exceção de quarta), no horário de 18:00 às 19:30 horas e atendem na sala dividida com as advogadas responsáveis pela assistência jurídica. Algumas vezes, devido à também pouca divulgação desse trabalho e à impossibilidade de os indivíduos procurarem a “Casa Rosa” no horário acima mencionado, os voluntários destinam o tempo livre no retorno das ligações recebidas e a se comunicarem com as pessoas que ali estiveram durante o dia, buscando dar a elas informações necessárias mediante os problemas apresentados. Esse trabalho consiste ainda em cooperar com informações sobre o fornecimento de medicamentos pelo SUS, obtenção de material escolar, auxílio em internações, intervenção cirúrgica e, algumas vezes, implica em doações de alimentos a pessoas carentes. Ao menos de início e seguindo a rotina de requerimentos para qualificar as ajudas, todos os interessados são cadastrados para posteriormente receberem possíveis contribuições provenientes do projeto. A partir das dificuldades apresentadas, os assistentes (apenas um deles profissional da área de assistência social) fazem contato com farmacêuticos, médicos e parceiros diversos, em sua maioria membros da IURD, para que possam ajudar gratuitamente aos indivíduos necessitados. Ocasionalmente são oferecidas pequenas ajudas como a de distribuição de algumas cestas básicas, mas sem que isso configure um auxílio regular. Nunca são doadas quantias monetárias, independente do motivo para o qual seriam destinadas.

Dois dos três voluntários do projeto conversaram comigo algumas vezes sobre suas tarefas. Segundo eles, há facilidade em conseguir cirurgias diversas, obter consultas gratuitas com médicos especialistas, receber medicamentos de uso controlado mediante receita, encaminhar a vagas de emprego e “*tudo, tudo que as pessoas chegam aqui pedindo, né, precisando*”⁶². Mas esse ministério não consegue as coisas de modo tão imediato e, vez por

⁶² Fala de umas das voluntárias enquanto explicava sobre a amplitude do programa de “encaminhamento”.

outra no prazo em que consegue alguns dos necessitados já não querem receber a ajuda. Por isso, as pessoas passam por uma série de questionamentos mediante o cadastro de suas necessidades, e são acompanhadas por esses voluntários nos cultos e também posteriormente, sendo monitoradas em relação ao modo como utilizam aquilo que receberam.

Diferentemente das demais iniciativas do AGC/MG, o trabalho de assistência social se estrutura através da troca de informações entre os voluntários diversos a fim de promover a seleção dos ajudados. Como muitos obreiros também se envolvem em trabalhos sociais ou de evangelização, a comunicação entre esses obreiros e os voluntários do programa de “encaminhamento” a respeito do perfil das pessoas que estão passando por necessidades é grande, permitindo que as informações sejam cruzadas em prol de avaliar os que se candidatam ao recebimento das ajudas. Esse acompanhamento reforça ainda mais a restrição da caridade e a avaliação dos atributos necessários que o indivíduo a ser ajudado deve possuir. A evasão dos assistidos é acompanhada da contrapartida de tornar ainda mais rigoroso o endereçamento da ação social, como fica evidente no excerto de fala de uma das voluntárias abordando o rigor da seleção dos carentes: *“a gente fica com carão, de cara dura mesmo, porque eles chegam aqui, choram, imploram as coisas pra gente e a gente consegue, depois eles somem, desaparecem, e deixam a gente com a cara no chão”*.

O desinteresse em receber a ajuda é algo corriqueiro, motivador dessas restrições, e pode ser relatado também em dois casos que chamaram muita atenção dos voluntários da “Casa Rosa”. Um deles foi o de uma mãe que levava o filho aos cultos da igreja, mas que nunca conseguia ficar com ele dentro do templo, visto que o jovem rapaz manifestava um “espírito” que o dotava de uma força sobre-humana, fazendo-o pular por sobre os carros do estacionamento e correr atravessando tudo o que via em sua frente. A mãe do rapaz procurou a ajuda dos assistentes sociais para que eles conseguissem que um médico assinasse uma receita de um *“remédio muito forte”*, mas, que não era próprio para o tratamento do menino, apenas o deixaria mais calmo. A resolução do caso se deu com a desistência do médico parceiro em assinar o atestado inadequado. E como o jovem não passava pelo processo de libertação da IURD em função de não conseguir permanecer durante o período dos cultos dentro da Igreja, também não foi possível fornecer ajuda em outras circunstâncias. Os voluntários consideraram esse um caso que “deu errado”. Mas o justificaram alegando que o problema era espiritual, e que a ajuda caritativa, mesmo que fosse realizada, ainda assim, não serviria para resolver o problema que o rapaz possuía. Um dos voluntários do projeto justificou o fato alegando que há problemas que os médicos não conseguem resolver nem

detectar, por isso, é absolutamente necessário que a pessoa passe pelas “sessões de descarrego” proporcionadas nos cultos.

Os relatos a respeito do trabalho social reforçam o que já foi dito: que a vinculação dos indivíduos assistidos não só é desejável, como antecede à própria ajuda fraterna. Caso o garoto tivesse passado pelo processo de libertação da Igreja, suas chances em conseguir o atestado necessário seriam bem maiores, podendo aumentar até mesmo no sentido de obter uma consulta adequada para seu caso particular e, conseqüentemente, teria chances reais de dar continuidade adequada ao tratamento de sua doença. Fica ao mesmo tempo evidente o fracasso das campanhas em oferecer soluções para muitos dos casos que outrora se apresentam. E acrescenta-se, é notória a dificuldade dos voluntários de conseguir ajudas efetivas e periódicas com os supostos parceiros vinculados ao programa.

O outro caso que ilustra as restrições caritativas do AGC/MG no que tange ao projeto de “encaminhamento” é o de uma cirurgia conseguida pelos assistentes sociais para um garoto que diziam andar pelas ruas quase caindo por estar praticamente cego. Quando a cirurgia foi marcada, a mãe do jovem recebeu um telefonema dos voluntários, mas não atendeu. Eles insistiram muitas vezes em falar com ela até que ela alegou que o menino já tinha se mudado para o interior e que não apresentava mais nenhum problema de visão. Porém, ela não atribuiu qualquer benefício alcançado ou a cura de seu filho à IURD. Ao contrário, parecia justificar a ausência da necessidade com o intuito de se livrar das insistentes ligações e retornos dos voluntários. Isso mostra que quando a quantidade de assistência é ampliada, circunstâncias como essa, com as quais eles se deparam, servem para reduzir novamente a possibilidade de auxílio. A falta de controle e organização da ação social nos moldes de instituições de amplo alcance traz transtornos quando as pessoas desistem de receber a assistência, porque a articulação feita com os doadores é prejudicada de modo significativo. Outras citações foram relatadas como “falhas” no processo de orientação e ajuda social, mas tais fatos sempre eram justificados por uma das voluntárias como exceções. Ela alegava que, apesar disso, o programa era ótimo e muitas pessoas eram assessoradas por ele. Os casos de sucesso, contudo, quase nunca eram lembrados pelos voluntários e mencionados como exemplo.

A não resolução espiritual do caso de algumas pessoas religiosamente engajadas aparece colocada para os obreiros nos diversos cultos. Encaminhados à “Casa Rosa”, os indivíduos almejam encontrar soluções para os problemas sofridos. Lá, são motivados a experimentar a fé em Deus e a aguardar por soluções também humanas. A ajuda caritativa, assim, aparece como um mecanismo de “refluxo” em que as pessoas são novamente ensinadas e motivadas a exercitarem sua fé em Deus; pois problemas *“financeiros, emocionais, espirituais,*

sentimentais, familiares ou com vícios” não podem ser resolvidos pelos agentes sociais a um grande contingente de pessoas, e na maior parte dos casos, todos os infortúnios “*tem a ver com problemas espirituais*”. Assim como os testemunhos de superação são ícones de bênçãos na Igreja, os encaminhamentos genuinamente realizados e efetivos também são circunstâncias exemplares, apesar de sempre poucos.

O trabalho de assistência social também orienta os indivíduos – e esse serviço é bem mais divulgado que as outras ajudas do “encaminhamento” – a irem aos locais adequados para obtenção de documentos de identidade, CPF, carteira de trabalho, título de eleitor, certidões diversas e certificado de reservista. Parte dessa atividade também consiste na elaboração de currículos para pessoas desempregadas. O pastor coordenador da “Casa Rosa” recebe diariamente uma lista grande de oportunidades de empregos em diversas áreas e com distintas exigências de escolaridade. Além disso, recebe do NIAT (Núcleo Integrado de Apoio ao Trabalho), periodicamente, uma lista de cursos profissionalizantes gratuitos oferecidos pela prefeitura de Belo Horizonte a pessoas acima de 16 anos. A divulgação dessas possibilidades, contudo, é feita apenas àqueles que porventura estejam sendo assistidas pelo trabalho social e procurem o pastor alegando que precisam de emprego. Tais informações não são estendidas à comunidade externa ou a todos os membros da Igreja Universal.

6.6 Assistência jurídica, Projeto Saúde e eventos esporádicos

Paralelo aos trabalhos já mencionados ainda é necessário destacar a iniciativa de assistência jurídica gratuita. Esse suporte é feito por duas voluntárias formadas em direito e conhecidas como “doutoras”. São duas mulheres acima dos quarenta anos que se revezam todos os dias da semana (com exceção de quarta-feira) na parte da manhã, de 08:30 às 10:00 horas, e na parte da tarde, de 17:30 às 19:00 horas. Atendem por ordem de chegada a um razoável contingente de pessoas que anseia receber consultoria jurídica, em geral, por problemas conjugais, de pensão alimentícia e para se informar sobre causas trabalhistas. Frisa-se no AGC/MG que qualquer negociação comercial com os membros da Igreja, se ocorrer, tem que ser “*da porta pra fora*”. Entretanto, em algumas conversas que mantive com pessoas que esperavam pelo atendimento, era comum a fala: “*ela está cuidando disso pra mim*”, “*eu combinei isso com ela*”, dando referência à determinada negociação que havia sido estabelecida entre uma das voluntárias e o fiel. Apesar de algumas instâncias de conciliação sequer requererem do indivíduo apresentar-se com um advogado na audiência, em geral, a falta de instrução dos necessitados faz com que a orientação jurídica da Igreja seja vista como algo indispensável para o decorrer do processo judicial. Essa função caritativa atribui grande

status às voluntárias, e devido à qualificação das mesmas, elas estão sempre próximas ao pastor coordenador, auxiliando-o em suas tarefas, fazendo anotações em reuniões e intermediando contatos com instituições diversas quando necessário⁶³.

Outra atividade social realizada pelo AGC de Minas, de organização bem recente, é a tentativa de implantação do *Projeto Saúde*. Coordenado por uma única pessoa formada em farmácia, o programa, até a data de término do trabalho de campo, ainda não agregava outros voluntários. As tarefas desenvolvidas pelo obreiro que encabeçava essa atividade eram de orientação quanto ao atendimento do SUS, aferição de pressão e medição de glicose. Como tal voluntário conhecia o processo de Ouvidoria do SUS (quanto ao julgamento dos prazos estabelecidos para marcação de consultas, internamentos e cirurgias relativas às urgências de cada caso clínico), ele realizava o acompanhamento dos fiéis através de ligações à ouvidoria ou encaminhando-os aos locais em que poderiam ser atendidos por especialistas. Além disso, procurava informar os carentes sobre as unidades de saúde adequadas a cada especificidade. Esse trabalho funcionava mais ou menos do mesmo dos demais da “Casa Rosa”. Os voluntários da secretaria preenchiam as fichas cadastrais dos necessitados e posteriormente o irmão farmacêutico ligava para cada fiel a fim de agendar um horário de atendimento. Como o projeto ainda era novo até o término dessa pesquisa, os voluntários de uma forma geral não sabiam informar a respeito, e muitas vezes afirmavam que o projeto não existia, ou que desconheciam alguma coisa funcionando nesse sentido. O pastor coordenador do AGC intuía inserir tal projeto nas cartilhas que ele desejava formular visando nivelar o conhecimento dos voluntários sobre o trabalho que vinha sendo desenvolvido em Minas.

Quanto à assistência emergencial propriamente dita, como distribuição de sopas, de cestas básicas e agasalhos a mendigos, moradores de rua, de favelas e pessoas de baixa renda, frisa-se novamente: ela quase nunca acontecia na Igreja Universal de Belo Horizonte. Algumas doações de alimentos e roupas foram recebidas em 2009, supõe-se que advindas de políticos ou membros solidários mais abastados. Elas foram armazenadas na “Casa Rosa” e no final do ano, como a quantidade já tinha enchido relativamente a sala que ficava ociosa, houve o direcionamento a famílias cadastradas através de um programa denominado “acompanhamento às famílias”. Os grupos de evangelização, mediante a necessidade que se formava de distribuir esses itens adquiridos, se dividiram para visitar vários aglomerados da

⁶³ A intervenção das advogadas diz respeito a possíveis necessidades que se apresentem na comunicação do pastor coordenador com instituições e organizações diversas que possam ampliar as atividades de caridade ou tratar algum assunto de interesse direto desse pastor. Demais demandas destinadas à competência de outros pastores são tratadas por advogados contratados pela IURD e que trabalham no departamento de recursos humanos da Igreja.

região sul de Belo Horizonte. O cadastro realizado elencou 200 famílias oriundas de cinco localidades distintas. Esse evento foi denominado *Jornada para um Natal Feliz* e aconteceu em 27 de dezembro. Como comum na IURD de Minas, alguns requerimentos antecederam a entrega das ajudas. Após serem levados à reunião das 18:00 horas (reunião de maior popularidade), os cadastrados receberam orações, uma benção espiritual específica e participaram da encenação de passagem pelo Santuário do Monte Moriá⁶⁴. Apenas posteriormente é que cada família foi presenteada com uma cesta básica, um kit com um brinquedo para criança e um peru congelado. O evento aconteceu com o intuito de “*fornecer aos necessitados além do reforço material, uma ajuda espiritual*”.

Como continuidade desse projeto, um ônibus escolar iria até as favelas selecionadas, quinzenalmente aos domingos, oferecendo transporte de ida e volta e reunindo as pessoas para que participassem do culto semanal “mais importante” – a reunião do bispo, às 09:30 da manhã. Os responsáveis pela recepção e acolhida das pessoas que vinham até a Igreja por meio desse ônibus eram dois voluntários do evangelismo ou da assistência social. O número relatado de pessoas que se manteve frequentando as reuniões por essa via foi muito pequeno se comparado aos envolvidos na jornada de Natal. Relatos registravam cerca de quinze pessoas. A intenção inicial apresentada para os voluntários do AGC em novembro de 2009, antes da realização da campanha, era a de que os grupos de evangelização pudessem arrecadar roupas, agasalhos, alimentos e brinquedos de casa em casa, materiais esses que viriam a ser distribuídos a partir da avaliação dos cadastros e das necessidades de cada família registrada. Entretanto, essas arrecadações não foram realizadas; os voluntários cadastraram famílias carentes, mas distribuíram apenas as cestas que haviam sido doadas ao longo do ano. Esse foi o motivo principal que restringiu a distribuição a apenas 200 famílias. Para incrementar o evento, o pastor coordenador das ações sociais conseguiu as aves natalinas e os brinquedos, também em 200 unidades cada.

Apesar de o folheto de divulgação do *A Gente da Comunidade* ter fotos de grandes mutirões sociais, os dois eventos realizados nos anos de 2009 e 2010 foram pequenos e ocorreram devido não propriamente à movimentação dos voluntários em prol da gestão dessas atividades, mas pelo recebimento de doações de parceiros da Igreja que acabavam “obrigando” a realização esporádica de alguma distribuição. Os Universais tentam estabelecer

⁶⁴ A terra de Moriá é a região em que Abraão sacrificou Isaque. O monte Moriá foi o local onde posteriormente Deus apareceu a Davi e onde Salomão preparou o templo do Senhor em Jerusalém. A analogia do Monte Moriá é muito utilizada pela Igreja Universal para se referir a um local de grande sacrifício, com base nos versículos de Gênesis em que Deus havia jurado, por si mesmo, abençoar Abraão. Os Universais entendem que essa promessa se estende a eles por meio do sacrifício que realizam na *Fogueira Santa*, maior campanha da Igreja, que incita os fiéis a realizarem grandes doações monetárias semestrais decorrentes de enorme sacrifício.

algumas parcerias, mas, quando recebem as doações advindas desses parceiros precisam urgentemente improvisar o destino dos itens recebidos. Como não existe um cadastro fixo de carentes a serem ajudados e a distribuição de materiais ou alimentos não faz parte de um projeto regular da Igreja, os voluntários, mediante o acúmulo das doações, fazem um mutirão com obreiros e evangelistas e organizam o cadastramento temporário (e descartável) de alguns carentes, possíveis recebedores. Esses eventos não são constantes e não mantêm necessariamente nenhum vínculo com as demais atividades que já são rotineiramente realizadas. Como as doações recebidas não têm regularidade, os eventos são realizados conforme a oferta e os critérios de distribuição (se será para pessoas que já participam dos cursos ou para alguns carentes de fora da Igreja) são definidos circunstancialmente, sendo que essa segunda opção é mais rara. O outro projeto realizado que se aproxima do que pode ser chamado de mutirão social foi o *Janela para o Futuro/ Projeto Educação*. Ele visava beneficiar 500 famílias carentes com a distribuição de 982 kits escolares doados à Igreja, e aconteceu em 28 de fevereiro de 2010.

Esse tipo de evento social, assim como os cursos que são oferecidos no espaço da “Casa Rosa”, não segue um modelo regular e não têm periodicidade pré-estabelecida. O caráter aparentemente proselitista da caridade se dilui quando observamos que até mesmo a oferta de transporte e acompanhamento social dos carentes é esporádica e pouco valorizada. Os Iurdianos se comportam muitas das vezes desatentos aos novos membros, entendendo claramente que a frequência dos possíveis conversos jamais deve estar aliada à manutenção das doações. Como resultado, quase não se fala nesse tipo de assistência. Ela parece acontecer apenas quando uma grande arrecadação é feita por um grupo de voluntários e precisa ser distribuída, ou quando os pastores recebem uma quantidade de doativos previamente planejada, decorrente das articulações com figuras públicas ou agentes filantrópicos⁶⁵. A identidade dos indivíduos doadores, entretanto, está sempre oculta. O *status* da parceria realizada é usufruído apenas pelo voluntário mediador.

Enfim, o que foi apresentado nesse capítulo mostra que a caridade mineira não está articulada diretamente com motivações proselitistas de grande amplitude. Observa-se que o que alavanca as obras sociais em Minas não é o engate direto com o trabalho de evangelização nem os benefícios concedidos por líderes interessados em angariar partidários e utilizar das promoções voluntárias para intermediar relações políticas. Os políticos – se e quando atuam – o fazem sem evidenciar projetos particulares e sem se tornarem conhecidos

⁶⁵ O uso do termo genérico “agentes filantrópicos” é devido ao fato de não ser possível precisar quem são os doadores, pois seus nomes e relações com a IURD não são divulgados.

dos membros pela ação solidária que ensejam. Entretanto, as obras fraternas continuam a existir na IURD do estado mesmo que sua “utilidade” ou motivação esteja aparentemente oculta, levando à reflexão de que mecanismos, então, poderiam sustentar uma prática caridosa como a descrita, uma vez que ela não pode ser suficientemente explicada pelos pressupostos que propunham alguns estudiosos do fenômeno IURD.

No capítulo seguinte, somam-se às justificativas iniciais apresentadas pelos agentes envolvidos no AGC/MG uma interpretação sobre o que levaria as obras sociais a continuarem existindo na Universal mineira. A aposta é dada na dinâmica da competição e disputa entre os membros participantes da caridade.

7. Particularidades Universais e universais?

7.1 *Uma filantropia que ascende*

A caridade mineira formata um tipo de assistencialismo que por um lado parece ser mal articulado por não apresentar uma organização formal bem elaborada das tarefas; mas, por outro lado, se configura como um campo de disputa que ao longo da prestação da assistência se delinea de forma inequívoca na busca dos voluntários por ascensão e reconhecimento de seu papel e capacidades, fazendo com que as posições diversas e aparentemente inflexíveis se tornem camadas mais frouxas, passíveis de transição. Diferente da união circunstancial que pode ser observada nas demais localidades do Brasil entre os diversos grupos da IURD a favor da promoção de um grande evento assistencial/proselitista; em Minas Gerais, obreiros, professores, evangelistas e assistentes formam uma rede complexa de interação que não coopera senão para a indefinição desses grupos gerada por um forte intuito de acumular tarefas pessoais para se destacar e conseguir reconhecimentos que os possam fazer ascender⁶⁶.

Por meio da inserção em obras sociais, os membros da Universal de Minas (quer sejam simples voluntários ou já obreiros) acessam um espaço que é inalcançável aos demais fiéis e, a partir daí, aprendem a respeito das rotinas Iurdianas que vão além dos cultos e que não são conhecidas e acessadas por qualquer um, tais como: a organização dos uniformes, os cursos de treinamento, a burocracia da parte administrativa, as funções da secretaria, cozinha e outros. Assim, aos que já são líderes, a caridade pode ser um excelente e eficaz mecanismo de obter reconhecimento de seu envolvimento com a IURD e fazer do membro já relativamente experiente, um futuro pastor ou até mesmo um bispo (grau mais alto a que se pretende chegar). A prática fraterna funciona como um elemento definidor do processo rotineiro de diferenciação entre os fiéis – em sentido positivo e negativo – servindo de espaço de treinamento dos membros selecionados e também de reduto (mesmo que temporário) para

⁶⁶ Na tese já mencionada de Eva Scheliga, há uma etnografia de um evento denominado *Gincana das Almas*, ressaltando a competição dos grupos de evangelismo e visando a consagração e o prêmio de honra ao mérito, conferido pela entrega de uma placa à equipe que conseguisse sucesso no que a autora denomina de “engenhosa competição” que coopera para a “educação dos sentidos”. As notas desse sétimo capítulo, apesar de tomadas antes do contato com o trabalho mencionado, também cooperarão para endossar a atestação de que há na IURD um modo distinto de viver a batalha espiritual no universo desses crentes. Entretanto, antecipo ao leitor que, em Minas Gerais, o mecanismo de diferenciação é distinto e ocorre entre as pessoas e não entre os grupos, além de ser imprescindível para explicar a rotina da caridade. As considerações descritas a seguir terão importância central para a argumentação proposta nessa dissertação, ênfase que não é encontrada no trabalho de Scheliga. A disputa e a luta por reconhecimentos são, em Belo Horizonte, os meios que permitem que os membros participem de certa parte do trânsito eclesiástico e reforcem a “fé arrojada” em Deus. Ademais, durante o período do trabalho de campo, não ocorreram menções sobre essa gincana no estado por mim pesquisado.

líderes menos carismáticos e, ao que tudo indica cuja arrecadação nos púlpitos não é significativa. As obras sociais e seu espaço de funcionamento (“Casa Rosa”) são uma forma de estagiar obreiros e pastores e fazê-los conhecer um pouco mais dos bastidores da Igreja⁶⁷. Se a caridade para o fiel necessitado é uma modalidade através da qual é possível e exigida a comprovação de sua moral e retidão, como posto; uma vez aprovado, ele se diferencia dos demais da Igreja. O membro comum adquire legitimação de sua fé, idoneidade como alguém que busca sabedoria, e pode até mesmo conseguir frequentar um curso de obreiro por mostrar-se um fiel digno e compromissado. Para o voluntário relativamente mais bem favorecido, que já tem sua probidade avaliada e constantemente acompanhada, e cujo interesse se dê no engajamento e destaque na Igreja, o envolvimento nas ações sociais é um acesso a posições de grande concorrência. Para todos, enfim, a filantropia mineira é uma forma primordial de inserção e ascensão na complexa rede hierárquica da IURD, em que a busca e o desempenho de um papel tem importância determinante para a continuidade do exercício do religioso.

Diferentemente da postura da fé “arrojada” ensinada pelos líderes e vivenciada pelos membros nos momentos de culto e batalha, a maior parte dos voluntários da assistência usa as obras de caridade da Igreja de modo discreto e sorrateiro ao estabelecer redes de relações com políticos, “doutores”, médicos e indivíduos de maior qualificação social e apresentar, como consequência desse contato, propostas novas de iniciativas sociais, que podem ser postas em prática, mas que não necessariamente precisam ter continuidade após a primeira realização. O que mais vale não é propriamente o sucesso de levar adiante uma nova rotina filantrópica, mas sim, o que esse contato pequeno, e considerado aparentemente de pouca expressividade para a parte não religiosa, confere aos membros envolvidos – uma importância significativa frente aos demais voluntários que não gozam dos mesmos privilégios. Através dessas relações e das propostas decorrentes de tais contatos (ou até da iniciativa pessoal de um voluntário que apresente uma habilidade que ainda não foi utilizada na prática social), se adquire mais *status* e gradativamente aumentam as chances de galgar um cargo de mais destaque dentro da Igreja. Se o cargo já existe, como é o caso dos voluntários de caridade que já são obreiros⁶⁸, o reconhecimento de tal indivíduo passa a ser ainda mais evidente, e ele pode vir a ser convidado a envolver-se em outras iniciativas tais como: evangelismo, secretaria, treinamento etc. Essa postura de “interesse elegante” fica evidente também nas trocas estabelecidas entre

⁶⁷ O pastor que coordenava as atividades assistenciais em Minas Gerais foi transferido de uma Universal situada na periferia de Belo Horizonte para a Catedral e pode ser citado como um exemplo de realocação funcional, pois não era uma promessa carismática para os púlpitos Iurdianos e parecia estar aproveitando pouco de uma região promissora no que tangia à arrecadação.

⁶⁸ Sobre esse processo de formação de obreiros ver Barros, 1995, p. 51.

os próprios voluntários, de uns para com os outros e deles para com os alunos, pois a maior parte dos envolvidos na caridade – quer sejam professores ou alunos – estão a todo tempo se disponibilizando para mostrar sua utilidade e seu ativismo comprometido.

Eis, portanto, o que pode ser chamado de *ethos* empreendedor disciplinado, a saber, uma personalidade que vai sendo desenvolvida e é exposta pela crença “arrojada”, enfática e determinística, e que é somada a tudo o que caracteriza o “jeito de ser Universal”. Esse “*ethos*” funciona como uma espécie de disciplina que visa atingir os objetivos propostos, podendo culminar em um ponto alto – um caráter empreendedor cujas consequências práticas podem variar. Os membros que já conseguiram se tornar obreiros, por exemplo, não param por aí. Aqueles que estão inseridos nas atividades de alfabetização, nos demais cursos ministrados, no trabalho de encaminhamento social ou de ajuda jurídica, se destacam frente aos outros e ficam ainda mais conhecidos pelos demais líderes da Igreja.

Entre eles, as diferentes atividades também conferem variados destaques. Um exemplo disso é o das voluntárias responsáveis pela ajuda jurídica. Elas são sempre chamadas de “doutoras” e todos conversam com elas com mais respeito que com outros. O grau de escolaridade não foi um diferencial absoluto para o destaque dessas voluntárias, mas sim o fato de serem essas mulheres, além de estudadas, confidentes e conselheiras de alguns dos pastores auxiliares e estarem a par de estratégias, programações e estatísticas cujo acesso a outros voluntários é vedado. O privilégio conseguido pelas voluntárias da assessoria jurídica foi sendo conquistado aos poucos, começando obviamente pela formação de curso superior que acrescia *status* à IURD, que é conhecida como uma instituição religiosa que atrai pessoas de baixa escolaridade. Além disso, as advogadas tinham grande disponibilidade de tempo, demonstravam compromisso como obreiras e tinham idade madura⁶⁹.

Outro exemplo é a competição por tarefas diversas dentro do espaço da “Casa Rosa”. Em Belo Horizonte, como as atividades sociais coincidem com a administração da evangelização, todos os dados sobre os obreiros e evangelistas do estado estão guardados na secretaria e são manipulados apenas por algumas pessoas, pois são considerados confidenciais. Desse modo, cada função que o pastor coordenador confere a um voluntário específico é “agarrada com unhas e dentes”, pois é da apropriação de tal atividade que dependerá a permanência e utilidade daquele indivíduo, além de seus diferenciais frente aos outros. Não são todos os voluntários que tem acesso a todas as tarefas; a de organizar as fichas que possuem os dados referentes aos pastores e obreiros do estado é uma função

⁶⁹ A maior parte dos voluntários da evangelização e muitos dos membros que se interessam pelo cargo de obreiro são jovens de menos de 35 anos e é comum abandonarem a Igreja depois de certo tempo.

dividida por poucos. Exemplos de tarefas simples, mas bem disputadas são: tirar *xerox* para as aulas, colocar papel higiênico nos banheiros, abrir as salas de aula, mexer com equipamento de *data show*, entre outros. Reunir com o pastor responsável pelos projetos sociais para conversar sobre os cursos já é um benefício concedido apenas aos coordenadores de cada frente de ação social.

Em suma, o assistencialismo mineiro é uma espécie de “passagem obrigatória” para pastores e líderes religiosos que querem galgar funções de maior reconhecimento, pois propiciam, em certa medida, que eles ascendam na hierarquia da Igreja. Mais que apenas capacitados para exorcizar demônios e entidades malignas, os Iurdianos de Minas devem ser aptos para lutar cotidianamente entre si, em busca por posições que os diferenciem uns dos outros, comprovando assim seu envolvimento, probidade e jeito de ser.

7.2 Eles estão em guerra: com anjos e demônios, com o bem ou com o mal, com eles mesmos

Uma das principais características que particularizam a IURD mineira e podem ilustrar a caridade Universal é a perspectiva do conflito. A legitimação dessa fé como uma alternativa religiosa possível se deu principalmente através da disputa com católicos e outras expressões rituais de matriz africana e kardecista. A luta espiritual está presente na constituição do vasto repertório da IURD; na “guerra santa” contra outras religiões eles estão situados em constante conflito. Comprovando a eficácia de tais manifestações por meio do reconhecimento (e necessidade de expulsão) dos deuses/demônios, os Universais incorporaram a linguagem da guerra e passaram a ver o mundo não apenas dividido entre o bem e o mal, mas como um campo de batalha, cujas lutas são constantes e quase intermináveis. As ações assistencialistas, conseqüentemente, emergem desse e nesse cenário em que a “língua local” pode ser considerada a da competição. Em Minas Gerais, a filantropia se desdobrou em uma série de práticas cujo fulcro e particularidade é a luta permanente que eles travam entre si pela obtenção de prestígio; isso faz que eles lancem mão “à mineira” dos diferentes projetos que a IURD já criou e ainda cria para por em prática o amor ao próximo.

Como consequência de viverem acreditando que estão num espaço de lutas de territórios espirituais, os Iurdianos “incorporam” a dinâmica da guerra em sua forma de se relacionar com o sagrado e com as pessoas. Apesar de as diversas posições ocupadas nas atividades sociais serem pouco nítidas aos olhos de um observador que não é membro ou conhece pouco os matizes da Igreja Universal, as distinções de prestígio são bem compreendidas pelos membros, e o tratamento que eles dão uns aos outros é típico de relações

entre rivais. Cada conquista em direção a uma nova posição é muito ansiada e requer esforços dos mais diversos, a fim de conferir àquele indivíduo um reconhecimento maior que será confirmado pelo pastor responsável pelos projetos, pelos líderes das atividades sociais e por demais beneficiados e assistidos.

O primeiro e principal cargo na estrutura Universal acessível aos membros comuns é o de obreiro. Grosso modo, os membros da IURD são “levantados” obreiros para auxiliar nos cultos e também nos trabalhos de evangelização. Eles se preparam para a atividade frequentando cursos ministrados por pastores. Podem ser indicados por algum membro que já é obreiro ou procurar o curso por iniciativa própria. Alguns dos critérios utilizados para a escolha e aprovação desses candidatos ao cargo de obreiro são: o envolvimento nas atividades da Igreja, a cooperação na distribuição de jornais, limpeza etc. e a assiduidade (Barros, 1995). Concordando, é possível acrescentar ainda que a participação e engajamento nas atividades de ação social funcionam como um meio importante de demonstrar o compromisso e a integridade do fiel. A prática caritativa serve para o membro tanto como um modo de atestar as qualidades do aspirante a algum cargo eclesiástico, quanto como mais uma medalha na vestimenta daqueles que já galgaram esse espaço. Os voluntários que participam das caridades sem contudo ainda terem sido levantados como obreiros, por exemplo, “lutam” ainda mais, pois apenas a posição de ensinar algo a alguém é o que os diferencia dos demais membros que recebem a assistência concedida. Assim, se empenham para que sua habilidade, generosidade, compromisso e fé possam ser percebidos e comprovados, tanto por demais obreiros quanto por pastores envolvidos nas obras sociais, facilitando quiçá sua consagração como líder religioso. As vagas que a IURD disponibiliza para o cargo de obreiro são poucas tendo em vista o número de pessoas que aspiram alguma projeção dentro da Igreja. Sendo assim, todos disputam entre si e cada voluntário é visto como uma espécie de ameaça ao outro, pois pode perder a função recebida se não for tão preciso no cumprimento da disciplina que a ele compete.

Mas se as atividades sociais são muito disputadas entre os voluntários, e como já visto, sobram algumas tarefas a fazer, como a de acompanhar o ônibus da Igreja nas comunidades carentes e a de limpar o local das salas de aula, uma possível interpretação que pode ser dada a esse fato é que algumas atividades são engajamentos pouco valorizados, talvez por poderem ser feitos por um membro qualquer. Os obreiros e demais voluntários assumem para si um volume de atividades tamanho (obviamente as que lhes conferem mais prestígio, como a tarefa de dar aulas nos cursos e de participar em reuniões com o pastor das obras sociais), que é comum que articulem a agenda profissional em função dos compromissos que assumiram

com a Igreja. Uma das voluntárias que conheci durante a pesquisa não estava trabalhando com a quantidade de aulas adequadas lecionando biologia em escola particular para atender a demanda do curso de alfabetização e garantir a sua grande frequência aos cultos em que participava como obreira. Ela entendia tratar-se de uma “guerra” contra o diabo e o mundo, cujas expressões eram manifestas na pressão profissional que a impedia de “trabalhar na obra de Deus”. Essa forma de ver a vida ia condicionando seu intenso envolvimento na Igreja em detrimento das outras esferas da vida.

Outro aspecto importante a ser ressaltado é o tratamento cerimonioso, por vezes hostil, que muitas vezes se via entre os voluntários e que conservava certo desprezo, aceito e recíproco, pois todos estavam buscando constantemente uma posição de destaque expressa no reconhecimento de sua dedicação à tarefa. Uma espécie de parceria entre alguns deles era proposta a fim de que cada um pudesse alcançar seus próprios objetivos. Tais parcerias diziam respeito principalmente à troca de horários e empréstimo de material. Os voluntários que ficavam de fora dessas alianças e não conseguiam “conchavos”, se desdobravam bem mais para não faltar às aulas e aos encontros marcados e assim não perderem gradativamente a difícil reputação alcançada. Não havia desinteresse ingênuo na ajuda entre os voluntários, ao contrário, as relações dos alunos com professores, demais obreiros, pastores e assistentes sociais, igualmente, eram estabelecidas evidenciando que existia uma troca de favores em busca ora de tornar legítimo o recebimento da assistência por parte dos necessitados, ora de acelerar a obtenção dos privilégios por parte dos voluntários doadores. Os carentes, na mesma medida, estavam sempre preocupados em se apresentar íntegros, bem-intencionados, de fato necessitados, assíduos e comprometidos com a Igreja. Eles também desejam se distinguir uns dos outros para que continuassem “dignos” do devido recebimento. Levavam presentes aos professores e assistentes, empenhavam-se nas atividades em que se inseriam, denunciavam a falta de alguns, negociavam com os professores sobre as aulas que porventura se perdiam e também se interessavam pela carreira de obreiros, vez por outra vislumbrando posições ainda mais altas. As ações sociais da IURD mineira estão, enfim, baseadas na disputa por ascensão hierárquica, reconhecimento e honra; lutas sutis, mas fortemente marcadas por desdém, recalques e distâncias que eles estabelecem claramente uns para com os outros.

De modo algum se pode ignorar a força da perspectiva institucional defendida e orientada pelas autoridades eclesiais da IURD. Nesse sentido, porém, reafirma-se que as obras de caridade pesquisadas não podem ser consideradas fruto de um ideal organizacional reproduzido pelo fiel como algo pregado cotidianamente nos púlpitos. As ações sociais não podem ser entendidas meramente como parte de um discurso que se forma de modo vertical,

ou como uma estratégia proselitista e política que vem sendo replicada. O que quero dizer é que diferentemente dos “ideais”, justificativas e estratégias defendidos pela cúpula da Igreja a respeito da oferta, do dízimo, das campanhas e de outros tantos temas, rotinas e rituais fundamentais, a prática da caridade na IURD mineira não é a reprodução de um direcionamento eclesial específico, de um padrão doutrinário de fraternidade ou de um modelo de boas obras. Obviamente, tais ações, assim como todas as iniciativas desenvolvidas na Universal, não fogem do domínio de sua liderança e são, conseqüentemente, supervisionadas pelos responsáveis regionais. Contudo, um controle efetivo ou um direcionamento claro sobre que ações sociais deveriam ser realizadas não aparecem nas falas dos pesquisados, nem nas explicações dos voluntários, nem nas justificativas do pastor coordenador.

O observado foi que as iniciativas sociais implantadas advinham do contato dos líderes locais com alguns projetos que já aconteciam em outros espaços. Também vinham de iniciativas próprias, muitas delas a partir das pesquisas desses líderes na *internet*. Ainda, tais obras poderiam ser fruto da menção de outros pastores e voluntários sobre alguma forma de caridade pertencente ao vasto repertório que a IURD já oferece, culminando assim na elaboração de uma das ajudas “à mineira”; daí a possibilidade de explicar as muitas variações que existem entre as atividades que levam o mesmo nome. Em função disso, a caridade Iurdiana de Minas Gerais é razoavelmente precária e incipiente, feita sem uma organização formal e, alguns dos projetos realizados se desenvolvem de modo autônomo, podendo eventualmente deixar de existir. Apesar de ser comum na Universal, portanto, a existência de unidades semelhantes para o exercício das obras de caridade – o que tenho chamado ao longo desse trabalho de ações que são desenvolvidas sob uma mesma rubrica, como o programa *A Gente da Comunidade*, por exemplo, essas formas de exercer a beneficência não restringem as práticas fraternas ou contém em uma dessas frentes ou atividades, um discurso último sobre a caridade da Igreja.

Isso não implica a falta absoluta de um assistencialismo tradicional ou de uma fraternidade propriamente proselitista, mas, mesmo essa última, é feita raramente, é desconectada e bem distinta do forte evangelismo de massa próprio à IURD. As obras sociais Iurdianas mineiras não funcionam como aparentemente sugeririam as comparações com práticas sociais católicas e espíritas, no sentido de cooperar para a adesão de fiéis ou para a restauração da ordem social e da dignidade dos pobres. A caridade praticada também se encontra longe de promover uma boa imagem da Igreja local, não porque deixe de ser um assunto de deseabilidade, mas porque é realizada em proporções muito pequenas se

considerado o volume que teria que representar para causar impactos expressivos nas mídias regionais e nacionais.

A expressão por eles muito empregada de “ajudar o próximo” é justaposta exatamente no mesmo significado da de “ganhar almas”. O que chama a atenção, entretanto, é que os Iurdianos mineiros declaram que essa expressão não se refere superficialmente à intenção de encher a Igreja atraindo pessoas para que frequentem os cultos e doem seus recursos financeiros. Ganhar almas, valendo-me das palavras de uma das coordenadoras do projeto de alfabetização, “*não é evangelizar, não é encher igreja, mas é aconchegar, aproximar aquela pessoa e passar pra ela o que você recebeu*”. Essa afirmativa destaca a relevância da tentativa peculiar de atrair pessoas de modo a vinculá-las verdadeiramente à Igreja e a suas movimentações, deixando em evidência que, ao menos em Minas, o proselitismo forte e incisivo não se põe como prioridade, pois a própria concepção de evangelização aparece com outro significado.

Se, portanto, foi retirada do proselitismo a obrigação de fazer caridade e apresentar grandes resultados numéricos decorrentes (ao menos no estado pesquisado), a nova tarefa de agregar pessoas ficou mais fácil de ser executada, e assim, passou a dar aos evangelistas a possibilidade de se valerem do *status* que ao serviço de pregação é conferido, afinal, a “guerra” por reconhecimentos e reputações é vivenciada e constantemente disputada por eles também. Desse modo, a prática da caridade propriamente dita ficou destinada aos demais voluntários que a usam como mais um mecanismo de inserção nessa conflagração. Por isso, se algo parece se reproduzir no discurso Iurdiano, responsável por manter a existência das obras sociais em Minas, é a disputa entre os irmãos que compartilham dessa fé – disputa essa que está formatada nos padrões de demonização e guerra espiritual que eles estabelecem contra diversas entidades.

Já se nota que as manifestações demoníacas estão se modificando na IURD. Um movimento de mudança parece deslocar as práticas exorcistas mais performáticas, para lutas na mente, enfocando os testemunhos de sucesso financeiro e sentimental que acabam por fortalecer a integração das reuniões Iurdianas (Scheliga, 2010, p. 227-228). Percebo isso como mais uma das habilidades da IURD de ler sua “ineficácia” e por vezes ausência de algumas das tão atraentes manifestações sobrenaturais e imediatas de cura e livramento. A meu ver, as “falhas” da atuação da Universal – deficiências possivelmente notadas por eles ao longo do tempo – propiciam, gradativamente, uma releitura dos pilares que sustentam suas crenças. Assim, as noções de libertação e cura podem ser remodeladas, passando a significar também a expulsão de demônios do cotidiano e das pessoas que circundam o fiel, se

estendendo para mais do que um ato ritual isolado, mas para um processo de mudança paulatino e sequencial, que pode ter até um revés eventual, já que se refere a um tratamento mais longo e periódico. Nesse sentido, as obras sociais possuem um papel fundamental para os participantes – o de estabelecer outras modalidades de relação, evidenciando “novas” formas de contato entre os membros e sua liderança, seja por meio do vínculo de irmandade, companheirismo, intimidade (como observado na *Sisterhood* da Namíbia), seja por meio da competição, rivalidade, disputa e “guerra” (como visto em Minas Gerais). Nesse sentido, a fé não é utilizada apenas como um antídoto aos males e desgraças da vida, mas também como uma arma a ser posta em próprio prol.

Apesar de as impressões de campo sugerirem que a ação social da IURD de Minas é desorganizada, mal articulada e com atividades desconectadas umas das outras, o envolvimento com os pastores e voluntários dos projetos sociais ao longo do tempo deixou cada vez mais claro que uma organização formal dos programas e uma possível articulação das ações aos moldes do que ocorre na filantropia leiga era menos relevante do que a presença de uma retórica muito bem feita a respeito de quem eles eram enquanto filhos de Deus, no que criam sobre a capacitação da fé dada pelo Espírito Santo e, ainda, em como deveriam servir às pessoas em suas “reais necessidades”, e não à revelia. As obras sociais exercem a função de reforçar a fé no Deus restituidor de bens, no Deus Absoluto, que ainda faz e cumpre as mesmas promessas de vitória e felicidade que fazia ao povo de Israel. O que pode ser percebido, nesse sentido, é que caridade e Teologia da Prosperidade são complementares em Minas Gerais, assim como em outras regiões também; essas noções estão em consonância e harmonia.

A prosperidade – via ações assistencialistas – recebe uma ênfase muito maior na dinâmica da cura emocional, na reestruturação social, na aquisição de habilidades profissionais, educacionais e de assistência. Portanto, ao invés de essa teologia afastar as obras de caridade dos agentes da IURD, ela permite seu pleno desenvolvimento; a caridade desenvolvida endossa aspectos “não tão óbvios” da prosperidade, para além do acúmulo de bens e do ganho de muitas riquezas. As obras realizadas motivam os fiéis assistidos a continuarem perseverando na fé e aumentam de modo significativo as expectativas desses crentes em obter sucesso na vida, dando-lhes, assim, uma “amostra grátis” do que é viver no Reino que Deus preparou. Assim, a prática caridosa reforça as concepções de prosperidade que os fiéis devem ansiar, inculcando nos ajudados os valores de bênçãos, vitórias e ganhos, sendo um deles o da própria caridade que é recebida – meio que a conta gotas, os voluntários

vão reinsserindo os fiéis assistidos nas concepções teológicas sobre os vários modos de experimentar o que é prosperidade.

Dentro ainda dessa peculiar perspectiva, Deus é concebido como aquele que se quer que o próximo receba ajuda fraterna, tem certa “obrigação” de abençoar àqueles que estão labutando na obra Dele. Afinal, a vida é encarada como uma constante guerra contra o diabo e suas hostes, e conseqüentemente, todos os infortúnios e desgraças daqueles que não têm nada para dar só podem ser resolvidos por Deus, que só “dá coisa boa”. A partir dessa forma de ver a vida, ajudar ao próximo significa fazê-lo vencer a batalha contra o inferno. Sempre pautados nas promessas do Deus no Velho Testamento, e seguindo os exemplos dos profetas e sacerdotes que são interpretados como indignados e inconformados com a situação que viviam na terra, os Iurdianos se motivam mutuamente à diligência de um “trabalho forte”; compondo mais um dos atributos do *ethos* empreendedor disciplinado, disposição que desperta os olhos de Deus e o faz derramar bênçãos de resultados evidentes, traduzidos em constante prosperidade. Demais benefícios chegarão ao fiel através do bom exercício de sua fé ou, caso a Igreja o possa ajudar, através da confirmação de sua boa reputação.

Tal disposição mental acaba por reforçar a disputa não declarada em busca de *status* e reconhecimento dentro do campo religioso, luta composta por membros que são mais que frequentadores de cultos. As obras realizadas representam as rixas veladas existentes entre os grupos de evangelismo, obreiros, voluntários sociais, professores de Escola Bíblica Infantil e líderes da Força Jovem. Esses ministérios se diversificam nas funções, mas na prática das tarefas, se misturam e se permeiam – não para se unirem em prol da assistência – mas, suscitando uma divisão pouco rígida, que permite aos fiéis transitarem por suas fragilidades e afrouxamentos.

Outro ponto a ser considerado é que com o fim das ações da ABC no Brasil, outras instâncias de práticas sociais já existentes naturalmente entrariam em evidência. Houve uma espécie de “corrida” para divulgação dos AGCs e de outras formas de fazer caridade, que passaram a gozar de maiores liberdades e privilégios frente ao bispado da Igreja. Entretanto, a alternância dessas caridades não soa como a constituição de uma “tradição de obras sociais”, apesar de a IURD eventualmente se valer da “historicidade” delas, ou seja, de um percurso que eventualmente seja interessante evocar. Opto por denominar esse movimento como constituidor de um repertório vasto de nomenclaturas sob as quais se desenvolvem práticas

comuns ou diferenciadas, elaborando ou não um discurso sobre a assistência, que quando ocorre é acionado conforme a serventia que possui. Assim, a ação social de cada região vai sendo relida pelas contingências locais, pelas relações que se estabelecem em determinado espaço e pelas oportunidades e circunstâncias que se abrem como alternativas de ação. O que há em comum é que todas as práticas observadas, incluindo as de Minas Gerais, endossam alguns valores caros à IURD, como: a capacidade de autoctonização, adaptação e flexibilidade da Igreja, a tentativa de estabelecer relações com instâncias governamentais (expostas ou ocultadas) e a presença incondicional das máximas da guerra contra o diabo e da Teologia da Prosperidade, também passíveis de adaptação. Essas características evidenciam que distintos “modelos” de ação social são utilizados conforme as peculiaridades de cada local; essas formas de filantropia, apesar de vez ou outra configurarem um conjunto de práticas semelhantes, não encerram um padrão recorrente.

7.3 As obras de caridade que seguem seus próprios rumos

Na Universal, além do dinheiro, uma doação que se faz a Deus é o tempo de trabalho voluntário – entrega que aparece justificada pela vontade de ajudar o próximo, desejando o melhor àqueles que estão “a nossa volta”. As obras sociais da IURD se configuram, então, como veículos por meio dos quais algumas pessoas são acolhidas, recebidas pelos fiéis veteranos e auxiliadas em algumas de suas necessidades. Apesar das boas intenções, tais ajudas não apresentam um papel social relevante nem ao menos (tal qual eles se propõem) atingem um contingente considerável de pessoas com a palavra de Deus (pregação do evangelho). Quanto às motivações desses agentes, não se tem a pretensão de julgar ou fazer qualquer consideração a respeito da veracidade apresentada pelos voluntários que os faça estar engajados nos trabalhos sociais apresentados. A relevância que esse ato tem para cada particular não atua como orientadora do percurso autônomo que as obras sociais seguem enquanto práticas, pois tais ações acabam por se desmembrar dos porquês apresentados. A dinâmica dos projetos desenvolvidos não deve, em suma, ser reportada como representante das intenções pessoais de quaisquer atores que estejam relacionados, mas, deve antes remeter ao complexo encadeamento de atividades que se estendem ao longo do tempo e do espaço para além das justificativas aparentes que são pelos agentes apresentadas.

A análise sociológica da assistência social desenvolvida pela IURD de Minas Gerais mostra que a trajetória dos projetos, ou seja, a direção para a qual eles apontam, representa um fenômeno que não se restringe à mera soma dos desejos pessoais dos envolvidos. Ao contrário, vai além. Sua autonomia não encontra quase nenhum ponto de contato com as

justificativas privadas (e/ou reconhecidas de imediato) pelos coordenadores ou representantes das atividades, nem mesmo com os valores (nunca uniformes ou transmutados em ideais) proclamados pela Igreja quanto à prática da caridade. Ao contrário, a fraternidade Universal se descola dos motivos explanados pelos grupos que a constituem, pois não representa um mero desdobramento dos arranjos em benefício do próximo e nem reproduz de modo espelhar ou duplicado aquilo que se apresenta como as reais razões evangélicas (o amor ao próximo e a benevolência) da iluminação divina e da transformação do ser que se move em direção ao outro.

Foi possível vislumbrar nesse trabalho que uma das principais justificativas que aparece para a criação dos projetos de caridade é a intenção de cooperar no exercício da misericórdia. Mas, uma vez que tais obras são postas em prática, acabam possuindo existência própria e se desenvolvendo já quase que de modo independente dos membros que nelas se inserem, ou das intenções daqueles que inicialmente as formularam. A assistência fraterna peculiarmente marcada por disputas internas entre obreiros, pastores, evangelistas e demais voluntários acaba sendo, portanto, a representação das competições que se estabelecem nessa prática, uma extensão para o cotidiano dos valores de guerra espiritual contra demônios e hostes malignas. O não compartilhar das atividades, a não delegação de tarefas e funções e a relação nevrálgica existente entre os próprios voluntários é evidência de uma acirrada disputa: luta hierárquica imposta pela estrutura da Igreja, ademais, são poucos os meios através dos quais é possível obter reconhecimento. A caridade aos membros não foi criada pra conferir *status* a quem dela participasse, mas é por meio das querelas e rixas estabelecidas nessa prática que se diferenciam aqueles que dos momentos de assistência participam.

Ainda, a santificação dos voluntários não se dá apenas através do contato com o sagrado nos rituais de culto, oferendas e consagrações, mas também por meio da inserção dos agentes nos espaços separados para o exercício do afeto caritativo, locais que só podem ser acessados por poucos. Frequentemente, os pastores comparecem às reuniões entre os voluntários para abençoar os que estão envolvidos no trabalho. Colocam o nome deles no óleo que é anteriormente santificado pelo bispo no altar da Igreja por meio de oração e clamor “forte”. Assim, com o nome no óleo, a vida daquelas pessoas vai sendo abençoada e esse estado de santidade esperado vai sendo refletido na expectativa de obtenção de muitas bênçãos e no “selo” da unção do Espírito Santo. Esse selo é constantemente reforçado através da consagração que os pastores realizam nos encontros e mutirões em que os voluntários se reúnem com os beneficiados; sejam encontros de evangelismo, reuniões administrativas dos trabalhos de assistência social, mutirões, entre outros.

É mediante a vontade individual dos obreiros e demais participantes de receber as graças advindas do alto (como o sucesso na vida e o destaque na Igreja), aliada ao intuito dos membros menos favorecidos da Igreja de suprir algumas de suas mazelas que se delimita – ao menos em Minas Gerais – o que vem a ser a prática fraterna dessa tão particular religiosidade. Ela é um meio através do qual o assistido comprova sua postura íntegra e seu ajustamento, e envolve-se com parte da liderança destacando modalidades de contato que não são vistas de imediato na Igreja Universal. É também o espaço em que o voluntário doa seu tempo em forma de trabalho e espera da parte de Deus ser restituído; é o reduto de pastores e bispos que também desejam ascender na hierarquia da Igreja e através de seu trabalho retribuem os voluntários com consagrações e santificações. É ainda um dos modos de líderes políticos/religiosos intermediarem relações entre instâncias governamentais e a Igreja, formando um corpo eleitoreiro que pode ser mobilizado quando necessário. Todos os envolvidos na rede de assistência social, enfim, corroboram para a formação de um arranjo específico de trânsito hierárquico eclesiástico, em que as obras sociais funcionam como um mecanismo de ascensão, disputa por prestígios e espaços e, representam os conflitos velados que se estabelecem entre os membros da IURD na busca por destaque e diferenciação no meio da Igreja.

O primado da caridade é a doação do indivíduo ao grupo ao qual pertence, e é também o recebimento, por parte de outros, de bens desse mesmo grupo. As necessidades do grupo são expressas na forma do dever de doação a Deus, cuja entrega passa pelo outro e, no caso do assistencialismo Iurdiano mineiro, isso se dá através de práticas tais como os cursos de alfabetização, informática, encaminhamento social, assistência jurídica e de saúde. Aquele que recebe está também “obrigado” a aceitar o auxílio que o dota de prestígio, atestando assim sua integridade e justiça como fiel. Nesse sentido, as ações sociais implicam trabalho, esforço, envolvimento e aliança com Deus e com as pessoas que ali se relacionam, tanto por parte dos doadores quanto dos recebedores. Essa aliança que se estabelece fica claramente fundamentada pela diferença nas posições que eles anseiam, batalham e passam a ocupar. Para a perspectiva de voluntários e necessitados, o grupo é “a coisa santa por excelência”, meio através do qual se recebem as dádivas que vêm de Deus – materiais, educativas ou relativas aos prestígios alcançados.

Desse modo, a fraternidade da IURD caminha com um matiz levemente diferente daquele apontado por Durkheim nas últimas considerações que aparecem em suas *Lições de Sociologia*. Para o autor, a caridade é posta como um sentimento de simpatia que a humanidade pode conservar, é capaz de libertá-la da desigualdade, é o “apogeu da justiça”.

Ele parecia crer que a dilatação desse sentimento na humanidade faria possível que os melhores abdicassem da remuneração exata de seu trabalho em função dos menos favorecidos. A tendência da caridade seria a de deixar de ser um dever facultativo e tornar-se uma obrigação rigorosa que daria origem a instituições. Ela seria fruto de uma consciência e sentimento coletivo cuja camada moral referia-se a um grau mais desenvolvido. Mas a fraternidade nos dias de hoje, ao menos ao que indicam as obras sociais mineiras da Igreja Universal, se tornou um compromisso arrolado no mais íntimo do juízo desses cristãos, porém, reforçando ainda mais a disparidade entre eles, as diversas posições ansiadas e labutadas a cada dia, vinculando-os em relações por vezes marcadas por desprezo e desvalho. Se a sociedade moderna foi capaz de produzir uma consciência que levou as pessoas a se sentirem autônomas e a se pensarem de modo individualizado, como propunha o autor, parte da fraternidade originada nessa mesma modernidade está longe de poder cooperar para o idílico mundo funcional e integralizado imaginado por Durkheim e por muito outros autores que fiam sua “fé acadêmica” nas benesses da religião.

Considerações Finais

As religiões de matriz cristã se estabeleceram ao longo de muitos anos sobre um sistema de obrigação de fraternidades. No compromisso dos adeptos de fazerem doações como um modo de retribuir o amor divino empenhado pelo sacrifício de Jesus, diferentes formas de expressar a voluntariedade foram organizadas. Cada prática ao longo do tempo, ou iniciou, ou foi decorrente de uma interpretação possível do preceito do amor ao próximo. Quando Weber, o primeiro sociólogo de grande destaque a se debruçar sobre o tema, pensou a fraternidade da fé cristã como uma “pedra no sapato” dos próprios adeptos, mostrou as duas vertentes religiosas que propunham uma solução pra tal impasse: o misticismo e o puritanismo vocacionado. Mas com a proliferação cristã ao redor do mundo, a caridade foi sofrendo alterações diversas e apresentando respostas bem diferenciadas ao que Weber supôs um enigma inicialmente de duas soluções. Uma amostra dessas mudanças pôde ser vislumbrada nas primeiras páginas desse trabalho que visaram mostrar que no Brasil, por exemplo, o assistencialismo religioso, com o passar do tempo, foi sendo colocado em prática e representou o modo como algumas religiões se desenvolveram e se consolidaram em território nacional. Para além das particularidades de cada ação, a filantropia significou um meio através do qual se lutou – e ainda se luta – por hegemonia e legitimidade.

Os espíritas, por exemplo, de forma geral, considerando os bens dessa vida condições e meios propiciados para a evolução encarnacional, fizeram doações diversas no intuito de aliviar o sofrimento e a dor dos seres humanos, cooperando para tornar a sociedade melhor e mais perfeita. Com isso, transformaram as acusações de curandeirismo que receberam desde o início do século XX, em benevolência moral. No catolicismo, por outro lado, as benesses fraternas representaram uma chance maior na salvação do fiel, mas, foi apenas reforçando a aliança com o Estado, que a Igreja Católica conseguiu definitivamente consolidar sua caridade. Alguns católicos redescobriram o sentido da filantropia tempos depois através da Teologia da Libertação e se voltaram novamente para os pobres, passando a enxergá-los como uma possibilidade relevante de balizar o encontro com Deus. Paralelamente, os protestantes históricos, desde sua chegada a terras brasileiras, buscaram diferenciar-se dos “primos” na fé, e com isso voltaram sua ação social para um proselitismo que guardava preocupações educacionais e intuía promover mudanças na moralidade. Com isso, construíram escolas e universidades crendo na relevância de dividirem seus preceitos comportamentais. A síntese que realizei sobre algumas das alterações da prática da caridade no Brasil é tímida e foi feita sem grandes pretensões. Contudo, foi elaborada para não deixar oculto o fato de que a

caridade, desde seus primórdios, está longe de ser uma prática que permaneceu inalterada e dotada do mesmo significado.

Embora o cenário que caracterizava o cristianismo contemporâneo brasileiro já estivesse razoavelmente bem compreendido até meados da década de 1970, um desdobramento do protestantismo, de origem recente e angariando multidões de fiéis, começou a chamar atenção por seu crescimento acelerado e ousado e a suscitar análises diversas. Essa religiosidade, conhecida como neopentecostalismo, multiplicava seu número de seguidores quase sem lançar mão de práticas assistencialistas. Como consideravam a experiência com Deus, emocional e de libertação, o maior bem que um cristão poderia proporcionar ao próximo, investiram de maneira audaciosa num proselitismo de massa, que prometia o livramento dos transtornos malignos e garantia a vivência em prosperidade. Nesse sentido, sabendo manipular de forma brilhante as peças do dominó evangélico, a Igreja Universal do Reino de Deus passou a se destacar como uma denominação relevante. Pensá-la na dimensão de sua prática social, portanto, somaria um esforço considerável na tentativa de entender o assistencialismo religioso dos dias de hoje⁷⁰ e compreender a IURD enquanto uma devoção influente.

Nas análises sociológicas feitas sobre a Universal, a igreja chamava tanta atenção, que fez até mesmo pesquisadores que não se debruçavam especificamente sobre o tema da caridade, não desconsideraram o assunto. O assistencialismo da IURD foi compreendido por alguns estudiosos como quase ausente, seguindo a tendência e a teologia das demais igrejas pentecostais. Ainda se pensou que as obras sociais da Universal, inegáveis com a criação da *Associação Benéfica Cristã*, tinham a motivação centrada no forte proselitismo, no fazer concorrência com demais instâncias filantrópicas ou na combinação de categorias evangélicas com proposições leigas do campo da filantropia. Também foram consideradas respostas às críticas severas que a IURD vinha sofrendo por parte das mídias nacionais, sendo acusada de extrair dízimos e ofertas abusivos e usar o dinheiro dos fiéis de modo indevido. Por último, a caridade Iurdiana foi mostrada desenvolvendo uma tradição peculiar de obras sociais, que despertava e consolidava um “saber fazer” oriundo de sentidos aguçados por noções pautadas nos ideais de evangelismo, assistência a comunidades carentes e confiança em Deus; representando, enfim, “variações de um mesmo conjunto de percepção e ação” de outras formas de ação evangélica.

⁷⁰ Ademais, a ética/prática social dificilmente pode ser desconsiderada na análise acadêmica, em função de ser a caridade um dos pilares da fé cristã e de já se apresentar até mesmo em seu aspecto institucionalizado, como no caso do catolicismo, por exemplo.

Em certo sentido e por dois motivos fundamentais, as observações dessa dissertação contrariaram todas as considerações sociológicas mencionadas. O primeiro motivo é que a maioria dessas análises foi feita cerca de três anos antes de rearticulações importantes na prática social da Igreja. A principal delas foi o fechamento da maior frente de ação social que encabeçava a caridade da IURD (a ABC). Além disso, a *Fundação Pestalozzi*, que atendia crianças deficientes e era um dos grandes trunfos de parceria da Universal, atualmente se chama ABADS e passou a estar sob a direção do *Instituto Ressoar* no final do ano de 2009. A relação entre a ABADS e o *Ressoar*, apesar desse último estar vinculado diretamente à Rede Record de propriedade da IURD, demonstra outras dimensões fraternas distintas das já pesquisadas. A *Fazenda Nova Canaã* e o *Programa Jovem Nota 10*, que também caracterizavam frentes importantes de ação social, já estão longe de terem a mesma importância que se via nos anos de suas fundações. O segundo motivo diz respeito ao fato de a caridade em Minas Gerais ser consideravelmente distinta das práticas realizadas nos demais estados brasileiros.

O que prevalece no Brasil nos dias de hoje é o que chamei de paradigma carioca. Nada mais é que um movimento grande de campanhas assistencialistas de caráter eleitoral. Os exemplos mais evidentes dessa filantropia são as ações do senador e bispo Marcelo Crivella, nos programas de construção e reconstrução de casas, além dos vários outros deputados e vereadores espalhados pelo Brasil, membros da Igreja e que se empenham em propor leis, conseguir parcerias com o Governo e fomentar mutirões sociais em prol da população carente. À frente das ações em prol do outro, os políticos representam uma espécie de contrapartida, “reembolso” à sociedade, daquilo que os fiéis entregam na IURD em forma de grandes sacrifícios – dízimos regulares e ofertas generosas. Mas, as ações dessas figuras públicas explicitam um duplo movimento: ora o de afastamento da imagem da Igreja e das estereotípias que já se criaram em torno dela, ora o de aproximação, ressaltando o papel social das boas obras da Igreja.

Já a filantropia da IURD fora do Brasil é ligada inicialmente a questões emergenciais, como distribuição de alimentos, de roupas e de preservativos, doação de sangue, realização de mutirões sociais e apoio a campanhas do governo em prol da conscientização popular. Essas obras dificilmente não carregam as atribuições de consolidar o papel da Igreja Universal no país em que ela está se inserindo, contribuindo para reforçar uma boa imagem da instituição religiosa e demonstrando sua capacidade de autoctonização, adaptação e leitura das contingências locais. Mas com o tempo de inserção na localidade, a IURD parece caminhar para o desenvolvimento de tarefas que beneficiem os próprios membros da Igreja, como as

palestras e atividades na área da educação. Esse movimento significa, com a implantação da Igreja ao longo do tempo, uma tendência de deixar um pouco de lado obras direcionadas aos de fora, em função de desenvolver ações que supram as necessidades dos carentes já convertidos e os vinculem definitivamente à Igreja. Os exemplos elencados sobre a caridade da IURD transnacional mostram que modalidades de contato distintas – como a aproximação entre as mulheres carentes e as esposas dos líderes da Igreja – são desenvolvidas a partir dessa filantropia. O assistencialismo voltado a mulheres e crianças retroalimenta o proselitismo, no sentido de “suavizar” as ações dos pastores e formar uma “mão de obra” nativa para o alcance dos perdidos.

Em Minas Gerais, a caridade emergencial também aparece como um resíduo que aos poucos vai ficando para trás. Os carentes que precisam de assistência imediata não são ajudados de prontidão. Ao fiel da IURD mineira é requerido, para o ingresso e permanência nas situações de benefício, uma espécie de “atestado de probidade”, ou seja, a comprovação da retidão, do engajamento e do interesse do fiel em permanecer na Igreja e nos cursos que a ele são disponibilizados. Mais que presença, o fiel deve “incarnar” o jeito de ser Universal, dominando e participando da rotina dos cultos, das orações, das campanhas; passando a compartilhar do modo de ver a vida dividida entre a bondade de Deus e as desgraças do “capeta”.

Em Belo Horizonte, a caridade Universal é organizada por meio do Programa *A Gente da Comunidade*, situado no espaço “Casa Rosa” e funcionando de modo distinto dos programas de mesmo nome espalhados pelo Brasil. O AGC/MG não foca suas atividades na organização de mutirões sociais que visam reforçar o proselitismo incisivo da Igreja. O programa mineiro fornece cursos variados como o *Ler e Escrever*, inglês, informática, cabelereiro e artesanato, além de assistência jurídica, social e apoio à saúde. Todos são organizados para os membros da Igreja e são diretamente dependentes da rubrica do AGC. Mas essas benesses são feitas de certo modo incipiente e sem preocupações em beneficiar um contingente grande de pessoas que já esteja frequentando a Igreja. Nenhuma das atividades propostas por esse programa apresenta um vínculo direto com figuras públicas como observado nos demais estados do Brasil; políticos e doadores abastados, mesmo quando presentes, têm sua identidade ocultada aos beneficiados.

Mas o papel que as obras sociais desempenham aos poucos assistidos não é suficiente para sustentar o mecanismo das dádivas fraternas ou dar continuidade à caridade mineira, que, mesmo não possuindo organização formal sofisticada, vínculo eleitoreiro, preocupação proselitista ou midiática forte, intenção de competir com outras agências filantrópicas...

continua mantendo suas obras sociais acontecendo a todo vapor. Duas possibilidades de compreensão dessa filantropia, portanto, foram suscitadas. Primeiro, contrariando a expectativa de que a Teologia da Prosperidade levaria à ausência de ações sociais, observou-se que as práticas existem e o reforço à crença de obtenção de riquezas e fortunas é uma de suas atribuições que, apesar de não suprirem as possíveis “falhas” dessa concepção teológica, acabam por complementá-la, reforçando nos fiéis necessitados a certeza de que eles irão obter a vitória, mais dia, menos dia. As obras sociais funcionam como um complemento, um período de espera, entre as ofertas lançadas nos momentos em que se faz aliança com Deus, e o dia em que as coisas da vida mudam completamente, dando início à tão ansiada prosperidade. Segundo, emerge como o alicerce dessa caridade o fato de que o assistencialismo desenvolvido estrutura um mecanismo por meio do qual é possível transitar na rígida hierarquia da Igreja. Apesar do trânsito religioso proporcionado pela caridade não levar o indivíduo diretamente ao cume da estrutura hierárquica; visando obter reconhecimento e prestígio, a filantropia funciona como uma espécie de “passagem obrigatória”.

Os voluntários se engajam em várias das atividades envolvidas na assistência social, como tirar cópias de exercícios, ajudar na organização de materiais, atender ao telefone da secretaria, entre outras. Afinal, o espaço da “Casa Rosa” é desconhecido por muitos membros, e qualquer tarefa que faça parte de sua rotina, permite que os voluntários aumentem o conhecimento a respeito de algo cujo acesso é restrito. Assim, os Iurdianos vão desenvolvendo relações que exprimem sua “língua local”: disputa, luta, guerra. Eles não lutam apenas contra as hostes malignas que os rodeiam ou que os podem possuir, mas competem entre si por prestígios pequenos e diários que vão possibilitando a tão almejada diferenciação; afinal, na IURD, a estrutura de cargos e funções é melindrosa, de difícil acesso e concentra poder na mão de poucos. Servindo de reduto para pastores menos “lucrativos” e para pastores “de potencial”, a caridade de Minas propicia a atestação da moral e retidão dos fiéis carentes e aumenta a possibilidade de evangelistas, obreiros, assistentes e voluntários se diferenciarem e transitarem nos meandros que envolvem a estrutura de cargos eclesiais. Como já estava escrito: “o maior dentre vós será vosso servo” (Mateus 23:11). Portanto, aquele que se “humilha” servindo aos outros, acabará por se ver “exaltado” tempos depois.

Apesar das especificidades que a caridade de Minas Gerais apresenta, é possível afirmar duas dimensões gerais (e generalizáveis) a respeito dessa filantropia. A Igreja Universal não apresenta um padrão de caridade, ou bem dizer, uma regularidade filantrópica fruto das crenças e valores Iurdianos a partir dos quais são realizadas ações caritativas. A similaridade das práticas observada em alguns locais mostrou justamente o contrário: as metas

que se pretende alcançar nas regiões em que a IURD está se desenvolvendo é que acabam ditando quais atividades serão adequadas e realizadas. E aí, nesse sentido, a experiência já vivenciada por outras Universais compõem um vasto repertório de ações que, ao possibilitar a escolha de uma determinada prática ou iniciativa, acaba valendo como uma espécie de modelo temporário que chamei ao longo do texto de rubricas sob as quais se desenvolvem ações distintas. De fato, essas escolhas caminham no sentido oposto de constituírem uma “tradição de obras sociais”. O que se vê é que não há padrões recorrentes, salvo o de que projetos bem sucedidos, ações políticas de destaque, mutirões emergenciais e mobilização da retórica da filantropia leiga são utilizados conforme conveniência. A IURD é uma boa leitura das contingências e peculiaridades locais, apesar de nem sempre acertar em suas investidas e estar constantemente submetida às “consequências não premeditadas” de suas ações.

Um segundo ponto que pode ser percebido é que o trabalho social da IURD é uma via que permite decodificar uma disposição mental que vai sendo construída a partir da rotina e da disciplina Iurdiana. Chamada nesse trabalho de *ethos empreendedor disciplinado*, os Iurdianos se apropriam um “jeito de ser” que compõe a identidade dessa fé. Os Universais vão aos cultos mais de uma vez ao dia, oram fervorosamente, fazem pedidos no altar, se submetem a sessões de exorcismo e libertação, pagam dízimos fielmente, doam grandes quantias monetárias como ofertas sacrificiais, passam a utilizar jargões e terminologias próprias à simbólica da IURD, se engajem em muitas frentes de trabalho dentro da Igreja... Esse dinamismo ativista em prol de acumular uma série de rotinas, acaba fazendo com que os fiéis desenvolvam uma contenção de hábitos negativos, como fumar, beber, mentir, estar desempregado, (o que já foi visto em muitas literaturas sobre o assunto), e uma abertura a um estilo de vida organizado, metódico, disciplinado, enfim, empreendedor; ressaltando atributos que os possa fazer ascender na vida, inclusive no sentido econômico. Apesar de atribuírem todo o sucesso pessoal aos milagres obtidos na Igreja, os Universais, fortemente motivados por uma fé “arrojada”, intrépida e quase altiva, constroem um hábito de vida⁷¹.

Apesar de todas as modificações que a caridade sofreu ao longo dos muitos anos do desenvolvimento do cristianismo, dissociá-la da tarefa proselitista é impossível. Mas o que pretendi realizar nesse estudo, todavia, foi mostrar que entre o emaranhado de motivações para fazer o bem ao próximo, existem pormenores e justificativas que muitas vezes podem passar despercebidos; há outras engenhosidades que estruturam as práticas sociais para além

⁷¹ Para os fins desse trabalho optei por esmiuçar as implicações desse *ethos empreendedor disciplinado* apenas com o viés das obras sociais, mas muitas outras abordagens poderiam ser estendidas e ampliadas a partir dessa caracterização.

da vontade de arrebanhar um grande contingente de fiéis e de votantes comprometidos. A caridade/fraternidade cunhada pela Igreja Universal do Reino de Deus representa não uma resposta nova, mas uma ênfase distinta a uma velha atestação: “que todo o trabalho e toda realização surgem da competição que existe entre as pessoas. Vaidade de vaidades, diz o pregador” (Eclesiastes 4:6; 2:2).

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, R. "A guerra das possessões", In: ORO, Pedro; CORTEN, André; DOZON, J. P. (orgs.). *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo, Paulinas, 2003, p. 321- 342.

_____. "Religião na metrópole paulista". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.19, n. 56, outubro de 2004, p. 15-27.

ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

APGAUA, Renata. *A dádiva Universal: reflexões em um debate ficcional*. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, dissertação de mestrado, 1999.

BABBIE, Earl. *The Practice of Social Research*, Belmont, CA: Wadsworth/Thompson Learning, 10ª edição, 2004.

BARROS, Mônica do Nascimento. *A batalha do Armagedon: uma análise do repertório mágico-religioso proposto pela Igreja Universal do Reino de Deus*. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, dissertação de mestrado, 1995.

BOURDIEU, Pierre. "Marginalia. Algumas notas adicionais sobre o dom". *Mana*, Rio de Janeiro, 2 (2):70-20, 1996.

BURDICK, John. *Procurando Deus no Brasil: a Igreja Católica progressista no Brasil na arena das religiões urbanas brasileiras*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 1998.

CAILLÉ, Alain. "Nem holismo nem individualismo metodológicos – Marcel Mauss e o paradigma da dádiva". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 13, n. 38, p. 5-37, outubro, 1998.

CAMURÇA, Marcelo. "Fora da caridade não há religião. Breve história da competição religiosa entre catolicismo e espiritismo kardecista e de suas obras sociais na cidade de Juiz de Fora: 1900-1960". *Revista Locus*. Juiz de Fora, vol 7, n. 1, 2001.

_____. "Seria a caridade a religião civil dos brasileiros?". Rio de Janeiro: *Revista Praia Vermelha*, n. 12, p. 42-63, primeiro semestre de 2005.

CONRADO, Flávio César dos Santos. *Religião e cultura cívica: um estudo sobre modalidades, oposições e complementariedades presentes nas ações sociais evangélicas no Brasil*. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, tese de doutorado, julho de 2006.

DYKEMA, Jennifer e SCHAEFFER, Nora Cate. "Events, instruments, and reporting errors". *American Sociological Review*, 65 (4): 619-629, August, 2000.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____, Émile. *Lições de sociologia: a moral, o direito e o Estado*. São Paulo: Ed. da USP, 1983.

FERNANDES, Rubem C.; SANCHIS, Pierre; VELHO, Otávio G.; PIQUET, Leandro; MARIZ, Cecília; MAFRA, Clara. *Novo nascimento: os evangélicos em casa, na política e na igreja*. Rio de Janeiro, Ed. Mauad, 1998.

GIUMBELLI, Emerson. “A vontade do saber: terminologias e classificações sobre o protestantismo brasileiro”. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 21 (1): 87-119, 2000.

_____. “Para além do “trabalho de campo”: reflexões supostamente malinowskianas”. São Paulo: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.17 n.48, fevereiro de 2002.

GODBOUT, Jacques.T. “Introdução à dádiva”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v.13, n. 38, p. 39-51., outubro de 1998.

LANDIM, L (org). *Ações sociais em sociedade: militância, caridade, assistência etc*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1998.

LIMA, Diana. “Alguns fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus”. *Mana*. Rio de Janeiro, 16 (2): 351-373, 2010.

LOWY, Michael. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

MAFRA, Clara. *Os evangélicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MARIANO, Ricardo. “Efeitos de secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religiosos sobre as igrejas pentecostais”. *Civitas*. Porto Alegre, 3, 1: p. 111-125, junho de 2003.

_____. Ricardo. “Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal”. *Estudos Avançados*. São Paulo, 18, 52: p. 121-138, setembro de 2004.

_____. Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. Ed. Loyola: São Paulo, 2005.

_____. Ricardo. “O futuro não será protestante”. *Ciências Sociais e Religião*. Porto Alegre, 1,1, p. 89-114, setembro de 1999.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. Lisboa: Edições 70, 2001.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *Protestantes, pentecostais ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista, 2008, 2ª edição.

MONTERO, P. “Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil”. *Novos Estudos*. São Paulo, 74, março de 2006.

MONTERO, Paula. “Religiões e dilemas da sociedade brasileira” *In: MICELI, Sérgio (org). O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. São Paulo: Ed. Sumaré, volume 1, 1999.

MONTERO, P.; ALMEIDA, R. R. M de. O campo religioso brasileiro no limiar do século: problemas e perspectivas. *In: RATTNER, H (org). Brasil no limiar do século XXI*. São Paulo: Edusp, 2000.

NERY, Maria Clara R. “Igreja Universal do Reino de Deus – IURD – os excluídos dos benefícios sociais e os fatores determinantes dos vínculos dos crentes para com a igreja – a igreja como forma de inserção social”.

NOVAES, Regina. “Hábitos de doar: motivações pessoais e as múltiplas versões do “espírito da dádiva” *In: BRITO, M; Melo, M. Hábitos de doar e captar recursos no Brasil*. São Paulo: Peirópolis, 2007.

NUNES, E. O (org). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1978.

OLIVEIRA, Tatiana S. O jogo das dádivas: considerações sobre a prática da aposta na Igreja Universal do Reino de Deus. Universidade Federal do Paraná, dissertação de mestrado, 2006.

OLIVEIRA, R.C. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora Unesp, 2ª edição, 2006.

ORBUCH, Terri. “People’s Accounts Count: the sociology of accounts”. *Annual Review of Sociology*, volume 23, 1997, 455-478.

ORO, Ari Pedro. “A presença religiosa brasileira no exterior: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus”. *Estudos Avançados*. São Paulo: 18 (52), p. 139-155, 2004.

PEREZ, Léa. “Breves notas e reflexões sobre a religiosidade brasileira”. *Brasil 500 anos*. junho de 2000. Belo Horizonte, Imprensa Oficial dos Poderes do Estado, pp. 40-58.

PEREZ, Léa; OLIVEIRA, Luciana de; APGAUA, Renata. Reflexões em um debate ficcional: efervescência religiosa e reconfigurações societárias _ nódulos de dádiva na sociedade brasileira contemporânea, 2000.

PIERUCCI, Antônio Flávio. “Bye bye Brasil_ o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000”. *Estudos Avançados*. São Paulo, 18, 52, p. 17-28, agosto de 2004.

_____, Antônio Flávio. “Religião como solvente_ uma aula”. *Novos Estudos*. São Paulo, 75, julho de 2006.

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo: Universidade de São Paulo-HUCITEC, 1996.

PRANDI, Reginaldo. “O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso”. *Estudos Avançados*, vol.18, n.52, São Paulo, setembro-dezembro, 2004, p. 223-238.

_____. “Converter indivíduos, mudar culturas”. *Revista Tempo Social*, volume 20, número 2, São Paulo, novembro de 2008.

RORTY, Richard; VATTIMO, Gianni. *O futuro da religião: solidariedade, caridade e ironia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

ROUANET, Sérgio Paulo. “Ética e Antropologia”. *Estudos Avançados*, volume 04, número 10, São Paulo, setembro a dezembro de 1990.

SANCHIS, Pierre. “As ciências sociais da religião no Brasil”. *Debates do Ner*. Porto Alegre, ano 8, n.11, p. 7-20, jan/ junho de 2007.

_____. “Desencanto e formas contemporâneas do religioso”. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 3, n. 3, p. 27-43, outubro de 2001.

SCARCE, Rik. “Good Faith, Bad Ethics: when the scholars go the distance and scholarly association do not”. *Law and Social Inquiry*, volume 24, issue 4, 977-986, October, 1999.

SCHELIGA, Eva Lenita. *Educando sentidos, orientando uma práxis: etnografia das práticas assistenciais de evangélicos brasileiros*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, tese de doutorado, 2010.

SÉMAN, Pablo. “A Igreja Universal do Reino de Deus: um ator e as suas costuras da sociedade brasileira contemporânea”. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 2 n.3, p. 87-97, setembro de 2001.

SIEPIERSKI, Carlos Tadeu. ““De bem com a vida”: o sagrado num mundo em transformação”. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2001.

SIGAUD, Lygia. “As vicissitudes do “ensaio sobre o dom””. *Mana*, Rio de Janeiro, 5 (2) : p. 89-124, 1999.

SILVA, Cláudia N. e COSTA, Selma F. “As ações assistenciais promovidas pelas igrejas pentecostais e suas expressões na política de assistência social do município de Londrina”. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, v. 28, n.1, p. 45-58, jan./jun. de 2007.

SILVA, Cláudia N. “As ações sociais promovidas pelas igrejas pentecostais: motivações e dificuldades”. *Estudos de Religião*, São Paulo: v. 23, n. 36, 35-60, jan./jun. de 2009.

_____. “Assistência social e caridade: convergências e divergências”. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, v. 26, p. 3-14, set. de 2005.

_____. “Caridade e ação social das igrejas: a quem se destinam”. Versão resumida do primeiro capítulo da tese de doutorado.

_____. “Igreja católica, assistência social e caridade: aproximações e divergências”. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 8, nº 15, p. 326-351, jan/jun de 2006.

SIMÕES, Pedro. *Ajuda social: das relações entre religião e serviço social Brasil/ Inglaterra*. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro: tese de doutorado, 2004.

SOUZA, André Ricardo. “Igreja Católica e mercados: a ambivalência entre a solidariedade e a competição”. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro: 27(1), 2007, p. 156-174.

TREMBLAY, Mireille. “Le don, la dette et l’identité: *homo donator VS homo oeconomicus* Jacques T. GODBOUT , Montréal, Boréal 2000, 190 p.”. *Nouvelles pratiques sociales*, 14, 1: p. 212-216, 2001.

VALLE, Edênio. “A Renovação Carismática Católica: algumas observações”. *Estudos Avançados*, São Paulo: 18, (52), 2004, p. 97-107.

VATTIMO, Gianni. *Acreditar em Acreditar*. Lisboa: Relógio D’ Água Editores, 1998.

_____. *Depois da Cristandade*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

VELHO, Otávio. “O que a religião pode fazer pelas ciências sociais?” *Religião e sociedade*. Rio de Janeiro, 19 (1): 9-17, 1998.

_____. *Besta-Fera: recriação do mundo*. Rio de Janeiro: Relume Dumaré, 1995.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Ed. Martin Claret: São Paulo, 2004.

_____. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Ed. UNB: Brasília, 1991.

_____. *Ensaio de sociologia*. LTC Editora: Rio de Janeiro, 2002.

WHYTE, W.F. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre*. Rio de Janeiro, Zorge Zahar Editor, 2005.

Sites e blogs consultados:

A Gente da Comunidade - <http://agcomunidade.blogspot.com>

A Gente da Comunidade RS - <http://agentedacomunidades.blogspot.com>

Arca Universal - <http://www.arcauniversal.com>

Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul- <http://www.al.rs.gov.br>

Associação Brasileira de Desenvolvimento Social - <http://www.pestalozzisp.org.br>

Bispo Edir Macedo - <http://bispomacedo.com.br>

Blog Notícias da Universal - <http://iurdafogadosrecifepe.blogspot.com>

Carlos Gomes- <http://deputadocarlogomes.blogspot.com>

Cristão da Universal- <http://www.cristaodauniversal.com.br>

Crivella Não Blog - <http://crivellanao.blogspot.com>

Instituto Ressoar- <http://www.ressoar.org.br>

IURD Angola - <http://www.iurdangola.net>

IURD Argentina - <http://www.iglesiauniversal.com.ar>

IURD África do Sul- <http://www.uckg.org.za>

IURD Moçambique - <http://www.iurdmocambique.com>

IURD Portugal - <http://iurd.pt>

IURD Venezuela - <http://www.centrodeayudaespiritual.com.ve>

Evangelização da IURD de Minas Gerais - <http://evangelizacaomg.blogspot.com>

Evangelização da IURD de São Paulo - <http://www.evangelizacaouniversalsp.com.br>

Folha Universal- <http://folha.arcauniversal.com.br>

Força Jovem - www.juventudeonline.com.br;
www.forcajovemuniversal.com.br
www.forcajovembrasil.com.br
www.juventudecarioca.com.br

Guia-me - <http://www.guame.com.br>

Help Centre África do Sul - <http://www.helpcentre.co.za>

Ministério da Previdência Social - <http://www.mpas.gov.br>

Mulheres em ação da África do Sul - <http://www.womeninaction.co.za>

Fernanda Bezerra - <http://nandabezerranamibia.blogspot.com>

Partido Republicano Brasileiro - <http://www.prb10.org.br>

Projeto Nordeste - <http://www.projetonordeste.com.br>

Senador Marcelo Crivella - <http://marcelocrivella.com.br>

Sisterhood - <http://godllywood.com>

Universo Universal- <http://universouniversal.wordpress.com>